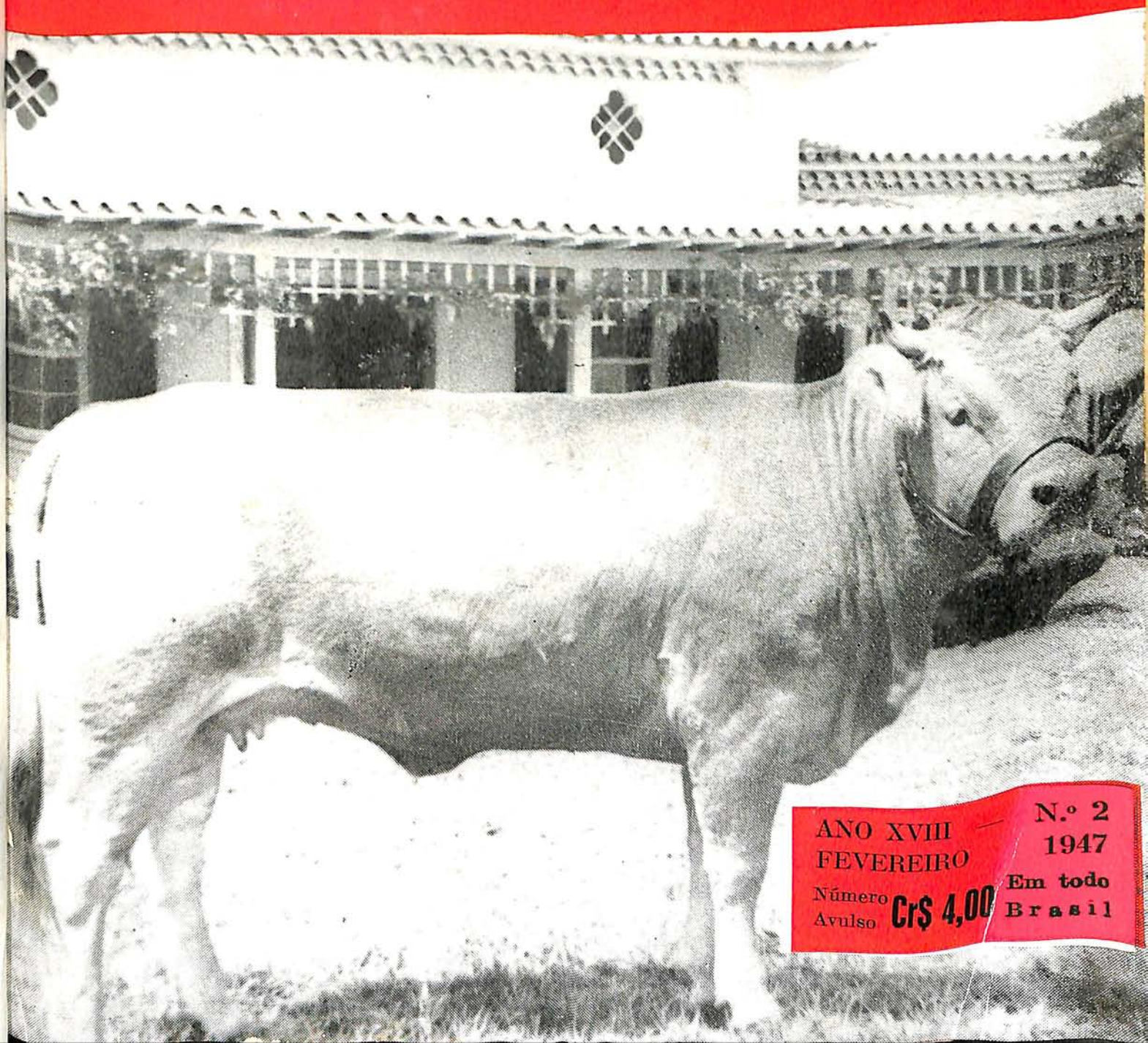


REVISTA *dos* CRIADORES



ANO XVIII
FEVEREIRO

Número
Avulso

Cr\$ 4,00

N.º 2
1947

Em todo
Brasil

Esta o Sr. firando

todo o Lucro

que sua criação
pode dar?



Veja abaixo o resumo de experiências feitas com a Mistura Iodo Cálcio Fosfatada nos maiores centros criadores do mundo. Pense no que representa em **NOVOS LUCROS** para o Senhor. Produto veterano, usado por milhares de criadores, é o caminho seguro, fácil e econômico para aumentar a renda de carne, leite, ovos, lã e tração. Experimente-o!

ESTIMULA A REPRODUÇÃO — As leilãs, novilhas, potranças, ovelhas, etc., ficam prenhas mais cedo. Diminuem as fêmeas "maninhas" e os abortos. Produzem a idade mais avançada. (Estação Experimental de Lacombe — Canadá).

AJUDA O CRESCIMENTO — A criação cresce mais depressa. A produção de carne, ovos e lã chega mais cedo. (Cooperativa de Agricultura do Estado de Iowa — E. E. U. U.).

REFORÇA A RESISTÊNCIA NATURAL — Intensifica a função defensiva da glândula tireóide. Aumenta a resistência às doenças em geral. Prolonga a vida útil do animal. (Estação Real de Budapest).

EVITA A OSTEOMALÁCIA — Os ossos ganham em resistência. Diminuem as quebras e os defeitos de conformação. (Estação Agrícola de Staffordshire — Inglaterra).

DEFENDE CONTRA A AFTOSA — Os animais afetados resistem melhor. Reduz a mortalidade. Abrevia-se a convalescença. (Dep. de Agricultura de Penja — Índia Inglesa).

AUMENTA E MELHORA O LEITE — O leite torna-se mais abundante e nutritivo. Valoriza-se para o comércio e para as crianças. (Dep. de Saúde da Suíça).

EMBELEZA O PELO E A LÃ — Dá brilho e sedosidade ao pelo. Melhora a qualidade e a quantidade da lã nos carneiros. Verificações feitas em Michigan, Leipzig (Grã-Bretanha).

CONSERVA AS AVES SADIAS — Aumenta a saúde e a produção de carne e

MISTURA IODO CÁLCIO FOSFATADA

Econômico no custo

Sacos de 40 quilos	Cr.
" " 10 "	220.0
" " 5 "	70.0
" " 2 "	40.0
" " 1 quilo	18.0

- generoso nos resultados!

Pedidos à
ASSOCIAÇÃO
DE
CRIADORES
Rua Senador
Feljó n.º 30

Associação Paulista de Criadores de Bovinos

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

DIRETORIA

Presidente - Dr. Lafayette Alvaro de Souza Camargo.

Vice-Presidente - Dr. Mario Masagão.

1.º Secretário - Dr. Bernardo Gavião Monteiro.

2.º Secret. - Dr. João Baptista Lara.

1.º Tesour. - José C. Moraes.

2.º Tesoureiro - Paulo Eduardo de Souza.

DIRETOR-GERENTE

José C. Moraes

Arnaldo de Camargo.

(Em licença)

CONSELHO CONSULTIVO

Eliseu Teixeira de Camargo.

Cel. José Rezende Meirelles.

Antonio Bento Ferraz.

Joaquim de Barros Alcantara.

João de Moraes Barros.

Servulo Pacheco e Silva.

Osny da Silva Pinto.

Orlando de Barros Pereira.

João de Castro Guimarães.

SUPLENTE

Dr. Naur Martins.

José Procopio de O. Azevedo.

Dr. Pio de Almeida Prado.

Francisco Pereira Lima.

Francisco Galvão Bueno.

Antonio Fachardo Junqueira.

MÉDICOS VETERINÁRIOS

Dr. Celso de Souza Meirelles.

Dr. Luiz Berardinelli.

Dr. Brasiliano Candido Alves.

Dr. Noé Mazotti

TÉCNICOS

LEITE E DERIVADOS e CONTROLE LEITEIRO

Dr. Fidelis Alves Netto.

CARNE E DERIVADOS

Dr. Pascoal Mucclolo.

AGROSTOLOGIA

Dr. Breno de M. Andrade.

ENGENHARIA RURAL

Dr. Laercio Osse.

AVICULTURA

Dr. Henrique Raimo.

GERENTE COMERCIAL

Otto Plessmann.

19 ANOS DE CRIADORES AOS CRIADORES PRESTADOS AOS CRIADORES 19 ANOS DE BONS SERVIÇOS PRESTADOS AOS CRIADORES

A QUESTÃO DO LEITE

Fidelis Alves Netto

Carta dirigida à redação do "O Estado de São Paulo":

Na qualidade de estudioso do assunto e estando de certo modo ligado aos serviços de abastecimento de leite das cidades, tomo a liberdade de dirigir-lhe estas minhas ponderações mais com o objetivo de cooperar na solução desse tão importante assunto do que com o desejo de travar polémica.

Como todo o bom brasileiro e paulista orgulho-me de minha terra e tenho o honesto desejo de trabalhar por um Brasil melhor. Ainda não perdi a ilusão de que podemos fazer muita coisa em prol dessa infância que aí vem.

Concordo com a direção desse jornal e com o autor de uma missiva publicada nesse matutino em 27 de janeiro p.p., nos pontos em que Ss. Ss. se referem à desonestidade que impera no comércio de leite. No entanto Sr. Redator, penso que ao criticar, é preciso que o façamos com acerto e com o objetivo de sanar um erro, apontando as suas causas e propondo medidas para saná-las. Criticar apenas por criticar, engrossar com mais um palpite uma onda de protestos de nada nos vale nesse assunto. Neste sério problema de abastecimento de leite de nossas cidades é necessária a cooperação e o esforço de todos.

Em princípio devemos concordar que, apesar das aparências somos pobres. Não temos nem indústria nem meios de transporte e infelizmente, nesse assunto, somos dotados ainda de muito pouca instrução. Os graves problemas que impedem um bom abastecimento de leite de nossas cidades estão sempre ligados a esses fatores.

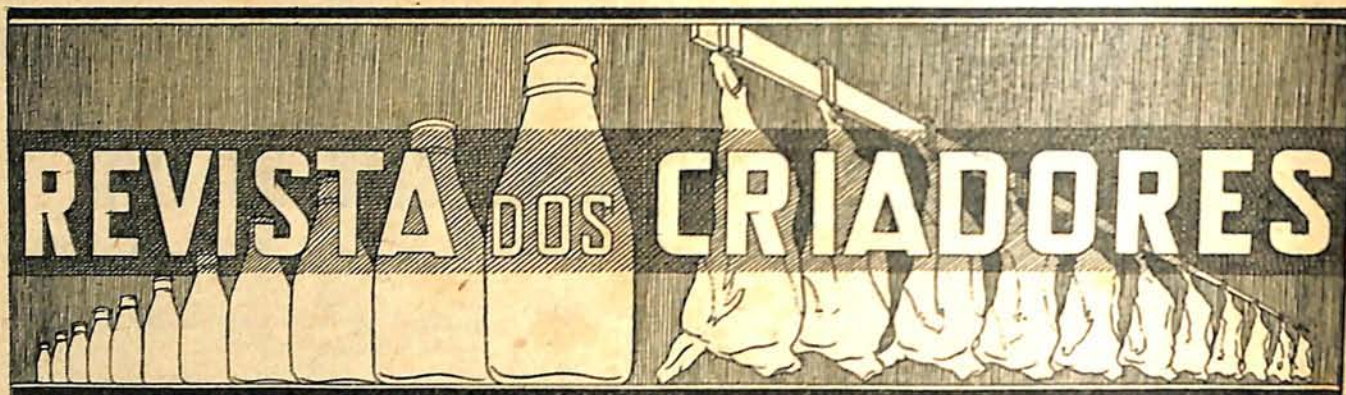
Aqueles que de fato conhecem o problema de abastecimento de leite das grandes cidades do mundo são concordes em considerar a atual legislação paulista não uma obra prima, porém, qualquer coisa de apreciável. Tanto é assim que no Rio de Janeiro hoje cuida-se de introduzir na sua velha legislação muitos e interessantes pontos dos nossos regulamentos.

Porém a aplicação dessa legislação vem sendo descuidada e como resultado a cidade acha-se mal abastecida.

Sobre o fator honestidade é porém para onde devem convergir nossas preocupações, mais ainda do que no outro, também importante, capacidade téc-

(Conclue na pag. 39).





Redação: RUA SENADOR FEIJÓ, 30

— TELEFONE, 2-8268 —

S. PAULO — BRASIL

ANO XVIII

FEVEREIRO - 1947

N.º 2

Diretor-Responsável e Gerente:

LUIZ A. PENNA

Redator Chefe:

DR. PASCOAL MUCCIOLLO

Colaboradores Especializados:

Indústria de Laticínios:

**DRS. FIDELIS ALVES NETTO e
JOSE' DE ASSIS RIBEIRO**

Engenharia Rural:

DR. LAERCIO OSSE

Avicultura:

DR. HENRIQUE F. RAIMO

Alimentação:

DR. BRENNO M. DE ANDRADE

Direito:

DR. HELLY LOPES MEIRELLES

Veterinária — Clínica Geral:

DR. NOE' MAZOTTI

★

"REVISTA DOS CRIADORES", órgão oficial da Associação Paulista de Criadores de Bovinos.

Registrado no DNI n.º 11.328

★

As opiniões expendidas em artigos assinados correm por conta de seus autores.

★

Na transcrição de artigos pede-se citar o nome da "REVISTA DOS CRIADORES".

★

Assinatura:

1 ano	Cr\$ 40,00
2 anos	Cr\$ 72,00
3 anos	Cr\$ 100,00

Sob registro, mais Cr\$ 6,00 por ano.

★

Venda Avulsa:

Distribuidora Internacional Ltda.

Cx. Postal, 3542 — Rio de Janeiro

Cr\$ 4,00 em todo o Brasil — Atrasado Cr\$ 5,00

★

Representante para o Estado do Ceará:
ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICA LTDA.

R. Sena Madureira, 721, 3.º — FORTALEZA.

★

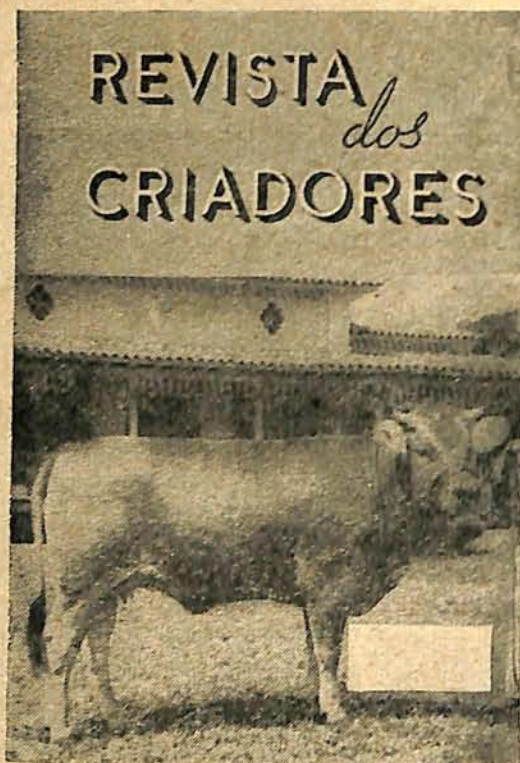
Correspondente e Representante para as
Repúblicas do Uruguai e Argentina:
ROLF MEYERHEIM

Granja Elisabety, Colonia Valdense, República do Uruguai.

LEITOR AMIGO: Já ha tempos que vimos pedindo sua opinião a nosso respeito e foi com satisfação que recebemos as muitas cartas que chegaram. Todavia, isto ainda não só em contáto com vocês que vivem de fato no campo é que poderemos saber das suas necessidades para alguma coisa fazermos em seu benefício. Lembrem-se de uma coisa; tiramos 5.000 exemplares desta edição, dando u'a média de 6 leitores por revista, ela está sendo lida por 30.000 pessoas. Imagine só o quanto nos contar as suas dificuldades ou o que se passa em sua região. "UM POR TODOS E TODOS POR UM", este é o nosso lema.

O ARTIGO DE SEU INTERESSE ESTÁ AQUI?

- PAGINA 1 — Questão do leite — *assunto inesgotável* — Dr. Fidelis Alves Netto.
- PAGINA 4 — Nossa capa — *uma formosa Schwyz.*
- PAGINA 4 — Campesinato — *Agricultura paulista, "Canchin"* — *Um modelo, Quanto vale um imigrante, Comércio de carnes, Aproveitando do abate, 88 mil tratores, Leguminosas.*
- PAGINA 24 — Valorização dos couros — *riquezas desperdiçadas* — Francisco Alves Rocha.
- PAGINA 29 — A indústria de laticínios em Alagoas — *lá, o "ouro verde" é uma forragem.*
- PAGINA 30 — Um país a mingua de leite — *pagar mais para produzirem mais.*
- PAGINA 35 — Principais alimentos na avicultura — *tabelas sobre os nutrientes* — Dr. Henrique Raimo.
- PAGINA 40 — Principais forrageiras — *propagação, cultivo, preparo do solo e classificação das forrageiras de acordo com a utilidade* — Dr. Brenno M. Andrade.
- PAGINA 43 — Digestão dos alimentos — *quanta coisa a este respeito* — Dr. Brenno M. Andrade.
- PAGINA 47 — Inconvenientes e vantagens da cerca eletrizada — *um bom corretivo para animais bravos.*
- PAGINA 48 — A excursão do Ministro da Agricultura aos estados do Sul — *um penhor de confiança ao homem do campo.*
- PAGINA 49 — Novo diretor do D.N.P.A. — *o homem e o profissional* — P. M.
- PAGINA 50 — Sua carta chegou — *nora consulta.*
- PAGINA 50 — Podendo leia — *um interessante livro sobre arboricultura.*
- PAGINA 51 — Informações jurídicas — *venda de terras com falta de área, dispensa do serviço militar de trabalhadores agrícolas e moratória aos pecuaristas* — Dr. Helly Lopes Meirelles.
- PAGINA 54 — Receituário prático — *fabricação de vinagre, fórmulas uteis, misturas oleosas.*
- PAGINA 58 — Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B. — *acompanhe aqui, o valor destas vacas.*
- PAGINA 61 — A Sra. faça assim... — *dois novos pratos e nova receita de pão.*
- PAGINA 62 — Cotações dos produtos lacteos — *movimento de Janeiro.*



Uma formosa puro sangue de "pedigree", da raça Schwys, estampamos em nossa capa. Pertence ao antigo plantel da Fazenda "Sant'Ana", iniciado pelo saudoso criador patricio Sr. Supercio Teixeira de Camargo e continuado por seu filho, Sr. Eliscu Teixeira de Camargo.

A Fazenda "Sant'Ana", que póde orgulhar possuir o methor plantel Schwys, puro sangue do Brasil e, mesmo, da America do Sul, como não podia deixar de ser, é o principal centro disseminador desta extraordinária raça em nosso País.

PERMUTA

Desejamos estabelecer permuta com revistas similares. Deseamos estabelecer canje con revistas similares. On désire établir échange avec les revues similaires. We wish to establish exchange with all similar reviews.



Campereando

DO QUE SE PUBLICA EM LIVROS, REVISTAS E JORNAIS, NACIONAIS E ESTRANGEIROS, APARTAMOS PARA VOCE ESTES TÓPICOS. SE ENTRE ELLES NAO ESTIVER O ASSUNTO QUE LHE INTERESSA, COMUNIQUE-NOS, E NA PRÓXIMA CAMPEREADA O SATISFAREMOS.

Agricultura paulista

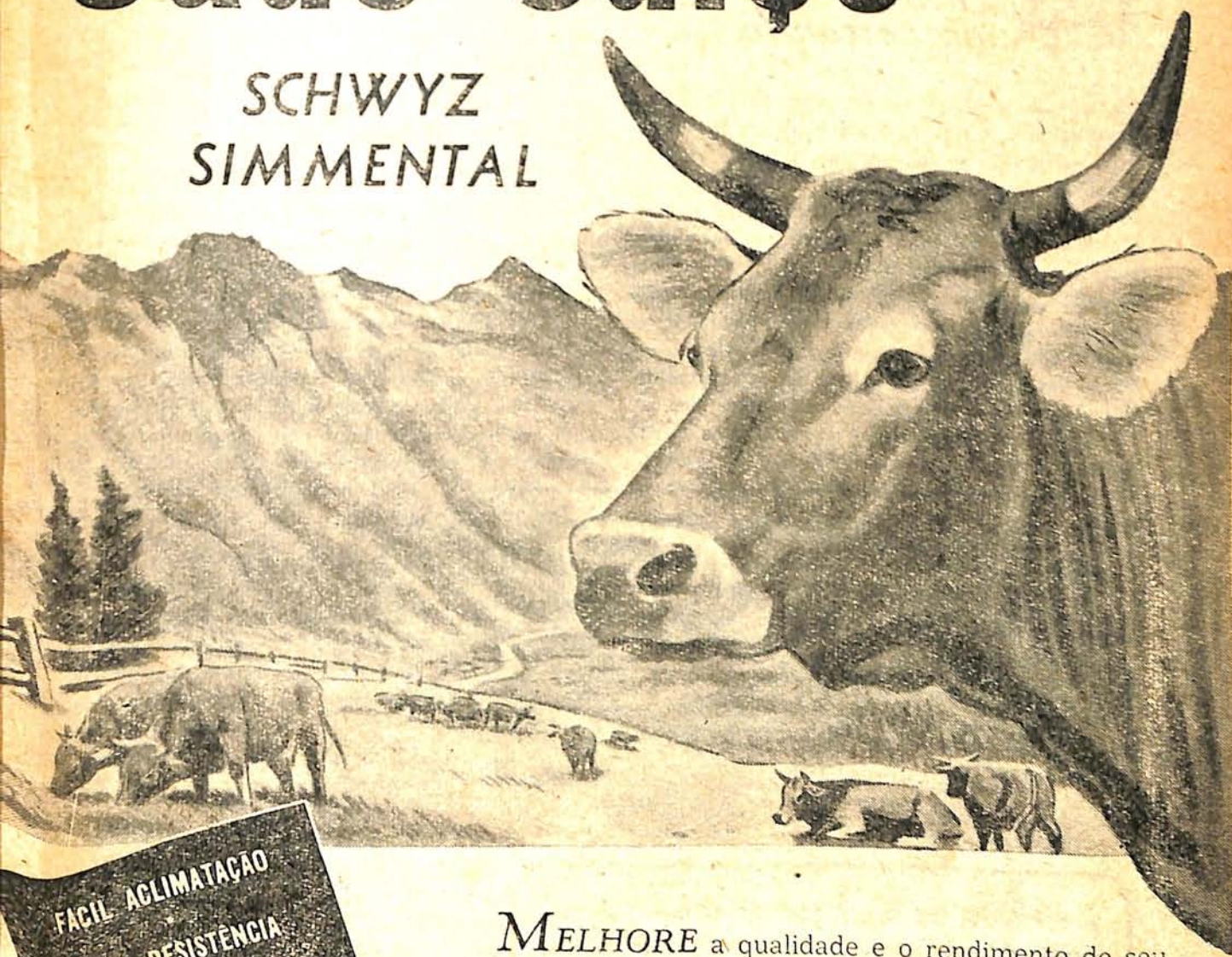
Discute-se se "Fortune" tem razão quando afirma que a agricultura brasileira está em decadência, marchando para tristes dias no caminho em que vai, morro abaixo. Mas não pode haver contestação. Aí está a verdade, que as estatísticas comprovam. Não é só o café. Em geral, as atividades rurais ou decaem ou crescem em proporções muito fracas se comparadas ao aumento da população e ao progresso econômico do Estado.

Há para isso explicações várias. Acima de tudo, a política de Getulio no DNC, aparelho infernal montado para extinguir a cafeicultura paulista e aniquilar São Paulo. Depois, os baixos preços dos produtos agrícolas, rigorosamente tabelados enquanto se permitiam aos artigos industriais altas violentas que fabricaram milionários da noite para o dia. Ainda, a falta de braços, a falta de transportes, a falta de organização da distribuição e do consumo. Acrescenta-se a ignorância e a rotina dos nossos lavradores, que em maioria ainda estão na idade da pedra lascada nos seus processos de trabalho, impermeáveis aos aperfeiçoamentos que fazem da agricultura uma indústria inteligente e eficaz noutras mais felizes partes do mundo.

A grande causa, porém, não tem sido lembrada. Acha-se ela no nosso regime tributário. No

Gado Suíço —

SCHWYZ
SIMMENTAL



FÁCIL ACLIMATAÇÃO
ALTA RESISTÊNCIA
EXCELENTE FECUNDIDADE
GRANDE LONGEVIDADE
MAXIMO RENDIMENTO
EM LEITE
CARNE E TRABALHO

MELHORE a qualidade e o rendimento de seu plantel, aproveitando a facilidade que oferecemos para importar, diretamente da Suíça, touros, vacas, garrotes e novilhas da mais fina linhagem leiteira. Estes magníficos exemplares, de rusticidade e capacidade de adaptação ao nosso solo, são postos na sua fazenda mediante transação rápida, econômica e segura. Peça-nos informações sem qualquer compromisso.

CIA. PRADO CHAVES EXPORTADORA

DEPARTAMENTO DE IMPORTAÇÃO

AV IPIRANGA, 795 - 10.º ANDAR - FONE: 4-9840 - CAIXA POSTAL, 555 - SÃO PAULO

Campereando

plano nacional, foi ela engendradora para multar e impedir toda e qualquer atividade na produção, na distribuição e no consumo, taxando pesadamente as mercadorias na sua fonte, no seu caminho e no seu destino, com um furor que só se compreenderia num conquistador decidido a triturar o Brasil para mantê-lo pobre e escravo. No plano internacional, não nos ocupamos senão em proibir as importações, com isso proibindo as exportações, que são sempre correlativas, recusando-nos a comprar de outros povos e portanto impedindo-nos a nós mesmo de vender-lhes.

Graças ao protecionismo aduaneiro, os lavradores têm altamente encarecido o seu custo de

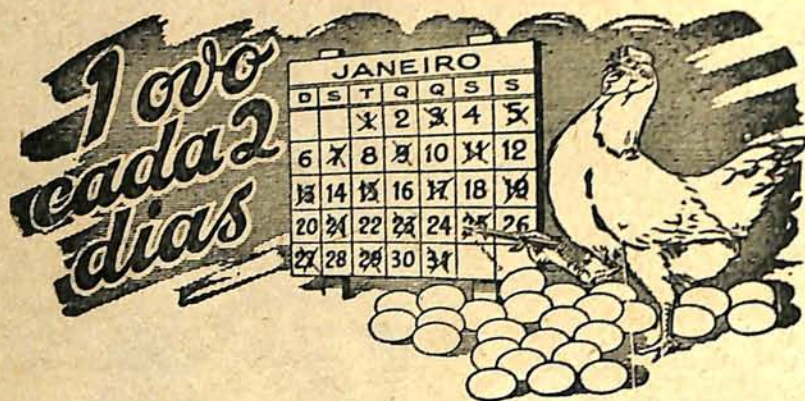
produção porque compram caro os alimentos de que precisam, os tecidos de que se vestem, os medicamentos que não podem dispensar, os adubos que empregam, as ferramentas que utilizam, os transportes, tudo. Na hora de vender, porém, invertem-se as posições: não podem exportar e, limitados aos mercados internos, submetem-se ainda a tabelamentos unilaterais, que atingem só os seus produtos e que os obrigam a alimentar barato as populações das cidades que lhes fornecem artigos a preços altíssimos.

Sob esse regime, não admira nem surpreende o quadro que "Fortune" pinta e que aparece agora como uma novidade quando é coisa visível, sabida, notória para quem olha por cima dos arranha-céus para além da serra da Cantareira. O que espanta é que ainda sobreviva a agricultura paulista. Sem uma grande vitalidade e uma grande resistência, já cada fazenda, cada sítio devia ter-se transformado numa tapera circundada de samambaia, sapé e barba-de-bode, entregue ao cupim e à saúva...

Dir-se-ia que chegou a propósito a São Paulo o sr. Daniel de Carvalho, ministro da Agricultura. Dizê-lo seria, porém, uma das melhores piadas do ano. O Ministério da Agricultura não existe. E', lá no Rio de Janeiro, um aparelho burocrático cuja ação não logramos perceber, salvo pequeninas ilhas como por exemplo a fazenda Canxim. Que fez ele pela nossa cafeicultura? Pelo algodão? Pelos cereais? Por qualquer outra produção rural de São Paulo?

Confiemos, se nalguma coisa queremos confiar, na nossa Secretaria da Agricultura. Aí se trabalha e se produz. Se o futuro governo lhe der verbas bastantes e um comando capaz, dela poderá vir a restauração agrária de São Paulo.

No resto do País, "Fortune" terá razão. No nosso Estado, desmentiremos o seu sombrio prognóstico se o sr. Adhemar de Barros escolher um secretário da Agricultura que realize 30% das nossas possibilidades imediatas. — Rubens do Amaral. ("Jornal de S. Paulo").



É a média de produção de uma boa galinha. Para alcançá-la, e médias ainda mais elevadas, é preciso que as aves encontrem em sua alimentação todos os **nutrientes** necessários, em quantidade e qualidade, não só para a manutenção do seu corpo como para produzir ovos.

As "Rações Concentradas Brasil" **garantem** o fornecimento desses nutrientes.

(Resp. Brenno M. de Andrade, eng.-agro.)

Produto da Refinadora de Oleos Brasil S/A
Rua Xavier de Toledo, 114 - Caixa Postal, 1117
São Paulo





Gosta DE FAZER PÃO EM CASA ?

Não passe sem pão, porquanto o pão é um alimento indispensável. E, se gosta de fazer pão em casa, nunca dispense o Fermento Sêco Fleischmann... Porque é uma garantia de qualidade, no volume, na aparência, na textura da massa e no sabor. E lembre-se: agora êste famoso produto pode dispensar a refrigeração, bastando guardá-lo em lugar sêco e fresco. Veja a receita nos dizeres da latinha.

**FERMENTO SÊCO
FLEISCHMANN**

Produto da Standard Brands of Brazil, Inc. — Rio de Janeiro

AGORA
em
econômicas
latinhas
de 60 grs.



D D T

"ISA"

EMULSIONAVEL

PARA DILUIÇÃO EM AGUA PARA
O COMBATE AOS PIOLHOS, MOS-
CAS, MOSQUITOS, BERNE E CAR-
RAPATOS; PARA PULVERISAÇÃO
EM ESTABULOS, GALINHEIROS,
CAVALARIÇAS E PARA DESTRUI-
ÇÃO DOS FOCOS DE MOSQUITOS.

**VACINA CONTRA A
PESTE SUINA (cris-
tal violeta)**

**VACINA CONTRA A
FEBRE AFTOSA**

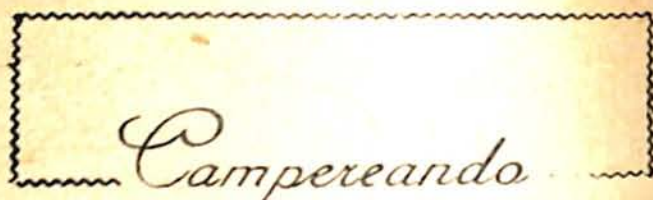
Informações com os distribuidores:

PROD. VET. ZOOFARMA LTDA.

R CRISTOVÃO COLOMBO, 63, 1.º and. 8. 5

FONES: 3-4298 e 2-6634.

End. Teleg. "Zoofarma" — São Paulo



**"Canchim" -
um modelo**

Nunca se lamentará assáz o in-
compreensível absurdo que se
perpetra no Brasil, onde o Mi-
nistério da Agricultura é o que
menor quinhão recebe nos bilhões das dotações
orçamentárias. Não somos país armamentista,
e os ministérios das forças armadas absorvem,
reunidos, enorme percentagem das receitas na-
cionais. Somos um povo pobre, e o ministério
da Fazenda devora outra colossal fatia do bolo
orçamentário. A coisa vai por aí além, e para
a Educação e Saúde pouco resta, a despeito de
se dizer que o Brasil é um vasto hospital e tem
80 por cento de analfabetos. E para a Agricul-
tura sobeja uma ridícula mesquinha, con-
quanto na verdade o Brasil seja, e ainda haja
de ser por muitas décadas, um país essencia-
mente agrícola.

Bem se podem imaginar os esforços de gi-
nástica financeira em que se há de contorcer
um ministro desejoso de fazer algo de apresen-
tável em benefício da agro-pecuária nacional.
Não há verbas, não há dinheiro com que se fa-
çam construções, com que se realizem obras, com
que se fundem escolas, e se disseminem postos
e se adquiram máquinas e se contratem técni-
cos e se importem raças. E isto, e tanta coisa
mais, é rudimentar atribuição de um ministé-
rio de Agricultura a estimular com elementos
comezinhos a lavoura e a pecuária do país.

Entretanto, não há negar que, sobretudo ul-
timamente, — digamos, a partir da gestão mi-
nisterial do sr. Fernando Costa — o Ministé-
rio da Agricultura está desenvolvendo, dentro da
mesquinhez das dotações que recebe, um plano
apreciável de proveitosas atividades. Modelares
escolas agrícolas, magníficos campos experimen-
tais — para exemplificar — estão surgindo no
país como elementos fecundos de prosperidade
econômica, de adiantamento técnico na multifa-
ria produção do campo.

Ainda agora, por ocasião da visita do mi-
nistro Daniel de Carvalho, os paulistas tiveram
a atenção vivamente atraída para 'Canchim', a
esplendida fazenda experimental que o Ministé-
rio da Agricultura criou e mantém no municí-
pio de São Carlos. Aquilo é um modelo de or-
ganização, um padrão de orgulho para a nossa
capacidade técnica. São inestimáveis os servi-

TOURINHOS GIR DE "PEDIGREE"

O DR. PIO DE ALMEIDA PRADO INICIOU A VENDA DE TOURINHOS DE "PEDIGREE", FILHOS DO SEU CELEBRE RAÇADOR "MAXIXE MANDAGUAÍ".

Deve estar ainda na lembrança de todos o sucesso alcançado pelo raçador "Maxixe Mandaguaí", na última exposição de Baurú, onde, 14 produtos deste excelente reprodutor obtiveram 14 prêmios, conquistando todas as melhores colocações entre os animais da raça Gir. Este acontecimento teve grande repercussão, principalmente, nos meios zootécnicos por ser o melhor atestado até agora obtido sobre a capacidade genética das raças indianas.

Não vamos insistir aqui sobre a importância zootécnica do feito de "Maxixe Mandaguaí", por ser facilmente avaliada por nossos leitores. O que desejamos tão somente, é divulgar uma notícia que por certo será de grande interesse para todos os criadores de Gir: o Dr. Pio de Almeida Prado, acaba de nos comunicar ter iniciado a venda de tourinhos de "pedigree", filhos de "Maxixe Mandaguaí". Para aqueles que já possuam rebanho apurado, não

há dúvida que esta notícia é realmente auspiciosa, pois, sabemos da dificuldade que geralmente encontram para adquirir reprodutores de confiança capazes de continuar de modo seguro o aprimoramento de seus plantéis.

Os tourinhos que o Dr. Pio de Almeida Prado, ora põe à venda possuem, além de nobre ascendência, mais uma qualidade que, aliás, caracteriza todos os produtos da Fazenda Mandaguaí — a garantia de filiação. Toda res que sair desta Fazenda como filha de "Maxixe Mandaguaí", é porque é filha de "Maxixe Mandaguaí". Responsabilidade e seriedade são fatores importantíssimos na criação de gado fino. Assim conscio desta responsabilidade, o Dr. Pio de Almeida Prado, mantém os seus rebanhos sob o mais rigoroso controle, não havendo possibilidade de ver comprometido o seu nome, cuja tradição de honestidade é o seu grande patrimônio.

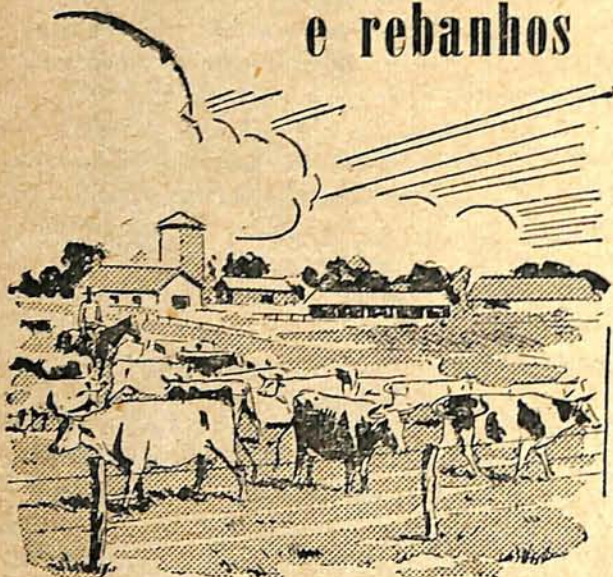
Para maiores informações dirigir-se ao Dr. Pio de Almeida Prado, Fazenda Mandaguaí, Jaú, Cia. Paulista E. F., Estado de S. Paulo, ou a esta redação.

O notável grupo de reprodutores da raça Gir, crioulos da Fazenda Mandaguaí, premiados na Exposição de Baurú.



LYSOFORM BRUTO DD

para granjas
e rebanhos



MANTENHA alto índice de saúde entre a sua criação, desinfetando e higienizando as suas instalações com Lysoform Bruto D. D. — Lysoform Bruto DD é de efeitos seguros nas aplicações tópicas (feridas e bicheiras) e também no tratamento de moléstias internas dos animais. Lysoform Bruto DD é o mais poderoso germicida que se conhece! Solicite folhetos sobre suas diversas aplicações.



LABORATÓRIOS LYSOFORM S/A

MATRIZ — SÃO PAULO, RUA TAQUARÍ, 1338 — TELEFONE 9-1161
FILIAL — RIO DE JANEIRO: RUA DO LAVRADOR, 70-A — FONE 42-5943
FILIAL — PORTO ALEGRE: RUA CAP. MONTANHA, 113 — TELEFONE 5654

Panam • Casa de Amigos

cos que está prestando à pecuária brasileira e paulista, com ocupar-se, em sentido prático e positivo, de experiências genéticas do mais dilatado alcance de benefício para a riqueza agropecuária do país. São admiráveis de senso prático e confortadoras em comprovado êxito, as experiências já realizadas em torno da criação de um tipo robusto e precoce de gado para corte, pelo cruzamento do indubrasil e do charolês. Iguais características de brilhante resultado exibem as experiências em torno da fixação — em torno da raça "piau" — de um tipo suíno que equilibre em tempo apreciável a dupla vantagem da carne e do toucinho. E chegou também a entusiasmar pelo fulgor dos resultados alcançados o estudo tendente à criação e disseminação de um tipo de cavalo que vá substituindo entre nós a deselegância pouco rendosa dos pangarés caipiras, pelo desempenho gracioso, robusto, ágil e macio do sangue árabe.

Outros estudos ali se procedem, em "Canchim", no terreno das culturas correlatas com a pecuária, isto é, forragens e pastarias adequadas ao nosso clima.

Eis o que é "Canchim", onde, ademais, se criou a maravilha de um ideal ambiente rural capaz de por si só incutir nos fazendeiros e sítiantes que o conheçam, poderosos estímulos de aperfeiçoamento de métodos rurais e de elevação das condições mesológicas, econômicas e sociais, do trabalho agrícola.

Na verdade, repetimos, "Canchim" é um modelo, e um padrão de honra para o Ministério da Agricultura a pompear a capacidade de seus técnicos e a eficiência de seus métodos de realização e de trabalho.

(“A Gazeta”).

Quanto vale um imigrante?

Em 1906, sob os auspícios do presidente da República, cons. Rodrigues Alves, realizou-se no Rio de Janeiro um “Congresso Brasileiro de Expansão Econômica”, visando o estudo dos problemas econômicos do Brasil.

Uma das teses que mais interessaram os congressistas foi a imigração. O representante de São Paulo, dr. A. Teixeira da Silva, citou judiciosos conceitos sobre a colaboração do trabalhador estrangeiro na formação econômica e so-

Aos criadores do Brasil



MATRIZ

Avenida Agua Branca, 798 - (Em frente ao Parque de Indústria Animal)
Fones: 5-9229 e 5-7084 — Caixa Postal, 5013 — SÃO PAULO
Endereço Telegráfico: "SOCILIL"

FABRICA

Avenida Santa Marina, 1571 — (Estação Agua Branca) — Telef. 5-9229

FILIAL EM UBERABA:

Rua Olegario Maciel, 24 — Telefone, 1138
Caixa Postal N.º 100 — Minas Gerais

As rações balanceadas que levam o
sêlo "Socil" - símbolo de seriedade -
estão sendo largamente usadas pelos
mais adiantados lavradores do País.
A sua eficiência resulta no menor custo

Campereando

cial do país, salientando que o povoamento do território nacional era então, e ainda seria, por muito tempo, o principal problema econômico do Brasil.

Atrair imigrantes, dizia o ilustre congressista, eis a primeira necessidade econômica de nossa pátria. E acrescentava:

— “Na verdade, de que nos vale ter terras uberrimas, em quantidade incalculável, se não temos quem as cultive? Fala-se em atrair capitais estrangeiros, porém mais necessários são os imigrantes do que esses capitais, pois cada imigrante é um capital vivo. No Brasil do que mais precisamos é do trabalhador”.

No Império era São Paulo a quarta província em importância e riqueza e passou a ser na República o primeiro Estado do Brasil, graças à imigração patrocinada pelo governo paulista.

— “O imigrante, diz o economista italiano Luiz Cossa (“Problemas Econômicos”, pag. 9), é um agente da produção, produção que ele realiza com o seu trabalho, trabalho que lhe dá prosperidade, sendo o capital o resultado de uma produção anterior, que se aplica a uma produ-

ção subsequente. O principal elemento da produção e da riqueza, é o homem, o trabalhador”.

A América do Norte, pouco maior que o Brasil em extensão territorial, empregou esforços ingentes no povoamento do seu solo e graças à imigração é hoje o país mais próspero e mais rico da terra. O imigrante não é somente o trabalhador como também é o capital, pois representa, ao mesmo tempo, uma e outra coisa, afirma Ernesto de Faville (“Estudos de Economia”, pag. 38), acrescentando:

— “Cada imigrante representa, em média, para qualquer país, um valor de 20.000 francos”.

O economista Eduardo Young, que dirigiu por muito tempo o Departamento de Imigração dos Estados Unidos, em publicação oficial de 1908, calculava em 800 dólares o valor de um imigrante, ou seja, no câmbio atual, dezesseis mil cruzeiros.

Aceitemos o cálculo do americano Young e verificaremos que tendo São Paulo recebido, em pouco mais de cinquenta anos, cerca de dois milhões de estrangeiros, ganhou, nesse espaço de tempo, com a imigração, trinta e dois bilhões de cruzeiros.

Mas, para o Brasil, que alicerçou durante quase quatro séculos, a sua economia na escravidão do índio e do negro e que viveu, durante esse tempo, com uma população branca inferior à de negros, mulatos e mamelucos, ao valor econômico da imigração juntar-se-ão o valor

étnico, isto é, a melhoria do elemento racial na população brasileira. Pouco antes da República, a população de São Paulo e do Brasil era formada por um terço de brancos e dois terços de negros, mulatos e caboclos, descendentes de mamelucos, conforme uma estatística de 1883. E hoje? Em São Paulo, que tanto se beneficiou com a imigração há quatro quintos de brancos, para um quinto de pretos e mulatos, como se verifica facilmente na consulta do último recenseamento realizado entre nós.

Na Agricultura, na Indústria e Comércio da terra paulista encontramos o valor econômico da imigração, representado por velhos imigrantes, filhos de imigrantes, netos de imigrantes. Ao valor indiscutível do paulista deve São Paulo a sua riqueza, mas ninguém pode negar que essa ri-

CRESCOS

**mata bicheiras
em segundos!**

LABS. RAUL LEITE S.A.

A VENDA NA ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES

NÃO BASTA SABER TIRAR LEITE DA VACA...

- é preciso saber

TIRAR LUCRO do LEITE!



Produto da maior e mais antiga fábrica de desnatadeiras, com mais de 60 anos de experiência, a desnatadeira ALFA-LAVAL aumenta os lucros do leite, porque:

- * garante o lucro, mesmo quando falte o transporte diário, indispensável para venda do leite.
- * aproveita o leite desnatado para o fabrico de caseína ou para a alimentação dos porcos, dando um lucro EXTRA.
- * sólida, pelas suas engrenagens das mais finas ligas de metais sucos, silenciosa pela sua lubrificação automática, produz anos e anos seguidos.

ALFA-LAVAL

DISTRIBUIDORES:

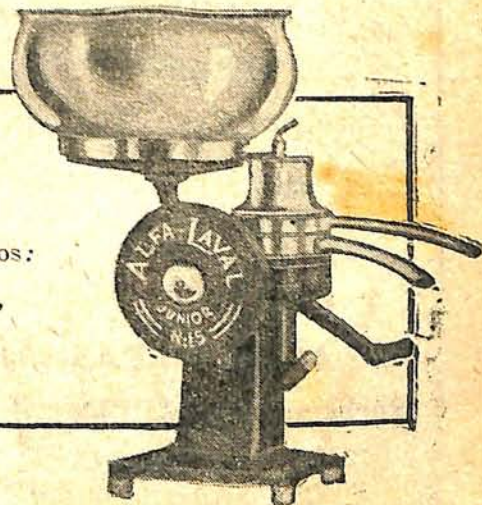
Cia. Fabio Bastos

COMERCIO E INDÚSTRIA

AGORA

4 séries de modelos:

ROSE, JUNIOR,
MODELO 60,
INDUSTRIAL



Rio de Janeiro — Rua Teófilo Otoni, 81
São Paulo — Rua Florêncio de Abreu, 367
Belo Horizonte — Rua Rio de Janeiro, 368
Porto Alegre — Avenida Julio de Castilho, 30



TRAJES

para caça e
lides campestres

JAQUETAS

CALÇAS

BLUSAS

CULOTES

CASA

ANGLO-BRASILEIRA

Sucessora de MAPPIN STORES

S. PAULO

Campereando

queza teve a cooperação do imigrante e seus descendentes.

Sessenta por cento da riqueza paulista está nas mãos de imigrantes, filhos de imigrantes, netos de imigrantes. O parque industrial de São Paulo, o primeiro da América do Sul, tem como proprietários, 70 % de velhos imigrantes, filhos de imigrantes, netos de imigrantes. E a massa operária que o movimento é formada por uma maioria de imigrantes, filhos de imigrantes, netos de imigrantes.

Isso quer dizer que a imigração enriqueceu São Paulo.

Frederico Atson, que foi sub-secretário da Agricultura nos Estados Unidos, em um de seus relatórios, diz:

— "Os Estados Unidos não seriam hoje o líder da riqueza mundial sem a cooperação do estrangeiro que aqui veio trabalhar nas múltiplas atividades da economia nacional. Não neguemos ao imigrante a sua parte na prosperidade econômica de nossa pátria".

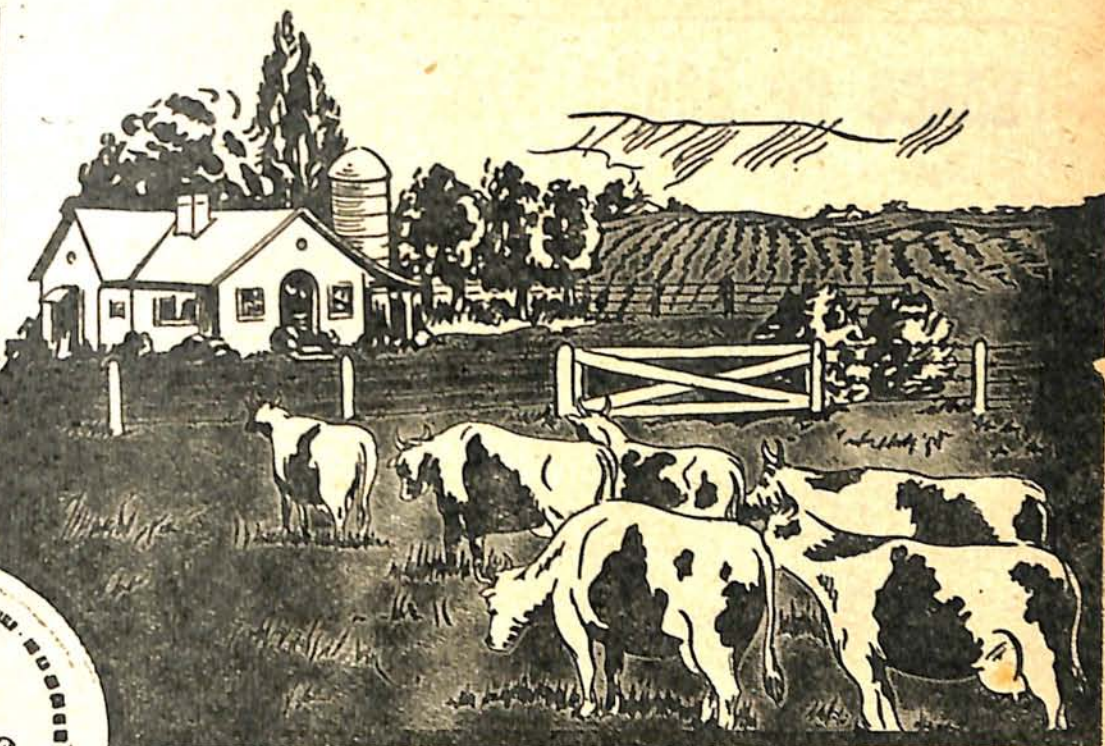
* * *

Disso tudo, esta conclusão: um imigrante tem um valor, é um capital vivo, é um agente, como trabalhador, da prosperidade e riqueza de um país, principalmente de um país como o Brasil, de população insuficiente, necessitando de trabalhadores — Assis Cintra — ("Correio Paulistano").

Convenio de carnes

Já se pode analisar perfeitamente a situação do comércio brasileiro de exportação de carnes em conserva e frigorificada, cujo excesso ou exportação descontrolada dos anos de 1940 a 1942 criou a seria crise em que nos encontramos por falta de carne para o suprimento da população brasileira. Agora se compreende que quando a Argentina e o Uruguai tomaram medidas de fiscalização ao verificar que o "desfrute" — expressão dos meios rurais significando a proporção entre a matança e os rebanhos existentes — estava sendo forçado, o Brasil viu-se impedido a cobrir esse "deficit" e não tomou nenhuma medida de defesa do consumidor nacional. O resultado é a situa-

Feche
a
porteira
às
doenças/
USANDO



SAL INGLEZ

(COMPOSTO)

PINTO BUENO & CIA.
RUA AURORA, 39
SÃO PAULO

**UNICOS
FABRICANTES
DO**



"E' APLICADO COM GRANDE PROVEITO PARA A ENGORDA DOS ANIMAIS EM GERAL, E INDICADO COMO TÔNICO RECONSTITUINTE PARA ANIMAIS CONVALESCENTES. AUMENTA A GORDURA EM POUCO TEMPO. DÁ ENERGIA E VIVACIDADE AOS ANIMAIS".

Nas vacas leiteiras aumenta o leite e facilita a assimilação dos alimentos.

DESPEZA MENSAL DE Cr\$ 0,30, COM A SALITRAÇÃO POR ANIMAL — LUCRO DE Cr\$ 20,00 a Cr\$ 30,00 POR CABEÇA.

DISTRIBUIDORES:

- Minas Gerais - Belo Horizonte: — Secretaria da Agricultura do Estado de Minas Gerais.
Rio de Janeiro e Norte do Brasil — Hasenclever & Cia. (Em liquidação) — Campo de São Cristóvam, 110 — Caixa Postal, 640.
São Paulo — Almeida Silva & Cia. — Rua Brigadeiro Tobias, 562.
João Jorge Figueiredo S/A. — Rua Miguel Couto, 8.
Drogazil Ltda. — Rua José Bonifácio, 166.
Elekeiroz S/A. — Rua São Bento, 63.

BANCO DO BRASIL S/A

R. ALVARES PENTEADO, 112 — SÃO PAULO

COBRANÇAS - DEPÓSITOS - EMPRÉSTIMOS
- CAMBIO - CUSTÓDIA - ORDENS DE PA-
GAMENTO - CRÉDITO AGRÍCOLA E IN-
DUSTRIAL - CARTEIRA DE
FINANCIAMENTO

TAXAS DAS CONTAS DE DEPÓSITO:

Populares

(limite de Cr\$ 10.000,00) .. 4½% a.a.;
Limitados
até Cr\$ 50.000,00 4% a.a.;
até Cr\$ 100.000,00 3% a.a.;
SEM LIMITE 2% a.a.

Depósitos a Prazo Fixo:

12 meses .. 5% a.a. — 6 meses .. 4% a.a.

Depósitos de Ariso Prévio:

90 dias .. 4½% a.a. — 60 dias .. 4% a.a.
30 dias 3½% a.a.

Contas a Prazo Fixo, com pagamento mensal de juros:

6 meses 3½% a.a. — 12 meses 4½% a.a.

DIREÇÃO GERAL e AGENCIA CENTRAL:
Rua 1.ª de Março, 66 — RIO DE JANEIRO
END. TEL. "SATELITE" — Agências em
todas as Capitais dos Estados e principais
praças do País. Correspondentes nas princi-
pais praças do País e do Exterior. Agências
no Exterior: Assunção (Paraguai) e
Montevideu (Uruguai).

Agências localizadas no Est. de São Paulo:

Andradina - Aracatuba - Araguaçu - Arara-
quara - Assis - Avaré - Bariri - Barretos -
Baurú - Bebedouro - Botucatu - Bragança
Paulista - Cafelandia - Campinas - Catandu-
va - Chavantes - Duartina - Franca - Itape-
tinga - Itapira - Ituverava - Jaboticabal -
Jaú - Limeira - Lins - Marília - Matão - Mi-
rassol - Mogi das Cruzes - Monte Aprazivel -
Nova Granada - Novo Horizonte - Olimpia -
Orlandia - Pederneiras - Piracicaba - Pira-
jú - Pirajuí - Pirassununga - Presidente Pru-
dente - Promissão - Rancharia - Rib. Bonito -
Ribeirão Preto - Rio Claro - Sta. Cruz do
Rio Pardo - Sto. Anastacio - Santo André -
Santos - São João da Boa Vista - S. José
dos Campos - S. José do Rio Pardo - S. José
do Rio Preto - Sorocaba - Taquaritinga -
Taubaté - Tupã - Valparaíso - Votuporanga.

ção em que nos encontramos. O "desfrute for-
çado", de apenas três anos para atender os
mercados externos, desequilibrou o nosso abaste-
cimento por um período de cinco ou mais anos,
com todos os prejuízos e graves consequências a
que estamos assistindo. Mas examinemos antes
como se processou a exportação brasileira de
carnes em conserva e frigorificada, de acordo
com recente divulgação do Serviço de Estatísti-
ca Economica e Financeira do Ministério da Fa-
zenda:

ANOS	Toncls.	Valor a bordo em Cr\$
1934	44.213	60.831.000,00
1935	63.517	95.636.000,00
1936	75.077	127.348.000,00
1937	90.231	149.029.000,00
1938	70.416	153.299.000,00
1939	83.989	221.961.000,00
1940	148.119	465.813.000,00
1941	103.377	449.000.000,00
1942	123.118	636.714.000,00
1943	66.454	393.681.000,00
1944	50.971	311.796.000,00
1945	31.478	198.630.000,00
1946 (10 meses)	47.564	323.741.000,00

As carnes em conserva compreendem as de bo-
vinos e suínos, enlatadas e em salmouras, bem
como presuntos e salsicharias. Nas frigorifica-
das incluem-se as de bovinos, ovinos e suínos,
conhecidas no comércio internacional por dois
principais tipos: "Chilled beef" ou carne res-
friada e "Frozen beef" ou carne congelada. A
princípio, todos os países sul-americanos criado-
res, Argentina, Brasil e Uruguai exportavam, na
sua quase totalidade, carne resfriada mas, de
1935 para cá, cresceu muito o volume de carne
congelada e o Uruguai, já em 1938, exportava
mais "Frozen" ou congelada do que "Chilled".
Há, portanto, uma crescente procura nessa par-
te do continente do tipo de carne frigorificada
congelada que, entretanto, ainda não alcança
em volume a do tipo resfriada.

A causa perturbadora do abastecimento nacio-
nal de carne, como vimos acima, data do ano de
1940, quando a Argentina que, no ano anterior,

*Esta soma MULTIPLICARÁ
seus Lucros!*

CÁLCIO	11,9%
PROTEÍNAS	14,5%
GORDURA	12,2%
+ EXTRATOS não AZOTADOS	39,7%
FIBRAS	12,5%
UMIDADE	9,2%

= RESÍDUOS DE CACAU "ORQUIMA"

— O ALIMENTO PREFERIDO PARA MISTURA NAS RAÇÕES DE BOVINOS — EQUINOS — ASININOS — SUINOS — AVES — ETC.



Magnífico para engorda e fortalecimento dos animais



Preço — Cr\$ 600,00 por tonelada ensacada e posta vagão em São Paulo.

Frete — Mínimo — igual ao do capim e ao da alfafa (tabela 4).

Sacos — Cada saco devolvido em bom estado será creditado em Cr\$ 3,00 nas futuras compras.

FAÇA UMA ENCOMENDA EXPERIMENTAL AOS FABRICANTES

"ORQUIMA"

INDÚSTRIAS QUÍMICAS REUNIDAS S. A.

MATRIZ: SÃO PAULO — Rua L'bero Badaró, 158 — 6.º Andar

FILIAL: RIO DE JANEIRO — Av. Rio Branco, 138 — 9.º Andar

FILIAL: BAHIA — Edifício Fiaes — Av. Estados Unidos s/n.

DOSAGEM

SUÍNOS:

Leitões mamando (até 3 meses)	5%
Leitões na desmama (3 a 5 meses)	8%
Capadetes	10%
Meia ceva e selecionados . . .	15%
Capados e porcas de cria . . .	20%

BOVINOS:

Bezerros	10%
Reprodutores e vacas leiteiras . .	20%
Outros animais: 20%	
Animais novos: 10%	



Campereando

atingira o máximo de exportação, com 601.363 toneladas, fiscalizou a saída desses produtos enviando apenas para o exterior 515.257 toneladas. O Uruguái, que exportara 93.650 toneladas, em 1939, também diminuiu em 1940 para 87.304. Foi esta a maneira que os países platinos encontraram para proteger os seus rebanhos. Ante isso, a Grã-Bretanha procurou cobrir a falta das carnes argentinas e uruguaias, nos "frigoríficos instalados no Brasil que começaram a trabalhar o máximo para atender os pedidos da Inglaterra e dos Estados Unidos". E aconteceu então que o Brasil que exportara em 1939 um total de

83.989 toneladas, elevou em 1940 o volume a 148.119, acima portanto das suas possibilidades e sacrificando os seus rebanhos que até hoje não puderam recompor-se, ainda mais por que exportações similares se repetiram nos anos seguintes, 1941 e 1942.

No ano de maior exportação brasileira de carnes, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística promoveu o recenseamento geral e verificou a existência no país de um total de 34.392.419 bovinos, sendo 11.161.301 garrotes e novilhos em idade de matança, pois o restante se constituía de vacas (cuja matança é proibida), touros, bois de trabalho e bezerros de menos de um ano. Dos garrotes e novilhos, naquele ano, o Brasil abateu, inclusive nos matadouros municipais a incrível percentagem de 68,7%, ou sejam 6.990.304 animais, calculando-se que de um a um milhão e quinhentas mil cabeças destinaram-se à produção de carne em

conserva e frigorificada para exportação no ano de 1940. Sendo assim não se pode esperar o restabelecimento da normalidade no mercado interno se o volume de exportação voltar a crescer. Daí a medida há pouco sugerida de se fixar o limite máximo de exportação desses produtos em 50% da média anual de carne exportada nos dez anos antes da guerra até conseguir-se o abastecimento normal da população

brasileira. Esta seria uma providência verdadeiramente eficaz para a defesa dos nossos rebanhos e de ajuda à alimentação do nosso povo, cuja proteção deve estar antes da de qualquer outro.

("O Estado de S. Paulo")

Aproveitamento do abate

Animal, do Ministério da Agricultura, realizar, privativamente, nos estabelecimentos que façam comércio interestadual ou internacional, a inspeção de animais destinados à matança, bem como das matérias primas, produtos e sub-produtos de origem animal e suas misturas com

— Compete à Divisão de Inspeção de Produtos de Origem



Nenhum criador joga fóra propositadamente o leite que produz em sua fazenda — porque leite é dinheiro proveniente de trabalho contínuo e penoso.

Já pensou, entretanto, em quantos latões de leite o senhor desperdiça simplesmente porque deixa de os produzir?

Lembre-se de que para produzirem com eficiência e economia as vacas leiteiras exigem uma **alimentação racional** — farta, rica e bem equilibrada.

As "RAÇÕES CONCENTRADAS BRASIL" são cuidadosamente calculadas para a obtenção do máximo rendimento dos seus animais, conservando-os fortes e sadios.

Experimente-a hoje mesmo e nunca mais deixará de usa-la.

(Resp. Brenno M. de Andrade, eng.-agro.)

Produto da Refinadora de Óleos Brasil S/A
Rua Xavier de Toledo, 114 - Caixa Postal, 1117
São Paulo





Evite preocupações

no estudo de planos para suas
Construções Rurais

NOSSA EXPERIÊNCIA DE 19
ANOS, INDICA O QUE DE
MAIS PRÁTICO, CÔMODO E
ECONÔMICO ADOPTAR

PLANTAS PARA CONSTRUÇÕES RURAIS

PLANTAS

	Cr\$
Cocho Coberto para dar sal ao gado	10,00
Tronco para ordenha	10,00
Banheiro para Suínos	10,00
Estábulo para 60 vacas	20,00
Estábulo Econômico	20,00
Estábulo para 26 vacas	20,00
Estábulo MODELO	20,00
Estábulo para 48 vacas	20,00
Plataforma para banho carrapaticida com bomba de aspersão	10,00
Aprisco para 70 carneiros	10,00
Projeto de uma grande estrumeira	10,00
Projeto de uma pequena estrumeira	10,00
Tipo de pequena pocilga	10,00
Cavalaria mixta	20,00
Tronco para apartação de gado	10,00
Palol	10,00
Tronco para cobertura	10,00
Fábrica de Manteiga	20,00
Silo Subterrâneo	10,00
Silo de 130 toneladas	20,00
Silo Aéreo	20,00
Silo de Encosta	20,00
Projeto de um Silo Econômico	20,00
Projeto de um Rolo de Faca	10,00
Galpão esterqueira	20,00
Cocheira	30,00
Banheiro Carrapaticida	20,00
Tipo de maternidade dupla para 24 suínos	20,00

PLANTAS

	Cr\$
Curral	20,00
Currais com apartação e tronco para ordenha	20,00
Abrigo Mixto	10,00

RESFRIAMENTO DE LEITE, ENGARRAFA- MENTO E CONSERVAÇÃO ATÉ O MOMEN- TO DA ENTREGA

Estes projetos contém: planta, cortes, fa-
chadas, esquemas e dados de toda espécie
para a construção completa; além de um me-
morial descritivo do maquinário necessário
com todas especificações técnicas e orientado.
ras para a instalação.

PROJETOS COMPLETOS (planta e memorial)

	Cr\$
Fábrica de Manteiga - Cap. 100 lts.	100,00
Fábrica de Manteiga - Cap. 300 lts.	100,00
Fábrica de Manteiga - Cap. 500 lts.	100,00
Posto de Resfriamento de latões por circulação - Capacidade 200 litros	100,00
Posto de Resfriamento - Cap. 200 lts.	100,00
Posto de Resfriamento - Cap. 500 lts.	100,00
Posto de Resfriamento e Engarrafa- mento - Capac. 200 litros diários	100,00
Posto de Resfriamento e Engarrafa- mento - Capac. 500 litros diários	100,00

Os associados gozam o desconto de 20% sobre os preços desta lista



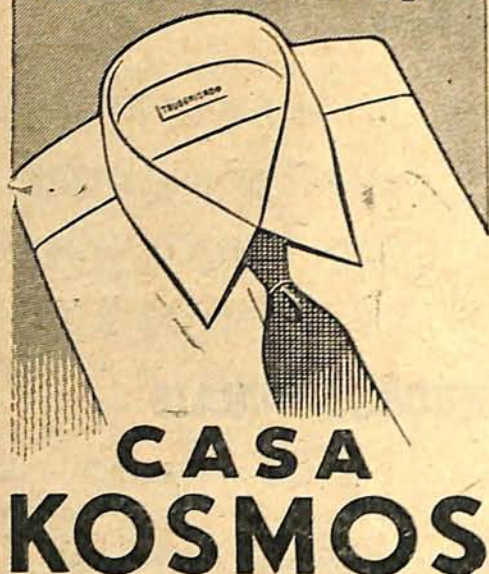
PEDIDOS A

Associação Paulista de Criadores de Bovinos

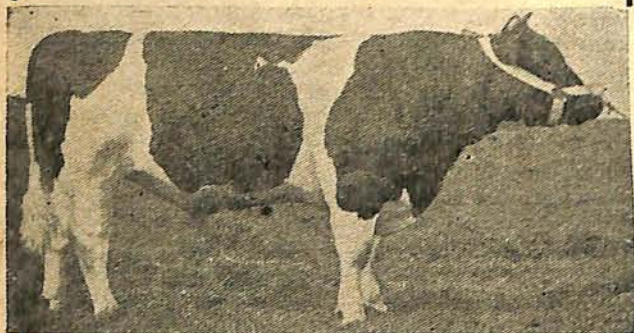
(EX-FEDERAÇÃO DE CRIADORES)

RUA SENADOR FEIJÓ, 30 — S/LOJA — FONES: 2-3832 e 2-6429 — S. PAULO

**O Collarinho
TRUBENIZADO
e' molle e não enruga**



**IMPORTE DIRÉTAMEN-
TE DA HOLANDA**



*Reprodutores de puro sangue
preto-branco e vermelho-branco.*

N. R. S.

*Registro Genealógico Holandês de Haya.
Fornecedor do Governo Federal. — Mais
de 150 reprodutores encomendados este
ano pelo Brasil.*

REPRESENTANTE GERAL

LUIZ A. FALCÃO

R. ARAUJO PORTO ALEGRE, 56 - Ap. 64
End. Telegráfico ANIFALCO
RIO DE JANEIRO

Campereando

produtos vegetais recebidos, manipulados, preparados, transformados ou depositados nos mesmos estabelecimentos. Verificando os técnicos dessa dependência do Departamento Nacional da Produção Animal a existência de grande desperdício da maioria das fábricas de produtos da carne, com graves prejuízos para a economia do país, resolveu o diretor daquela Divisão, sr. Augusto de Oliveira Lopes, fixar um critério uniforme, que deverá ser obedecido, de ora em diante, na construção, reconstrução ou adaptação de fábricas e entrepostos, visando impedir a proliferação de estabelecimentos que não possam dispor de equipamento adequado.

Para esse fim, expediu instruções às Inspetorias nos Estados, recomendando severa fiscalização, no sentido de não permitir o registro de fábricas que não estejam devidamente aparelhadas para o perfeito aproveitamento dos chamados resíduos de autoclave, farinha de sangue, de osso e de carne, bem como no que se refere às condições de higiene em geral do estabelecimento e da manipulação.

Em consequência dessa medida, a Divisão em apreço, que se acha interessada em melhorar a produção de fertilizantes orgânicos e alimentos para animais, está elaborando projetos completos para a instalação de dependências destinadas ao aproveitamento de sub-produtos, com o respectivo equipamento, destinados às seguintes classes de estabelecimentos: a) matadouros industriais regionais, que venham a ser construídos em substituição aos matadouros municipais; b) charqueadas; c) matadouros municipais, visando o preparo de tortas que se destinem às fábricas de produtos industriais, onde serão industrializados para o preparo de adubo e outros sub-produtos; e d) fábricas de produtos industriais ou de alimentação, de animais.

**88 mil tra-
tores**

Segundo cálculos de autoridades na matéria, o Brasil precisa de oitenta e oito mil tratores. Nem mais, nem menos. Oitenta e oito mil. E existem possibilidades de fabricação dessas máquinas, em grande escala, em nossa terra — adiantaram os técnicos. Garantindo que será possível motorizar rapidamente

*A solução do
seu problema
pode estar
num destes
livros...*



Pedidos à

ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES

CRIAÇÃO

	Volume - Cr\$
Criação Prática de Suínos	10,00
Manual do Criador de Caprinos	15,00
Bovinos das Raças Indianas — Dr. Celso de Souza Meirelles — As- suntos de suma importância para todos que se dedicam à criação das Raças Zebú	40,00
Como Criar Bezerros — Dr. Celso de Souza Meirelles	2,50
Exterior e Julgamento dos Equídeos — Prof. Walter R. Jardim	30,00
Manual Prático de Castração — Dr. Celso de Souza Meirelles — Deta- lhes e segredos na arte de castrar	12,00
Manual de Medicina Veterinária — Alvaro da Penha Sobral	25,00
Obstetrícia Veterinária — Dr. René Straunard	25,00
Manual do Criador de Bovinos — Prof. Nicolau Athanassof	85,00
Principais Característicos da Boa Vaca Leiteira — Hugh G. Van Pelt ...	6,00
Manual do Criador de Suínos — Prof. Nicolau Athanassof	40,00
O Zebú — Prof. M. Paulino Cavalcanti	20,00
A Pecuária Cearense e o seu melhora- mento — Prof. Octavio Domingues	20,00

LEITE E LATICÍNIOS

Noções Gerais Sobre o Leite — Ma- nuel de Arruda Behmer	20,00
Análise do Leite e Laticínios — 3.ª Edição contém ilustrações de todo o material usado nessa especialidade	10,00
Fabricação de Queijos — Manuel L. Arruda Behmer	20,00
Fabricação dos Queijos — Castro Brown	10,00
Leite e Derivados — João Vieira ...	10,00
Indústria do Queijo e da Manteiga — Manuel de Arruda Behmer	18,00
Industrialização da manteiga	20,00

CONTABILIDADE E ORGANIZAÇÃO

	Volume - Cr\$
Contabilidade nas Fazendas - D. Tafuri	15,00
Livro para Registro de Gado Bovino — Em duas Partes — A primeira para escrituração e controle geral do gado existente na fazenda e a se- gunda para o registro individual de cada animal	20,00
Livro de Controle, com 24 folhas pa- ra o gado existente, na fazenda e controle da produção de leite ...	25,00

AVICULTURA

Conjunto de Lições sobre Criação de Galinhas, Patos, Marrecos, Gansos, Perús e Coelhoos. - Volume ricamen- te encadernado com 386 paginas .	50,00
Instalações Avícolas Industriais	20,00
Perús, Patos, Marrecos e Gansos e sua Criação	10,00
O Fator Sucesso em Avicultura	8,00
Pintos de Um Dia (2.ª edição)	12,00
Os Perús — Adaptação e ampliação de J. Reis — Criação e aproveitamento	10,00
Marrecos e Patos — Tradução e ada- tação de J. Reis	10,00
Incubação dos Ovos de Galinha — Trad. e adaptação de J. Reis	8,00
Criação de Galinhas — J. Reis	10,00

DIVERSOS

Construções Rurais — Prof. Orlando Carneiro	30,00
Silo Econômico — Finalidade e instr. p/ construção de um silo subterrâneo	8,00
Principais Forrageiras para o Estado de São Paulo — Brenno M. de An- drade	5,00
A Mecanização da Lavoura — Octavio R. Cunha	30,00
Reflorestamento - Mansueto Kosciuski	8,00

Para remessa, sob registro, pelo correio mais Cr\$ 5,00 por volume

NÃO TRABALHAMOS COM O SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

Os associados gozam o desconto de 10% sobre os preços desta lista

Campereando

te a lavoura brasileira, para considerável aumento da produção, chave da solução de todos os nossos problemas.

Temos acompanhado com interesse essa questão dos tratores. Mas não podemos deixar de estabelecer paralelo entre essa declaração, de que precisamos de oitenta mil tratores e podemos fabricá-los, com um fato que há poucos dias foi discutido na Sociedade Rural Brasileira. Cuidava-se da questão da importação de enxadas. E os lavradores reclamavam prontas providências, de quem de direito, para que fossem desembaraçadas quinze mil enxadas importadas, das quais a lavoura estava precisando com urgência.

Importamos enxadas, pois. As nacionais, são caras e não prestam. Assim também acontece com arados, pás, picaretas, foices, tudo que o lavrador usa, em seu trabalho. E quando resolvemos produzir em casa o que seja útil à lavoura, resolvemos começar logo pelos tratores.

Mas, positivamente, será possível acreditar nos tratores brasileiros? Serão melhores do que as enxadas? E o lavrador, com a simples existência de uma fábrica nacional de tratores, encontrará de imediato os recursos, a compreensão e o crédito necessários para que passe a usar tais máquinas?

São perguntas, porém, feitas apenas por fazer. Na verdade, ninguém vai responder. Os

fatos é que responderão quando, dentro de alguns anos, estiverem em experiências os primeiros tratores nacionais.

Leguminosas

O emprêgo de leguminosas como adubos verdes nas terras de todo o Estado poderá apresentar benefícios surpreendentes, de acôrdo com as experiências dos últimos dez anos, prevendo-se para tempo relativamente curto a sua prática generalizada em rotação com as lavouras de café, algodão, milho, arroz e outras. Os êxitos obtidos no Estado de S. Paulo servem de estímulo aos investigadores agrícolas da Argentina, Uruguái, Chile e outros países sul-americanos, e as nossas conclusões são citadas pelos técnicos estrangeiros, dada a importância econômica que representa o uso desses adubos em relação aos de origem química ou mineral. Aliás, Teodoreto de Camargo e Paulo Vageler, estudando a influência do clima na decomposição da matéria orgânica, chamaram a atenção dos nossos técnicos e lavradores para a rapidez com que se processa nas nossas regiões sub-tropicais, a transformação de folhas, flores, frutos e outros detritos vegetais em humus de fácil assimilação e assim posto imediatamente à disposição das plantas. Confirmam-no plenamente os dados de experiências da cultura do milho em rotação com adubos verdes, em Pindorama e Campinas, no último ano agrícola 1945/46.

Adubos verdes	Campinas	Pindorama
Mucuna	3850	5233
Feijão de porco	3487	4867
Crotalaria juncéa .	3659	5400
Crotalaria paulina .	3464	5000
Trefossia candida .	3175	4200
Guando ou Guandú	3630	4877
Sem adubo verde ..	2589	4533

A produção acima é em quilos de grãos de milho por hectare, em parcelas anteriormente

COMPOSTO DE LIMPEZA

APV

PARA LATICÍNIOS E INDÚSTRIAS ALIMENTÍCIAS
PODEROSO DESINFETANTE E PROTETOR DO ESTANHAMENTO

Para efeito máximo empregá-lo em solução de 3% e 72° C. de Temperatura

DISTRIBUIDORES:

LANDMANN, FILHOS & CIA. LTDA.

RUA MARCONI, 131

SÃO PAULO

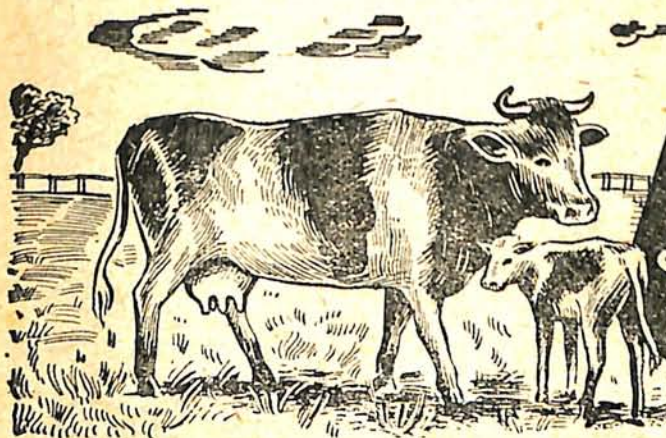
Campereando

adubadas com as leguminosas citadas, cortadas depois no período da floração e deixadas sobre o terreno até o momento da aração da primavera para o plantio. Com exceção do adubo verde "Trefosia candida" que, em Pindorama, não apresentou rendimentos acima das parcelas sem adubo, todos os outros, tanto em Pindorama como em Campinas (e neste último município inclusive com a "Trefosia") proporcionaram excelentes aumentos na produção do milho, não deixando dúvidas sobre a influência benéfica dessa prática cultural, ainda mais quando tais resultados confirmam os de ensaios semelhantes organizados desde 1941 com esse cereal.

A menor produção de milho em Pindorama, nas parcelas adubadas com "Trefosia candida" deve-se ao pouco desenvolvimento vegetativo dessa leguminosa naquele ano, pois enquanto a Mucuna produziu 74,8 toneladas de massa verde por hectare, a "Crotalaria paulina" 60,2 e o Guando ou Guandú, 49,3, a "Trefosia" apenas rendeu 21,4 toneladas enriquecendo em menor quantidade, portanto, as terras com húmus. Ade-

mais nos solos de Campinas, mais explorados sob o ponto de vista agrícola há um século, deram uma produção de milho por hectare menor do que em Pindorama, de cultivo mais recente. Mas nota-se em Campinas maior influência dos adubos verdes, pois o emprêgo da Mucuna chegou a render mais 1261 quilos de milho em relação às parcelas onde o milho foi plantado, sem o emprêgo de quaisquer adubos. Rendimentos semelhantes se verificaram com a aplicação de Crotalaria e Guando, espécies de leguminosas que com a Mucuna, na opinião dos técnicos-agronomos, irão gozar da preferência dos nossos lavradores.

Os adubos verdes, além de favorecer a produção dos outros cultivos, que pelo lado econômico imediato, são de maior interesse para os agricultores, reúnem as vantagens da conservação dos solos, criando entraves ao arrastamento das terras, pela manutenção dessas leguminosas durante um largo período sobre as mesmas, mesmo depois de cortadas. Repetimos portanto que a contínua confirmação dos efeitos da adubação verde, pelos ensaios da Seção de Cereais e Leguminosas, de Campinas, durante tantos anos, aconselham o seu imprescindível uso nas nossas lavouras de café, milho, algodão, arroz e outras, cobrindo-as com um verdadeiro tapete de plantas leguminosas que enriquecendo os solos de matéria orgânica desdobrarão as colheitas e recompensarão assim indubitavelmente, os esforços e gastos mínimos dispendidos na sua aplicação.



**EVITE O ABORTO
INFECCIOSO EM
SEUS REBANHOS**

Brucelose do bovino significa aborto infeccioso, o aborto infeccioso alastra-se rapidamente no rebanho e impede a reprodução, a falta de reprodução do rebanho representará um tremendo prejuízo na sua economia de criador. Sendo moléstia incurável, só lhe resta uma solução: EVITÁ-LA. E, felizmente, você o pode fazer, aplicando uma vacina de alta confiança e resultados seguros:



VACINA CONTRA A BRUCELOSE "VITAPEC" (AMOSTRA B-19)

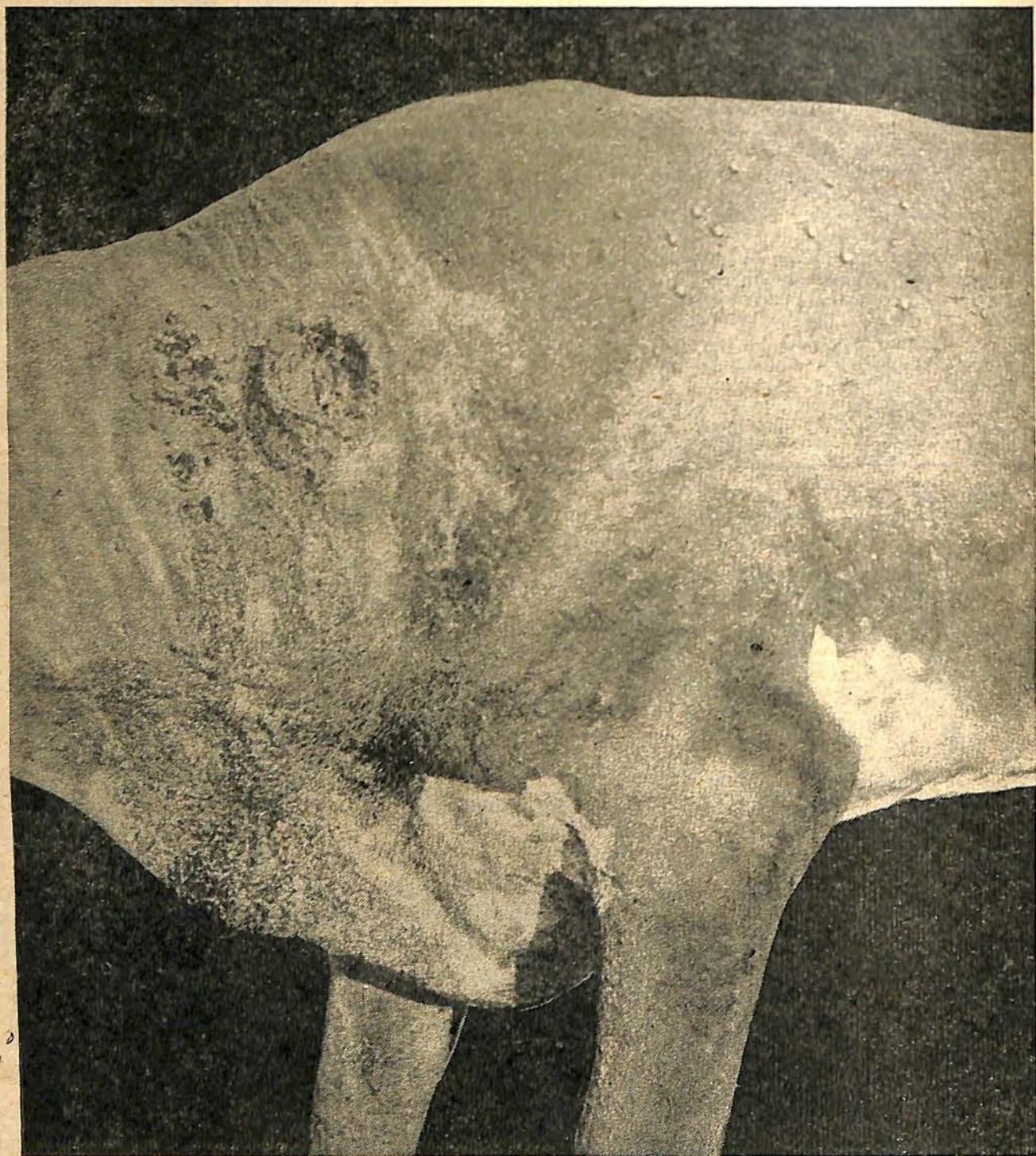
Peça literatura completa para:

PRODUTOS VETERINARIOS VITAPEC LTDA.

Rua Pamplona, 817 - Tels.: 3-4139 e 3-4130 - S. Paulo



E' INACREDITAVEL QUE AINDA EXISTAM
CRIADORES QUE PARA ASSEGURAR A POS-
SE DE UM ANIMAL APLICAM A MARCA A
FOGO SEM LEVAR EM CONTA O VALOR
DO COURO.



Valorização dos couros

CONSELHOS PRATICOS

Francisco Alves Rocha

Os que se entregam à indústria de curtumes sabem perfeitamente que os bons resultados a obter do couro ou da pele em natureza, não dependem exclusivamente dos processos empregados para o curtimento ou da pericia dos técnicos que os conduzem. É preciso, porém que ela em si seja boa inicialmente, sem apresentar defeitos de flor.

Todas as características de boa qualidade são, porém, desvalorizadas com os inúmeros defeitos encontrados na flor, desvalorizando a matéria prima e os produtos com ela fabricados.

A desvalorização, conforme acabo de expor, interessa não só ao curtidor cujo capital empregado com processos às vezes caros, não são recompensados, mas também aos fazendeiros porque afeta diretamente a sua economia.

Para mostrar as oscilações que os preços de couros podem trazer aos de gado, o que para o fazendeiro tem grande importância, lembro o que se deu no Rio Grande do Sul, em 1927.

Corria o ano no começo com os preços de couros brutos estabilizados, quando pela introdução no mercado, de compradores russos, os preços foram subindo com acentuação, atingindo ao máximo de Cr\$ 4,50 o quilo de couro salgado. Esta alta refletiu-se como era natural, nos preços de gado vivo valorizado de 40 %, comparado com o do ano anterior, chegando-se ao resultado singular de não ser mais o couro um sub-produto. Passando essa procura desordenada, efetuada para afastar dos nossos mercados os compradores ingleses e alemães, o comércio afrouxou e os preços baixaram de modo a deixar uma grande surpresa de péssimos resultados. Os curtidores ficaram quase estonteados receiosos de nova aventura. Os fazendeiros, muitos dos quais imprudentes, julgando a perenização destes preços, tornaram-se desanimados com a nova situação.

Entretanto se os couros nacionais fossem perfeitos, não seriam desvalorizados. Primeiro porque, encontrando dentro do país maior procura porque em busca de matéria prima barata, viriam em massa os curtidores de centros já explorados. Segundo, porque nos mercados estrangeiros, encontrariam colocação, ao envez destas oscilações temporárias, provocadas pela falta de couros nos países compradores que só buscam a nossa matéria prima para suprir a sua falta, empregando-a indistintamente para solas e produtos grosseiros, afim de reservar os de produção interna para o preparo de couros finos.

No Rio Grande os curtumes quando precisam

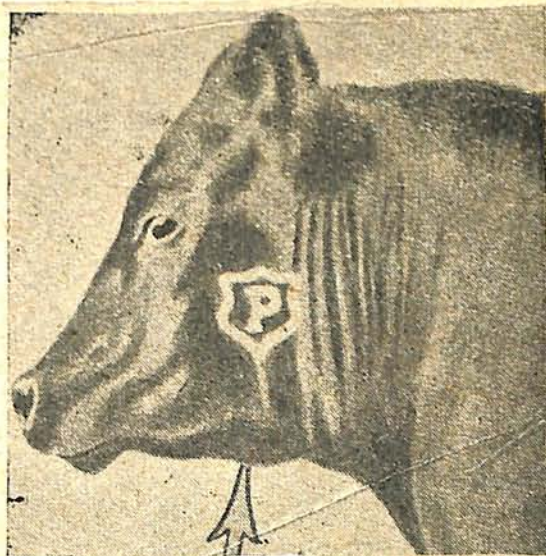
de preparar couros de melhor qualidade, vão buscar matéria prima, no município de Santa Vitória, onde por falta de uma das causas de depreciação, o carrapato, são cotados com 100 % mais de aumento.

Durante a vida do animal, como mais responsáveis pelo estrago da flor do couro, devemos considerar os carrapatos, que em média provocam desvalorização correspondente a 50% de seu valor, o berne e as moléstias da pele.

Não será demais, aconselhar aos Srs. Criadores a construção de banheiros carrapaticidas, em suas fazendas, porque a compensação não se fará esperar. Fazer a rotação dos campos, separando-os e soltando somente, nos campos limpos, animais banhados. Combater o berne com a limpeza sistemática das pastagens, libertando-as das capoeiras, onde as moscas se abrigam e desenvolvem. Curar os animais atacados, retirando e destruindo as larvas existentes.

Ainda em vida do animal, temos como causas provocadas, e por isso mesmos são mais fáceis de serem evitadas, a marcação a fogo e o arame farpado.

A marcação a fogo como é praticada ainda por muitos fazendeiros, traz grande perda para os curtidores, principalmente os couros pesados, de animais de mais de 8 anos, cujos couros se



O CONSELHO DE SE MARCAR

NA QUEIXADA
IMPORTARIA

EM UM LUCRO
ANUAL

PARA A ECONOMIA NACIONAL,
APROXIMADAMENTE,
DE Cr\$ 90.000.000,00.

CAUSAS DE DEPRECIAÇÃO

Em vida do animal	Naturais	{ carrapatos Berne
	Provocados	{ Moléstias da pele Arame farpado Marcação Ferrões
Depois da morte do animal		{ Má conservação Má tiragem

prestam para a fabricação de correias, que são os mais prejudicados com as marcas e contra-marcas, havendo couros marcados oito vezes. Seria mais conveniente e mais humano, que a marcação a fogo fosse feita com marcas pequenas tais como os modelos que o Ministério da Agricultura distribue aplicadas ao lado da face, abaixo da coxa, com uma temperatura moderada, apenas bastante para provocar a queda dos pêlos.

A alta temperatura do ferro em braza, penetra até os tecidos profundos da pele destruindo elementos nobres do derma, formando feridas

que abandonadas se transformam em focos de bicheiras além de serem portas para os organismos produtores de moléstias infecciosas.

Outro flagelo que concorre para destruir parte do valor dos couros é o uso desordenado do arame farpado como limite das fazendas.

Os animais que se encostam às cercas para se coçar, ou os que tentam atravessá-las, têm a flor de couro fatalmente arranhada, deixando a pele defeituosa e desvalorizada.

Recomendo a substituição do arame farpado pelo arame liso, ou pelo menos, colocar apenas um fio de arame farpado à altura de 80 cms. do solo, para salvar a parte mais preciosa da pele. Chamo a atenção dos poderes públicos para, em vez de ser facilitada a entrada do arame farpado, que o seja do arame liso, por ser aquele condenado.

DEFEITOS POST-MORTEM

Assim que o animal é abatido, a pele deve ser despojada de modo a se obter o seu aproveitamento total.

Muitas vezes não é o que se verifica, porque a falta de operários práticos em carnear, conduz a prejuízos grandes, provocados por talhos profundos que pelo lado do carnal interessam os tecidos preciosos pela resistência e aparência.

Os talhos devem ser retos e firmes, as facas devem ser recurvadas de modo a cortar pouco com a ponta e a operação deve ser conduzida de maneira a não deixar gorduras e carnes aderentes.

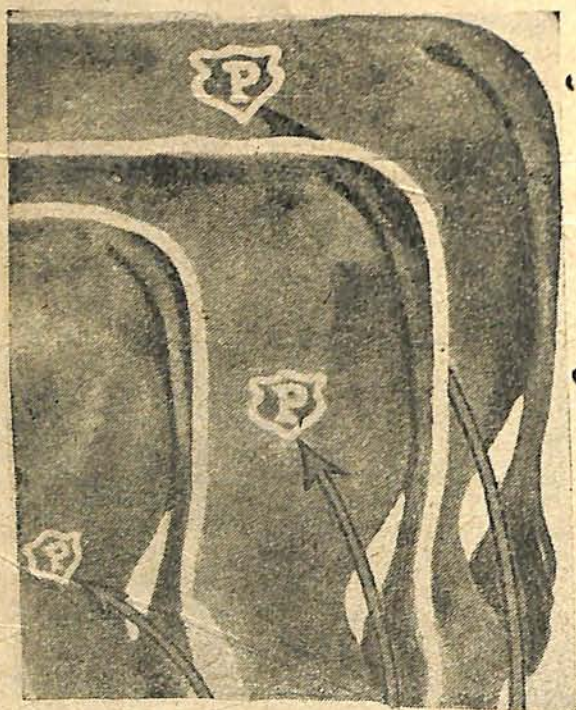
CONSERVAÇÃO

Assim que as peles ou couros são despojados entram depois de curto período, em resfriamento, em fermentação e finalmente em putrefação.

Para evitá-la os exportadores e fazendeiros, usam dois processos de conservação mais comuns, a salgação e secagem.

SALGAÇÃO OU SALGA

A salgação é tanto mais perfeita, quanto menos tempo medeia entre a morte do animal e o seu emprêgo.



A PRÁTICA DE SE MARCAR NA
ANCA OU NO GRUPON
IMPORTA
EM UM PREJUÍZO
ANUAL

PARA A ECONOMIA NACIONAL,
APROXIMADAMENTE,
DE Cr\$ 90.000.000,00.

Sabe-se em tecnologia que a qualidade de um couro curtido depende principalmente da condução desta operação.

A salgação mal conduzida, pôde permitir apodrecimento, provocar manchas, principalmente em se tratando de couros resalgados, provocar queda do pêlo, etc.

COMO SE DEVE FAZER A SALGA

1.º — Desembaraçar das carnes aderentes e gorduras;

2.º — Cortar as carnes e partes não industriais;

3.º — Lavar do lado da carne e depois do lado da flor;

4.º — Remover todo o sangue;

5.º — Escorrer o excesso d'água;

6.º — Colocar em uma salmoura forte;

7.º — Empilhar entre camadas de sal limpo e seco;

8.º — Revirar os bordos nas pilhas protegendo a saída do sal;

9.º — Escolher o sal isento de substâncias estranhas, ferro e magnésio.

A remoção do sangue merece uma nota especial, por ser o agente mais danificador, não só como ótimo meio de desenvolvimento de bactérias como por formar pela coagulação uma geleia que impede a penetração do sal nos tecidos.

SECAGEM

Tratando-se da secagem como conservação, devem-se observar os mesmos cuidados de limpeza, desembaraçando das garras, gorduras, carnes e partes desnecessárias, observando que tal limpeza deve ser feita sem água.

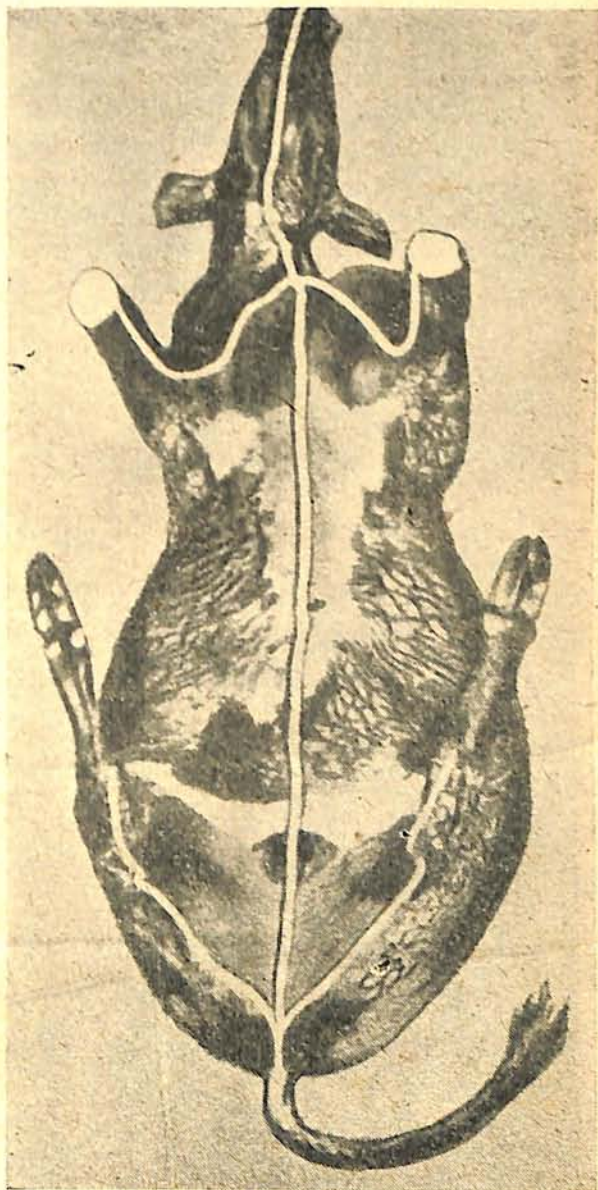
Assim feito deve-se esticar o couro ou pele com a flor para cima, sobre estacas enterradas, mas sempre a uma altura de 50 cms. do solo e nunca em contato com a terra. Esta operação pode ser feita também em varas, mas em qualquer caso as peles devem ser abrigadas do sol direto.

Deve-se evitar a incidência do calor direto, porque os poros se contraem e não permitem a evaporação da água contida nos tecidos. Também pela ação do sol as gorduras penetram na pele produzindo manchas e apodrecimento. Estirando a pele em contato com o chão, a humidade que a noite se evapora da terra condensa-se sobre ela fornecendo um meio propício ao desenvolvimento de bactérias.

IMUNIZAÇÃO

Os couros secos quando armazenados, são sujeitos a ataques de insetos. Destes o mais danoso é um cascudinho preto, chamado ponilha (Dermestes) que se alimenta da flor e do balbo capilar.

FEVEREIRO DE 1947



Indicações para efetuar os cortes do esfolamento.

Um descuido prolongado pôde trazer prejuízos totais.

Para evitá-los há um meio simples que no Sul chamam envenenamento e que nada mais é que uma imunização.

A imunização é feita em tanques de alvenaria ou madeira, com 1,30 m. de profundidade, por 1,30 m. de largura e 2,30 m. de comprimento, tendo em uma das bordas um escoredouro que desagua para dentro do tanque.

A solução imunizante é composta de 2 partes de arsenico, 1 parte de soda cáustica e mil partes de água. O tanque é cheio até 3/4 e os couros ali são imersos por alguns segundos e postos a escorrer no bordo inclinado. Uma vez escorrido, são postos a secar estando livres de insetos.



A indústria de laticínios em Alagoas

Com este mesmo título, a "Revista dos Criadores" em seu número de dezembro último inseriu interessante trabalho do Dr. José de Assis Ribeiro em que este abalizado técnico do Ministério da Agricultura e nosso presado companheiro de trabalho, contou o que lhe foi dado ver na visita oficial realizada para conhecer a indústria alagoana de laticínios.

Pois bem, de lado a estranheza que o fato poderia suscitar, a verdade distilada no escrito do Dr. Assis é que o Nordeste Brasileiro possui gado leiteiro de excelente qualidade e condições propícias para nascimento de futura indústria de laticínios.

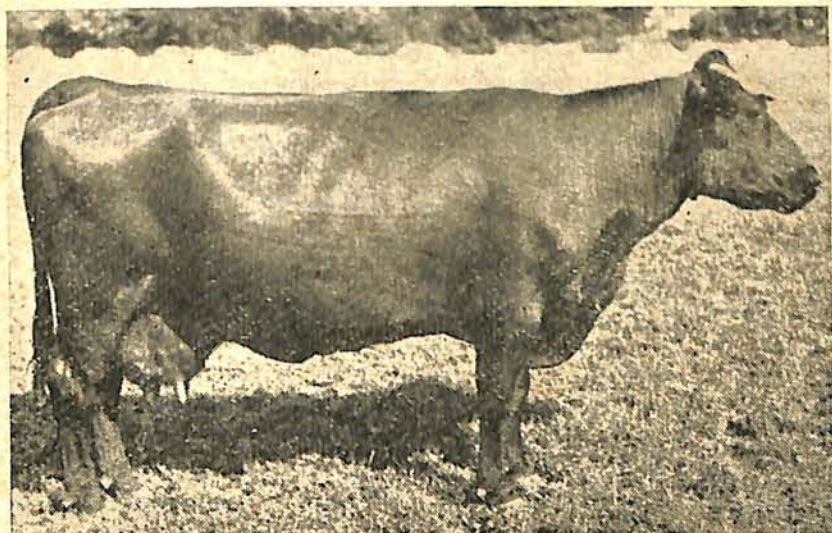
A existência de gado leiteiro da raça holandesa preto e branca na região do Sertão de Alagoas prende-se às condições climáticas da mesma e, sobretudo, à existência de uma palma, chamada propriamente de "ouro verde" que garante suficientemente a alimentação dos animais.

O fato que mais chamou a atenção do técnico visitante foi a qualidade do gado e hoje,

com estas notas, inserimos algumas fotografias que nos foram enviadas e que, por motivo de força maior, não puderam acompanhar o artigo a que acima nos referimos. Aparece também uma foto da cactacea que constitui a ração principal do gado Sertão alagoano e graças à qual se tornou possível estabelecer um plantel de boa linhagem nas pastagens ressequidas da região durante o período estival.

A cactacea em questão resiste às más condições climáticas e se apresenta sempre verde enquanto toda a vegetação se estiola, fornecendo água abundante ao gado porque, pela sua própria natureza, esse vegetal retém grandes quantidades desse elemento em seu parenquima.

N. clichê ao lado: Criação de Holandês em Maceió. Granja Conceição. NO CENTRO, Pé de palma. Sertãozinho, Município Palmeira dos Índios. EM BAIXO, pé de palma aparado por bovinos. Fazenda Marluvia. Sertãozinho. Palmeira dos Índios. Est. de Alagoas.



**Importação direta de
GADO
LEITEIRO
DINAMARQUÊS
VERMELHO**

Raça rustica, adata-se com facilidade aos mais variados climas. É comum encontrar-se vacas leiteiras desta raça com produção anual de 10 a 12 mil litros de leite.

Peso vivo	620 kg.	Produção média de leite ..	5527 kg.
Altura	130 cm.	Produção de gordura	4,39 %
Peito	74 cm.	Produção de manteiga	243 kg.
Anca	54 cm.		

SCANBRAS

PREÇOS CONVINDATIVOS

CAIXA POSTAL, 1000

SANTOS



Um paiz à mingua de leite

Lá a mesma coisa que aqui. Fala-se ser necessário elevar a produção de leite e que o governo fornece isto e aquilo, mas esquecem sempre do essencial: da situação econômica do produtor. Enquanto essa não for estabilizada, garantindo ao produtor uma folga em seus ganhos por um longo período, irão por terra todos os planos.

Fala-se, vez por outra, na grandeza de nossos rebanhos, que tornará o Brasil talvez o quarto ou quinto país criador do mundo... De fato, os nossos gados são relativamente abundantes, embora o aproveitamento das pastagens, mesmo no Distrito Federal, deixe imenso a desejar. E é graças a esta falta de técnica, a uma disidia revoltante, que em vez de estarmos enviando carne para a Europa, às centenas de milhares de toneladas, temos a racionada no Rio de Janeiro e o leite escasseia no país inteiro, quando não falta, como na Amazonia, de maneira quasi absoluta. Alimen-

to indispensavel aos velhos, doentes e crianças, a sua escassez é responsavel em grande parte, pela elevada mortalidade infantil que nos afflige e nos deprime, pondo-nos em acentuada situação de inferioridade no mundo civilizado, e retardando o povoamento do país.

A PRODUÇÃO DO LEITE

A produção do leite no Brasil é muito pequena, absolutamente insatisfatória, mesmo no Rio Grande do Sul. E como pouco leite produzimos, o nosso consumo é ridiculamente baixo, como podemos ver pelos dados que se seguem:

<i>Países</i>	<i>Consumo médio de leite, por dia e por pessoa, em gramas</i>
Suíça	1.024
Suécia	828
Noruega	632
Estados Unidos	420
Austria	375
Bélgica	257
Hungria	246
Holanda	235
França	134
Itália	39
Brasil	20

A nossa situação é humilhante. Dificilmente se pôde compreender porque, dispondo de clima muito mais suave, muito mais apropriado à pecuária, temos, "per capita", menos leite do que a Suécia e a Noruega, por exemplo, países que se cobrem totalmente de neve durante muitos meses seguidos, cessando, então, totalmente a produção de forrageiras. Temos, é certo, dificuldades, porém, que a técnica está resolvendo de maneira muito satisfatória. Há, antes de mais nada, uma pecuária descurada. Faltaram ao Ministério e às Secretarias da Agricultura elementos maiores para uma razoavel intensificação de seus serviços. Sem dinheiro e sem menos peias burocráticas não é possível pôr em execução os planos de melhoramento de pecuária já existentes e que só lentamente vão evoluindo, e aproveitar os técnicos existentes. Não faltam planos. Falta executar os que já existem.

Nas grandes cidades brasileiras, o consumo por pessoa varia muito, embora nunca seja satisfatório. Assim, o habitante de Belém consome apenas, em média, 8 gramas de leite por dia — metade de uma colher de sopa. Também por lá nunca se cogitou a sério do pre-

paro de pastos artificiais — já existentes no Acre — nem do melhoramento do gado existente, como se fez em Trinidad, nas Antilhas, em clima identico. O clima aí não justifica a calamidade. Em Recife, o consumo é de apenas 10 gramas — outra miséria. Felizmente, há uma reação, cujo efeito talvez em breve se faça sentir. Em São Paulo, alcandorada nas alturas, gosando de um clima admiravel, o consumo passa a 173 gramas. Já é alguma coisa, embora ainda insufficiente. No Rio a situação é bem melhor — 191 gramas. Estamos, porém, ainda muito longe da Holanda, da Austria, dos Estados Unidos, da Dinamarca, da Suíça. A oferta ainda é muito inferior à procura. Conseguir leite em quantidade suficiente ainda é uma das maiores dificuldades que encontra o carioca na luta pelo alimento de cada dia. Esse desequilíbrio entre a oferta e a procura aumentará annualmente, agravando-se a situação cada vez mais, porque a população carioca cresce de 70.000 pessoas por ano. Devem ser tomadas desde já medidas conducentes a uma produção muito maior, pelo menos o duplo da atual.

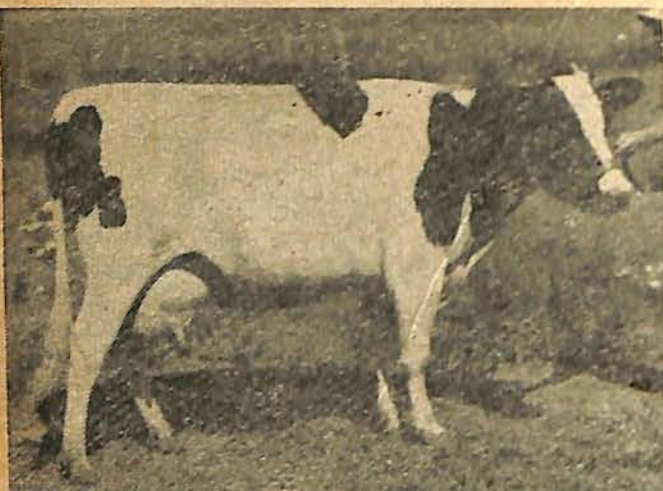
O aumento de produção será conseguido com o melhoramento das pastagens e do gado leiteiro. Os pastos são descurados, e as vacas pouco leite fornecem.

MELHORAMENTO DAS PASTAGENS

Faz-se mister, antes de mais nada, melhorar as pastagens da zona que abastece de leite o Rio de Janeiro. Tal se conseguirá pelo plantio, em faixas, de gramíneas e leguminosas forrageiras, o que permitirá uma alimentação abundante e racional — o que não existe presentemente. Para suprir o gado na estação seca, o Ministério da Agricultura está agora aconselhando a formação de pastos arbóreos em cooperação com o Departamento Nacional de Produção Animal e o Serviço Florestal. Pastos arbóreos existem, verdadeiras alfafas arbóreas, capazes de fornecer, por hectare, na seca, 150 toneladas de rama riquíssima em proteína. A execução do plano do Ministro da Agricultura permitirá solucionar o problema da falta de forragens na estação seca, extinguindo a baixa de produção que se nota nesta época, e duplicar o número de bovinos por unidade de área. Só a execução do plano permitiria dobrar a atual produção de leite, em futuro muito próximo.

Tal não se conseguirá se as cooperativas de laticínios não puzerem em execução o plano estabelecido pelos agrônomos do Ministério, pla-

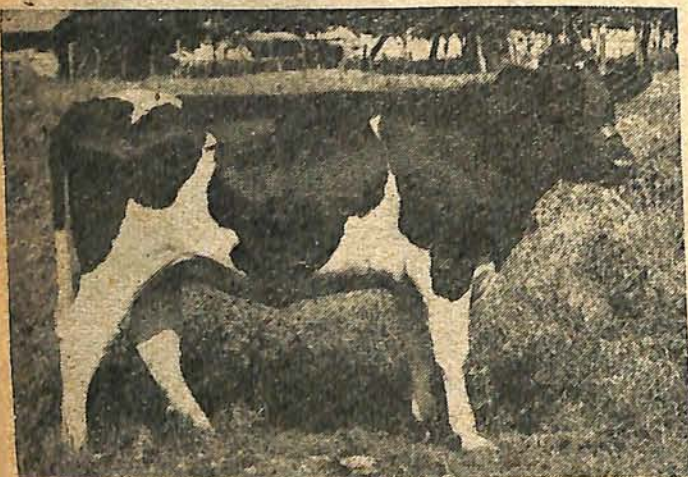
LIQUIDAÇÃO TOTAL, sem reservas, da



PIETJE produziu na 3.ª lactação, em 350 dias, 8.061 kg. de leite e 364 kg. de gordura c/ 4,5%.



PIEBE, filho de PICK e de PIETJE (10 meses), irmão de PRADO, Reservado Campeão Júnior Prado 1944 e de PEDRO, padreador da "Cabaña" do Instituto Agronomico do Sul, em Pelotas, Rio Grande do Sul.



MAIDY filha de PICK e de MONNALISA (23 meses), ganhadora de 2 primeiros premios.

ROLF MEYERHEIM

em 26 de Março

no estabelecimento em

COLONIA VALDENSE

DEP. COLONIA

REPUBLICA DO URUGUAI

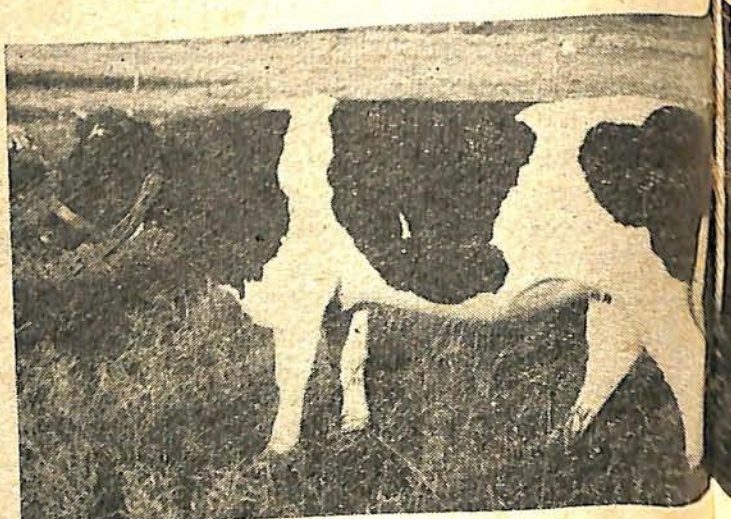


Reserve a tempo sua passagem em
avião da

V A R I G

(Para esta viagem desconto a Você
e Família)

Peça por carta aérea catalogo com
fotografias ao estabelecimento ou a
PONCE DE LEON Y DUTRA,
Rondeau, 1908. Montevideo.



OLGA, filha de PICK e de OLIVIER, que produziu com 3 anos e 5 meses, 31 quilos de leite com 4,2% (17 meses).

64 cabeças de "pedigree"

34 filhos e filhas de PICK

40 cabeças

IMUNIZADAS

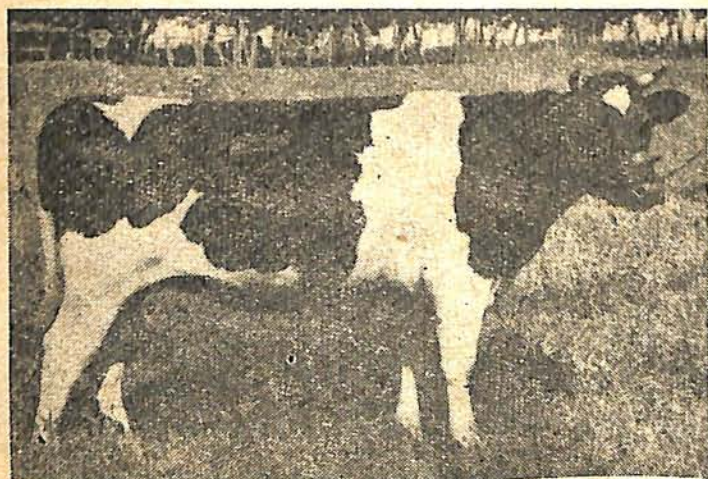
Toda produção oficialmente controlada



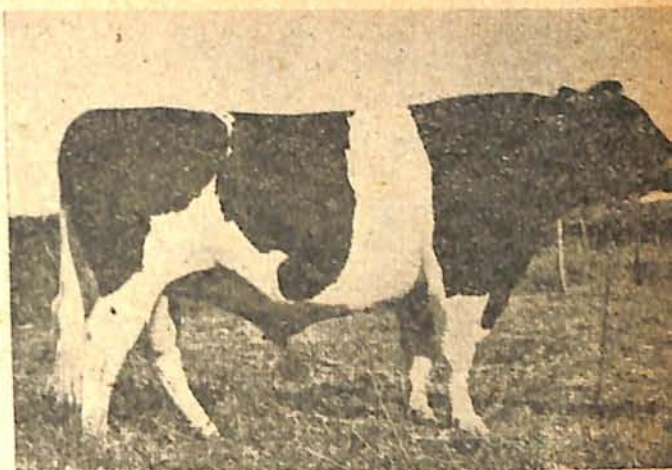
À venda a vaca

IMPERIAL

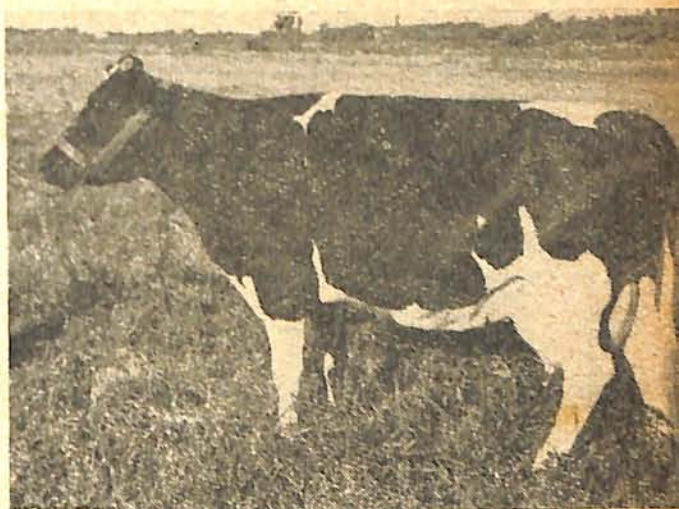
Campeã sulamericana em produção de gordura, várias vezes Campeã Nacional, de leite e gordura. Primeira vaca, uruguáia com mais de 1.000 libras de gordura.



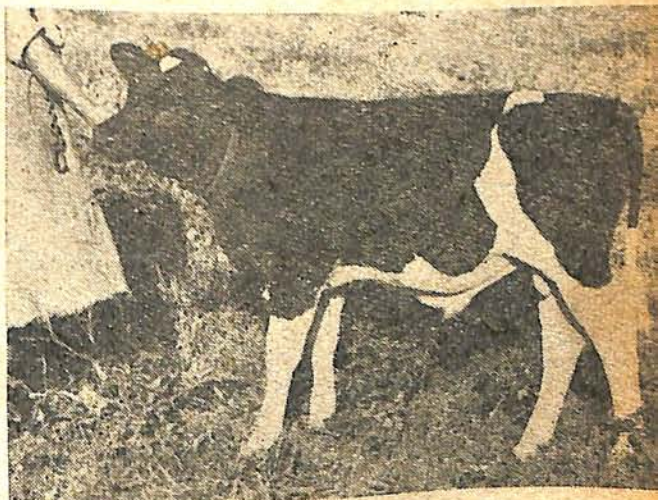
JOLIE, filha de PICK e de JUWEELTJE, que produziu na 3.ª lactação 33,7 kg. de leite com 1.213 grs. de gordura e 4,5% (20 meses).



PICK, o grande padreador da "cabaña", 15 irmãs paternas produzem u'a média de 10.530 kg. de leite com 344 kg. de gordura.
UM TOURO PROVADO.



WOLTJE, filha de MAN-O-WAR INKA POSCH, que produziu na 4.ª lactação 37,8 kg. de leite com 1.625 grs. de gordura e 4,3% (equivalente a mais de 2 quilos de manteiga).



VALDO, filho de PICK e de WOLTJE (3 meses)

no que lhes trará extraordinárias vantagens econômicas e solucionaria o problema de abastecimento de leite no Distrito Federal.

MELHORAMENTO DO GADO

As vacas que fornecem leite ao Distrito Federal deixam, em regra, muito a desejar. Más leiteiras, não produzem, em média, mil quilos de leite por ano, quando na Dinamarca ou em Utah produzem mais de cinco mil. Duplicar ou mesmo triplicar a produção de leite de nosso gado não seria difícil se as cooperativas de laticínios quizessem modernizar os seus processos zootécnicos que deixam, quasi sempre, muito a desejar. No Ministério da Agricultura encontram os fazendeiros um número relativamente grande de bons reprodutores. A aplicação dos métodos de inseminação artificial tenderá a melhorar mais rapidamente os nossos bovinos. Mais depressa, porém, tal se conseguiria se aos esforços do Ministério da Agricultura se aliassem de maneira congeneres, de modo a aumentar de muito, pelo menos duplicar o número de bons reprodutores.

O RIO BEM ABASTECIDO

As 190 gramas de leite de que dispõe, em média, atualmente, cada habitante do Rio, seriam cerca de 400 se as pastagens fossem reformadas pelo plantio de leguminosas e gramíneas forrageiras, e muito principalmente pelo de pastos arbóreos, pois seria, então, possível duplicar o atual número de bovinos. Melhores vacas leiteiras iriam duplicar novamente a produção de leite, elevando-a pelo menos a cerca de 800 gramas "per capita".

Se levarmos em consideração o que se tem feito noutros países, ficará patenteada a modestia do plano esboçado. Tal não se conseguirá, é certo, sem que grande parte dos fazendeiros se resolva a melhorar as suas condições de produtor.



... A A.P.C.B. há 18 anos, conhece a fundo a praça e por isso sabe onde e como adquirir os melhores artigos de que Você precisa, com descontos de 2 a 10%.

Walter Noble

Embarca para a Inglaterra, em 30 de Março, com o fim de escolher reprodutores na Inglaterra e Continente da Europa



Informações:

WALTER NOBLE

— Rua José Bonifácio, 110, 3.º s/loja, sala 5 — S. Paulo.

PAULO DACORSO

— Caixa Postal, 3043 — Rio de Janeiro.

EPAMINONDAS SANTOS

— Caixa Postal, 231 — Curitiba — Estado do Paraná.

GUILHERME BURNS

— Bagé, Estado do Rio Grande do Sul.

Henrique F. Raimo

Med. Vet. - D.P.A.



PRINCIPAIS ALIMENTOS NA AVICULTURA

TABELAS SOBRE OS NUTRIENTES

Os alimentos empregados no balanceamento das rações avícolas, têm em sua composição química, um elemento essencial na avaliação da energia nutritiva dos mesmos.

Como o conhecimento da composição química dos alimentos, não representava por si, um reflexo do valor nutritivo dos mesmos, outras provas foram realizadas, afim de se comprovar seu valor efetivo na alimentação das aves.

Dentre essas provas, a que se refere à digestibilidade dos nutrientes, é de grande importância na avaliação do valor nutritivo real dos alimentos.

O conhecimento da composição dos alimentos,
FEVEREIRO DE 1947

ou seja dos nutrientes, e sua digestibilidade, é básico para o cálculo e balanceamento das rações avícolas.

Explica-se perfeitamente, a importância desse conhecimento, tendo em vista os diferentes ciclos biológicos das aves e das diversas finalidades da criação.

Como as exigências das aves, nas diferentes idades e nos vários setores de produção, não são iguais, pressupõe-se o cálculo de uma ração para cada ciclo e para cada finalidade de criação.

As exigências das aves nos vários ciclos bio-

lógicos e nos vários setores de criação, estão perfeitamente estabelecidos.

Isto permite, através do conhecimento dos nutrientes em peso, por alimento e sua digestibilidade, ao balanceamento de rações, que se enquadram dentro dos limites nutritivos, exigidos pelas aves, segundo sua capacidade produtiva e finalidade da criação.

As exigências das vacas nos vários ciclos biológicos e nos vários setores de criação, estão perfeitamente estabelecidos.

Isto permite, através do conhecimento dos nutrientes em peso, por alimento e sua digestibilidade, ao balanceamento de rações, que se enquadram dentro dos limites nutritivos, exigidos pelas aves, segundo sua capacidade produtiva e finalidade da criação.

Os nutrientes mais comumente dosados nos alimentos, para efeito do balanceamento das rações avícolas, são:

- 1 — Proteína
- 2 — Hidratos de carbono
- 3 — Matéria graxa
- 4 — Fibras
- 5 — Minerais (Cálcio, fósforo e manganês)
- 6 — Vitaminas (A, B1, D, G e ácido pantoténico)

Nas tabelas apresentadas, os nutrientes são calculados em gramas por quilo de alimento.

As vitaminas são calculadas em unidades internacionais ou microgramas por quilo de alimento.

Esse cálculo, prende-se à facilidade de se cal-

cular e fiscalizar as formulas de rações, visto os componentes se apresentarem em quilos.

Calcula-se:

1 — Multiplica-se a quantidade em quilos de de cada alimento, pelos nutrientes digestíveis, minerais e vitaminas.

2 — Somam-se os resultados parciais obtidos pela multiplicação.

3 — A soma obtida para cada nutriente, representa seu valor nutritivo real na ração balanceada ou estudada.

As modificações para mais ou para menos, do mesmo modo, são facilmente introduzidas, com o auxílio das tabelas.

Os quadros 1 e 2, apresentam as tabelas dos diferentes nutrientes, minerais e vitaminas, em gramas, unidades internacionais e microgramas por quilo de alimento.

Nas tabelas são apresentados alguns alimentos como: feijão guandú, girasol, babaçu, cêco e gergelim, cuja digestibilidade não está bem estabelecida.

Não entanto, de um modo geral, seu valor se assemelha ao do "cow-pea", que é leguminosa bem estudada, como alimento para as aves.

Os minerais são apresentados em gramas por quilo; as vitaminas A e B1 em U. I. por quilo e as vitaminas G e Ácido pantoténico, em microgramas por quilo. O manganês é apresentado em partes por milhão.

Como fontes concentradas de manganês e vitaminas A e D, podemos citar:

1 — Sulfato anidro de manganês: 330 gramas de manganês por quilo de sulfato.

2 — Delsterol = 2.000.000 de Unidades Internacionais de vitamina por quilo de Delsterol.

3 — Óleo de fígado de cão - 3.000 A e 200 D = 3.000.000 de Unidades Internacionais de Vitamina E e 200.000 Unidades Internacionais de Vitamina D por quilo de óleo.

As tabelas foram estabelecidas, pela consulta de livros e revistas especializadas na alimentação das aves e outros animais domésticos.

As principais obras consultadas foram: Handbook of Nutrition — W.R. Ewing — 1943. U.S. Department of Agriculture Year book — 1939.

Alimentos y Alimentacion — F.B. — Morrison — 1943.

Igualmente, foram compulsadas análises de alimentos, realizadas pela Seção de Agrostologia e Bromatologia, do Departamento da Produção Animal, de São Paulo.

Annunciato de Bíaso & Irmãos

Casa Fundada em 1913

Fabricante de latas e utensílios para indústria de laticínios.

Vasilhame para PRONTA ENTREGA

CAIXA POSTAL: 21 — TELEF.: 60

End. Teleg.: "Biasoirmãos"

Lambari — Sul de Minas

Exclusivistas para o Est. de São Paulo:

CIA. FABIO BASTOS
COM. IND.

R. Florencio de Abreu, 367

SÃO PAULO



QUADRO 1

ALIMENTOS	Proteína Bruta	Proteína Digestível	Extrativos não azo- tados	Extrativos não azo- tados digestíveis	Fibra bruta	Fibra digestível	Gordura total	Gordura digestível	Nutrientes digestíveis totais
CEREAIS:									
Milho em grão	93	70	712	641	21	25	42	36	800
Fubá de milho	88	69	755	695	11	0,6	25	22	810
Farélo de milho	99	57	616	507	96	11	67	51	650
Refinazil	280	240	480	437	70	8,4	35	26	750
Trigo em grão	124	93	705	613	24	2	19	9,5	730
Farélo de trigo	156	103	551	259	90	8,1	42	18	410
Farelinho de trigo	169	110	556	311	66	5,2	47	25	480
Aveia em grão	112	83	595	440	113	13	45	38	620
Aveia moída	162	128	642	584	21	3	67	62	850
Cevada	118	88,5	669	554	59	4	21	13	680
Centeio	115	78	720	605	21	1,7	17	5	600
Arroz em grão (sanga)	79	59	663	557	88	4,4	20	14,5	650
Farelinho de arroz	130	78	411	214	125	3,8	137	119	410
PROTEÍNAS ANIMAIS:									
Farinha de carne — 60%	600	540	10	—	22	—	107	100	700
Farinha de carne — 50%	500	450	18	—	21	—	109	101	700
Farinha de peixe (sardinha)	670	610	36	—	4	—	60	56	710
Farinha de fígado	654	556	98	—	8	—	140	134	690
Farinha de sangue	820	697	27	—	13	—	12	10,5	690
Sêro de manteiga, sêco	334	274	440	358	4	—	50	39	720
Leite desnatado, sêco	350	315	500	425	—	—	11	10,6	760
PROTEÍNAS VEGETAIS:									
Soja (grão)	379	281	260	242	50	10	169	145	860
Farélo de soja	439	365	300	246	59	1,2	55	45	710
Farélo de amendoim	524	398	19	16	5,9	0,7	11	10	690
Farélo de algodão	418	318	271	233	114	137	64	55	690
Gluten de milho (farinha)	430	365	421	391	26	3	19	17	800
Cow-pea	235	130	563	490	41	5	15	13	650
Guandú (feijão)	234	—	515	—	64	—	57	—	—
Girasól (sementes)	159	—	212	—	281	—	250	—	—
Torta de girasól	348	—	218	—	109	—	183	—	—
Farélo de babaçú	224	—	442	—	118	—	64	—	—
Farélo de côco	214	—	474	—	133	—	24	—	—
Farélo de gergelim	430	—	240	—	60	—	70	—	—
DIVERSOS:									
Alfafa fenada moída	160	103	372	127	273	6	25	6	250
Farinha de alfafa (fôlhas)	204	202	401	—	171	7	26	—	—
Mandioca (farinha de raspas)	37	18	764	642	50	3	11	—	160
Melaço de cana	31	—	661	—	—	—	—	—	560
Sêro de queijo, sêco	125	112	717	609	3	—	7	6	760
Batata doce (farinha)	31,3	15	822	690	31	19	8,7	—	160

Os nutrientes são apresentados em gramas por quilo de alimento.

QUADRO 2

ALIMENTOS	Cálcio	Fósforo	Manganes	Vitamina A	Vitamina B1	Vitamina G (Riboflavina)	Ácido pantoténico
CEREAIS:							
Milho em grão	0,1	2,0	50	7.066	600	1.000	7.157
Fubá de milho	0,1	3	40	7.066	600	1.000	7.157
Farélo de milho	0,3	2	160	—	—	—	—
Refinazil	1,3	64	240	—	—	—	—
Trigo em grão	0,4	3,9	390	311	755	888	10.080
Farélo de trigo	1,10	12,1	1.190	333	1.000	2.222	25.200
Farelinho de trigo	0,8	9,3	1.190	266	2.222	2.000	14.110
Aveia em grão	1	3,6	340	178	600	888	10.080
Aveia moída	0,8	4,4	200	1.000	511	1.100	11.300
Cevada	0,5	3,6	160	888	555	888	8.064
Centeio	0,5	3,6	400	—	555	—	—
Arroz em grão (sanga)	0,1	0,9	120	—	4.700	6.330	4.200
Farelinho de arroz	1	18,4	2.800	—	3.333	2.000	22.000
PROTEÍNAS ANIMAIS:							
Farinha de carne — 60%	82,5	40	180	—	511	6.000	8.568
Farinha de carne — 50%	102	49	100	—	511	6.000	8.568
Farinha de peixe (sardinha)	47,3	26,3	400	—	511	7.111	7.863
Farinha de fígado	1,1	9	40	122.220	1.000	41.111	105.840
Farinha de sangue	3,3	2,6	—	—	—	—	—
Sêro de manteiga, sêco	15,6	10,5	40	444	888	20.000	44.351
Leite desnatado, sêco	12,7	9,6	6	288	888	21.111	34.271
PROTEÍNAS VEGETAIS:							
Soja (grão)	2	5,3	310	1.333	2.222	2.888	—
Farélo de soja	2,9	6,9	300	378	2.000	3.111	14.150
Farélo de amendoim	1,8	5,6	—	555	2.000	2.666	53.424
Farélo de algodão	2,3	11,8	180	1.333	4.000	666	14.150
Gluten de milho (farinha)	0,6	4	40	15.100	—	—	14.124
Cow-pea	1	4,6	300	3.022	1.000	778	18.000
Guandú (feijão)	2,4	3,8	—	—	—	—	—
Girasol (sementes)	4,1	9,9	—	—	—	—	—
Torta de girasol	4,3	10,4	—	—	—	—	—
Farélo de babaçu	3	6,7	—	—	—	—	—
Farélo de côco	2,9	6,4	850	—	—	—	—
Farélo de gergelim	20,2	16,1	—	—	—	—	—
MINERAIS:							
Farinha de ossos	288	134	50	—	—	—	—
Farinha de ostras	390	—	1.000	—	—	—	—
Pedra calcárea moída	392	—	2.000	—	—	—	—
DIVERSOS:							
Alfafa fenada moída	14,4	2,1	260	71.000	888	15.600	25.200
Farinha de alfafa (fôlhas)	19	2,2	300	71.110	888	15.560	25.200
Sêro de queijo, sêco	8,3	7	140	—	—	26.670	53.424
Melaço de cana	135	18,3	—	200	1.000	4.000	75.000
Mandioca (Far. raspas)	—	—	—	—	—	—	—
Batata doce (farinha)	0,2	0,6	30	500	178	123	—

A questão do leite

(Conclusão da pag. 1)

nica. Não desejamos acusar A ou B no serviço de abastecimento, mas de modo geral qualquer pessoa mais esclarecida pode dizer, sem temor de erro que o leite é fraudado desde o momento em que sai do úbere da vaca. Produtores, industriais, encarregados de transporte, distribuidores principalmente, redistribuidores e até empregadas domésticas têm a sua responsabilidade na má qualidade dessa tisana que às vezes chega à casa do consumidor.

Nossa atual legislação não necessita de profundas reformas. Talvez um ou outro retoque sempre se faça necessário, mas no todo ela é boa. Dela não se tem feito muita difusão e muito boas medidas que prevê e admite, se fossem adotadas trariam grandes benefícios à população.

Necessitamos, porém, e com urgência é da sua integral aplicação, do seu fiel cumprimento. Necessitamos de boa fiscalização e adequada repressão à fraude, desde a chegada do leite nas usinas do interior. Mais severa ainda nas usinas e entre os distribuidores e redistribuidores.

Se a fiscalização do produtor e do usineiro é relativamente fácil, depende apenas de meios, honestidade e competência, porque cada partida tem um responsável, o mesmo não acontece com a distribuição.

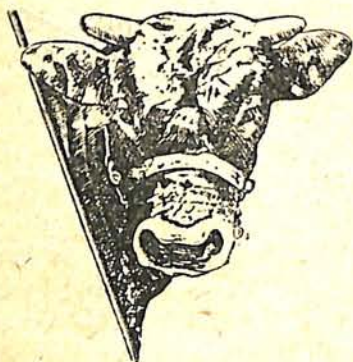
Nos ambientes especializados tem-se firmado o conceito de que só é possível uma eficiente fiscalização do leite uma vez fora das usinas, se contarmos com um FECHO INVIOVEL aplicando na boca dos frascos. Mas, isso embora real é, no momento, praticamente impossível entre nós. Implica em tais modificações na organização de nossa indústria que na verdade não estamos aparelhados para isso. Nem mesmo os Estados Unidos poderão ajudar-nos, porque lá as necessidades internas ainda por muito tempo absorverão a capacidade total de sua indústria de máquinas para laticínios. Nesta contingência o que fazer? Cruzar os braços? Pensamos que não.

Os serviços de fiscalização, dada a evidente impossibilidade de introduzir-se modificações dêsse naipe em nosso serviço devem é tratar de aperfeiçoar-se, suprir com esforço, capacidade e bom senso as deficiências materiais. Nunca dei-

xar como está para ver como fica. Devemos castigar, punir com todo rigor aqueles culpados de fraude e indistintamente.

Outra coisa que se clama frequentemente e se critica com certo azedume, é o abastecimento de leite de São Paulo com partidas vindas de locais muito distantes da cidade. Essa crítica sem dúvida alguma tem sua razão de ser, porém é preciso que se esclareça devidamente a questão. São Paulo consome hoje cerca de 280.000 litros de leite, por dia. Com a nossa baixa produção média diária, por vaca e por ano, de 2 lts., aproximadamente, carecemos de quase 150.000 vacas, em produção. Esse grande rebanho está distribuído irregularmente por grandes áreas dentro e fora do Estado. O ideal seria trazer esse rebanho para mais próximo da cidade. Até certo ponto e com planos adequados nossas autoridades podem, no prazo de alguns anos aumentar consideravelmente a produção de leite para os arredores da capital, porém é preciso não esquecer, COM PLANOS ADEQUADOS. Hoje, na verdade, devemos dar graças a Deus quando tudo corre bem e o leite que nos enviam de Itaipandú, Jaboticabal e outros locais distantes nos chega bem. Por ora nem sequer podemos pensar em dispensar tais abastecimentos muito embora a média da qualidade do leite fornecido seja deficiente. A esse respeito convém que seja esclarecido: dependendo dos métodos de trabalho adotados, o leite colhido nos arredores de São Paulo pode ser pior do que aquele que nos vem de localidades há 400 kms. de distância.

Enfim, achamos que a Cr\$ 2,80 e às vezes mais, por litro, esse líquido branco que às vezes vem ter às nossas casas é muito caro. Se for puro e são, nada podemos falar. Esse preço é razoável e por menos não é possível obtê-lo nas condições atuais. Porém, nossos industriais, nossos produtores e principalmente aqueles que têm sobre os ombros a responsabilidade dos serviços de abastecimento de leite de nossas cidades devem ter em mente esta advertência: existe nas mercearias de São Paulo leite em pó, integral, produzido nos Estados Unidos, dessecado e acondicionado no continente norte-americano que, apesar de passar por várias mãos, viajar até esta cidade, nos pode chegar em casa por Cr\$ 2,80.



FAZENDA DAS ANDORINHAS

PROPRIEDADE DE JOÃO JOSE BAPTISTA

ADMINISTRAÇÃO TÉCNICA DE JAYME BAPTISTA

Criadores de Gado Selecionado Schwyz (Suiço)

SACRA FAMÍLIA DO TINGUA

Município de Vassouras — E.F.C.B. (Linha Auxiliar)

Estado do Rio de Janeiro - Brasil

Temos à venda ótimos garrotes puros, novilhas e vacas registrados no "Herd-Book" da Federação e possui também animais registrados no Registro Genealógico Schwyz do Brasil.

PRINCIPAIS FORRAGEIRAS

Iniciamos, neste número, uma série de trabalhos sobre as principais forrageiras, e de autoria do nosso redator Dr. Brenno M. Andrade. Neste primeiro trabalho o autor trata em linhas gerais da propagação, cultivo, preparo do solo e classificação das forrageiras de acordo com sua utilidade. Do próximo número em diante, fará um estudo sucinto de cada uma das forrageiras. Independente destas publicações o autor terá todo prazer em responder consultas que digam respeito à alimentação animal.

Dr. Brenno M. Andrade

PROPAGAÇÃO, CULTIVO E PREPARO DO SOLO



PROPAGAÇÃO — Semente, mudas, enraizadas e estacas

As plantas forrageiras propagam-se ou por sementes ou por meios vegetativos como: mudas enraizadas, estacas, pedaços de rizomas ou de estolões. Algumas são multiplicadas indistintamente por um ou mais desses processos como, por exemplo: o capim Rhodes (sementes e mudas enraizadas); a grama de Castela (sementes, mudas enraizadas e pedaços de rizomas ou estolões); e o capim Colômbio (sementes, mudas enraizadas e estacas). Outras propagam-se, de preferência, por mudas, devido ao baixo poder germinativo de suas sementes, como os capins Imperial, Fino, Angolinha, etc., e outras, ainda, exclusivamente por meios vegetativos, como a mandioca, a cana e o capim Kikuyu. A melhor forma de propagação, bem como distâncias e modo de semeadura ou plantio para cada uma das forrageiras serão aqui descritos.

Em generalidades da propagação das forrageiras, distinguiremos os seguintes casos principais:

a) *formação de pastagens* — Na formação de pastagens, as forrageiras que se propagam por sementes são, em geral, distribuídas a lanco, com ou sem cultura auxiliar. A adoção deste último método consiste em se cultivar o terreno com um cereal, geralmente o milho, em linhas um pouco mais distanciadas que o

normal e, quando o mesmo já tiver atingido um certo desenvolvimento (Janeiro, geralmente), distribuem-se as sementes do capim uniformemente nas entre-linhas. Quando o milho ou cereal estiver completando seu ciclo evolutivo e, portanto, secando, a forrageira já estará suficientemente crescidas para suportar os intensos raios de sol, seca e frio, e a concorrência de outras plantas. As vantagens que esse processo traz se resumem na criação



Semeadura à lanco

de um ambiente propício ao desenvolvimento inicial das plantas forrageiras pelo leve sombreamento das hastes das plantas da cultura auxiliar, e maior humidade, proporcionando, ao mesmo tempo, uma retribuição do solo pela colheita do cereal, retribuição essa suficiente para cobrir as despesas com o preparo do terreno e adubação.



Propagação do capim com cultura auxiliar (milho).

Raramente a distribuição em linhas ou sulcos é adotada na formação de pastagens. Entretanto, ocasiões há em que é conveniente seu emprego, como no caso do capim Colômbio, em que as sementes germinam mal, necessitan-

do cuidados culturais intensos. Neste caso usa-se quasi sempre cultura auxiliar. Também, quando se pretende formar pastagens mistas é con-

veniente abrirem-se sulcos mais ou menos distanciados, plantando-se neles uma espécie e no seu intervalo, a lanco, outra espécie.

Quando a melhor forma de propagação da forrageira é a vegetativa (mudas, estacas, rizomas, etc.) o plantio em covas é mais utilizado. A distancia varia de acôrdo com a espécie. Em alguns casos torna-se mais conveniente a abertura de linhas ou sulcos, neles plantando a determinadas distancias as mudas ou estacas. Este processo é preferível e deve ser sempre utilizado, pois facilita o serviço quando se dispõe de um sulcador.

b) *formação de capineiras e prados* — Os mesmos processos são utilizados, dispensando-se, geralmente, a cultura auxiliar. Para leguminosas usa-se, de preferência, o plantio em linhas ao passo que para os capins, a lanco. Em alguns casos é mais conveniente plantar os capins em linhas para facilitar a extirpação de ervas daninhas. Na formação de capineiras para corte e distribuição da forragem verde, alguns capins e leguminosas, como o Imperial e a Mucuna, são plantados em covas.

O *Preparo dos Sôlos* para cultura de forrageiras, varia com a finalidade em vista, se pastagem ou se capineiras ou prados. De uma maneira geral deve ser, sempre que possível, bem arado e destorroado. Para capineiras e prados o terreno deve ser bem preparado, livre de tócos, e se possível aplainado para permitir o livre uso de máquinas. Para pastagens nem sempre é possível levar, de momento, o preparo do sólo a tal ponto (terras novas de derubada) mas esta deve ser a meta de todo agricultor. Na reforma de pastagens é essencial que se proceda a uma intensa lavra, enterando-se bem toda a matéria organica existente e destorroando-se completamente. Todo o trabalho e despesas extras que se tiver com um bom preparo do sólo para forrageiras será bem retribuido mais tarde não só pela maior produção como, também, pela maior duração do prado ou pastagem.



Sulcos para semeadura

póde-se dispensar a adubação organica. Um bom processo na reforma de pastagens é o de cultivar-

se um adubo verde qualquer por um ou dois anos. Quando se dispuzer de estrume deve-se colocar aproximadamente 30 a 50 toneladas por alqueire, cultivando-se, em seguida, o milho por um ano.

Depois de estabelecida, a pastagem, em geral, requer pequeno ou quasi nenhum *Trato Cultural*. Sendo bem utilizada, somente a extirpação de plantas infestantes é necessária e feita por meio de limpezas periódicas a foíce ou enxadão. Os prados ou capineiras requerem, todavia, maior atenção que as pastagens

no que diz respeito à extirpação de plantas estranhas, mas mesmo assim, a não ser no período de formação,

um ou dois cultivos anuais com um por meio de limpezas periódicas a faíce ou enxadão. Os prados ou capineiras requerem, todavia, maior atenção que as pastagens no que diz respeito à extirpação de plantas estranhas, mas mesmo assim, a não ser no período de formação, um ou dois cultivos anuais com um planet são suficientes para mante-los constantemente "no limpo". Neste particular as leguminosas como a alfafa e marmelada de cavalo são muito mais exigentes. Como regra geral deve-se proceder a tantas capinas, com planet ou enxada, quantas forem necessárias, o que, naturalmente, varia com a região, chuvas e prévio preparo do sólo.



Propagação vegetativa. Plantio por mudas

ARAME FARPADO

Americano, rolos de 220 metros, um só fio n.º 11, farpas grandes e bem unidas.
Novo, levemente enferrujado.

Rolo Cr\$ 125,00

SOCIEDADE AGRO-MERCANTIL LOSACCO LTDA.

RUA FLORENCIO DE ABREU N.º 110
TEL. 3-7711 — SÃO PAULO

CLASSIFICAÇÃO DAS FORRAGEIRAS DE ACORDO COM A UTILIDADE

Muitas vezes torna-se difícil ao criador escolher entre duas ou mais forrageiras, aquela que melhores resultados poderá lhe proporcionar para um determinado fim. Uma mesma forrageira poderá, sem dúvida, e é esse o caso comum, servir com vantagens tanto para fenação como para pastoreio, motivo pelo qual, no quadro abaixo, a mesma planta figurará em mais de uma categoria. Para facilitar serão elas acompanhadas de um número que indica a ordem de importância da planta naquela forma de utilização, o número (1) indicando a principal utilização e seguindo-se, na ordem numérica, as utilizações secundárias. Por exemplo: a principal utilização do capim Jaraguá é para pastagem, mas é também empregado para fenação. No quadro abaixo encontramos o capim Jaraguá figurando na categoria (A) PASTAGEM, seguido do número (1), e na categoria (B) FENAÇÃO, seguido do número (2).

Na alimentação dos animais as forrageiras podem ser utilizadas em diversas formas, a saber, (A) Pastagens, incluindo piquetes; (B) Fenação; (C) Corte (verde); (D) Ensilagem; (E) Grãos e Raízes.

(A) PASTAGENS:

Capins catingueiro e variedades (1); Jaraguá (1); Colômbio (1); Sempre-verde (1); Kikuyu (1); Australiano (1).
Gramas Forquilha (1) e Paulista (1).
Capins de Rhodes (2), Azul da Austrália (2) e Elefante (2).
Alfafa (3), Cowpea (3), Mucunas (3), Milho (4), Soja (4).

(B) FENAÇÃO:

Capim de Rhodes (1)
" Azul da Austrália (1)
" Marmelada (1)
" Favorito (1)
Marmelada de Cavalo (1)
Alfafa (1)
Cowpea (1)
Capim Jaraguá (2)
" Catingueiro (2)
" Australiano (2)
" Fino (2)
" Angolinha (2)
Sojas (2)
Mucunas (2)
Milho (3)

(C) CÔRTE (verde):

Capins Fino (1), Angolinha (1), Imperial (1) e Elefante (1).
Mucunas (1). Cana forrageira (1). Capim Colômbio (2). Marmelada de Cavalo (2). Cowpea (2). Alfafa (2). Sojas (3).

(D) ENSILAGEM:

Teosinto (1); Milho (2); Cana forrageira (2) e Sorgo (2).

Capins e leguminosas diversas, em mistura com milho ou com preservativos.

(E) GRÃOS E RAÍZES

Milho (1), Soja (1), Sorgo (1), Mandioca (1), Teosinto (2), Cowpea (4) e Mucuna (4).

Refinaril

O AMIGO DA CRIAÇÃO

FARELO COM 28 o/o DE PROTEÍNA

A BASE DAS BOAS

Rações balanceadas



Digestão dos alimentos

Dr. Brenno M. Andrade

Os animais domésticos alimentam-se de materiais diversos sob formas bastante complexas e insolúveis para serem absorvidos e assimilados, transformando-se, desta forma, em energia, carne, leite etc.. Em geral antes que o alimento ingerido possa ser assimilado e utilizado, ele precisa sofrer uma série de transformações, tanto físicas quanto químicas, sendo, por esse meio, separados em compostos químicos relativamente simples. Estes sendo solúveis podem passar através da mucosa que recobre o trato digestivo alcançando o sistema circulatório. Algumas substâncias tais como a água a glucose e sais minerais solúveis, são prontamente assimilados sem nenhuma transformação.

Denomina-se DIGESTÃO o conjunto das transformações por que passa o alimento dentro do aparelho digestivo para ser assimilado. Todos os animais, excepto os tipos mais primitivos, são providos de numerosos órgãos, altamente especializados, destinados à transformação dos alimentos durante a digestão. O conjunto destes órgãos, ou aparelho digestivo, das diversas espécies animais diferem grandemente uns dos outros. Estas mesmas diferenças e características determinam a espécie ou espécies de alimentos comumente ingeridos pelo animal. Isto permite classificá-los em três categorias, a saber: (1) carnívoros, (2) herbívoros e (3) omnívoros. Dos carnívoros o cão e o gato exemplificam as espécies domésticas; dos herbívoros o cavalo, o carneiro, e os bovinos, e dos omnívoros os suínos e as aves.

O processo digestivo de um alimento inicia-se efetivamente pela preensão do alimento, seguindo-se a mastigação, insalivação, deglutição, digestão, absorção e assimilação dos elementos que têm valor nutritivo e, termina pela defecação ou excreção da parte ingerida mas

incapaz de ser absorvida ou utilizada como nutriente.

A preensão do alimento é feita na maioria dos animais por meio dos lábios, dentes e língua. Existem diferenças significativas entre as diversas espécies animais no que diz respeito ao modo de preensão do alimento. Assim, os equinos, muare e asininos, utilizam principalmente o lábio superior, que é forte flexível, e o dente incisivo, auxiliado por movimentos da cabeça. Os bovinos usam sua longa e forte língua para puxar a forragem dentro da boca cortando-a entre os incisivos inferiores e a gengiva superior por meio de um movimento da cabeça. Os carneiros atuam semelhantemente, utilizando-se, porém, mais dos lábios do que da língua e dentes. Nas aves o órgão de preensão é apenas constituído pelo bico.

Uma vez na boca, com excepção naturalmente das aves, o alimento é mastigado e reduzido a pequenas porções por intermédio dos dentes com o auxílio da língua e bochechas. Neste tempo é também humedecido e parcialmente dissolvido pela saliva, facilitando, assim, a sua deglutição. A mastigação desenvolve grande esforço muscular pelo elevado número de movimentos requerido. Uma vaca, por exemplo, executa aproximadamente 41.000 movimentos do maxilar num dia, produzindo neste intervalo tanto quanto 60 kg. de saliva se o alimento ingerido fôr, em grande parte, seco.

A mastigação nos equinos, muare, asininos e suínos nada mais é do que um simples processo preparatório para a deglutição. Nos ruminantes, este processo é dividido em duas fases, (1) mastigação preliminar ou incompleta, quando o alimento é inicialmente ingerido e (2) mastigação completa, ou ruminação, efetuada mais tarde durante o repouso. Para isso, dispõem os ruminantes (bovinos, ovinos) de um estomago

TOUROS DE PEDIGREE

Vendem-se diversos, **Holstein Friesian**

Americanos, de 3 a 7 anos, puros de origem e registradas na A.C.B.R.H. Todos provados como ótimos reprodutores.

Informações com o sr. Raul Gama, em Guaratinguetá, E.F.C.B., Est. de S. Paulo.

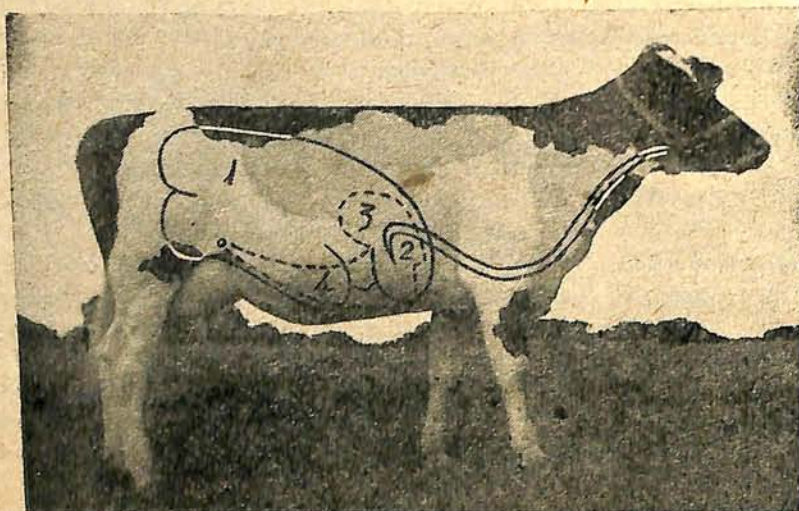
especial composto de 4 compartimentos denominados (1) rumem, pança ou 1.º estômago; (2) barrete ou 2.º estômago; (3) folhoso ou 3.º estômago e (4) coagulador ou estômago verdadeiro. O alimento, que em geral é de natureza volumosa, depois de reduzido a partículas vai ao rumem de onde é regorgitado mais tarde e novamente mastigado. Cada bolo de alimento é ruminado durante mais ou menos um minuto. Os grãos ingeridos só voltam à boca para serem ruminados quando acidentalmente se misturam à porção volumosa do conteúdo do rumem. Em consequência, todo grão inteiro atravessa todo o tracto digestivo e é expelido nas fezes sem ser aproveitado. Daí a necessidade de se moerem os grãos para os bovinos.

Com a ação da saliva sobre os alimentos começa propriamente o processo digestivo. Nele entra a ação de compostos químicos e enzimas diversas, — componentes dos sucos gástrico, pancreático, intestinal e bile, e bactérias, que passaremos a analisar sucintamente. Antes,

porém é conveniente esclarecer que os alimentos, quaisquer que sejam, são formados por elementos e compostos orgânicos diversos os quais são classificados da seguinte maneira: — carboidratos; celulose ou fibras, proteínas, gorduras ou matéria graxa, água, matéria mineral e as vitaminas. Cada um desses componentes são atacados e transformados por enzimas e bactérias diferentes, em partes, também diferentes, do aparelho digestivo. Afim de facilitar a compreensão do processo digestivo, procuramos estudar a digestão e absorção de cada componente em separado.

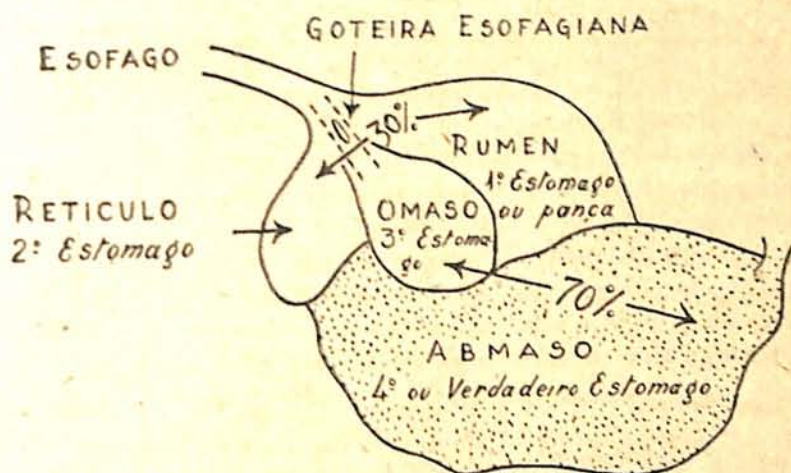
A AGUA não requer processo nenhum de desintegração para ser absorvida. Ela penetra a circulação do sangue em qualquer parte do aparelho digestivo, do estômago ao intestino grosso, mas de preferência no intestino delgado. Das VITAMINAS pouco ou nada se sabe até agora em virtude da quantidade mínima presente nos alimentos e requerida para a satisfação das necessidades orgânicas. Dos MINERAIS, os solúveis são prontamente absorvidos pelo intestino delgado. Da porção que não é solúvel parte é solubilizada no estômago pela ação do ácido clorídrico do suco gástrico e outra, proveniente da solubilização de outros componentes como a proteína, é digerida quando das transformações porque passa tal componente.

Os CARBOHIDRATOS são inicial e parcialmente digeridos ainda na boca, por ação da *ptialina* da saliva. Essa ação é, contudo, negligenciável nos animais domésticos, pois apenas os suínos secretam *ptialina* em quantidade razoável. Ademais, o tempo que o alimento permanece na boca é muito pequeno para que uma transformação do alimento, em escala considerável, se



Aqui está um esquema topográfico dos estômagos poligástricos, com o esôfago e os quatro compartimentos em que se dividem.

Este esquema apresenta a divisão dos estômagos dos polígástricos jovens em que o abomaso ou coagulador é muitas vezes maior que os outros compartimentos. Depois que o animal passa da alimentação lactea para a de forragens, o rumem começa a crescer enquanto o abomaso ou coagulador vai reduzindo de tamanho, de sorte que no animal adulto o rumem é que se apresenta com maior capacidade.



processe. Felizmente, essa ação continua no estômago por algum tempo. A ptialina transforma os hidratos de carbono (amidos) em maltose. Estes açúcares simples podem ser absorvidos pelo estômago mas a sua maior parte é somente absorvida no intestino delgado. Aí, a parte de amido não atacada pela ptialina é transformada em maltose pela *amilase*, uma enzima do suco pancreático. Os açúcares (sacarose, maltose, sucrose e lactose) são então transformados pela ação de *invertases*, que são enzimas de suco intestinal. Tais açúcares assim simplificados, são absorvidos pelas células do intestino, entram na circulação sanguínea e vão ao fígado. Desde que o teor de açúcar no sangue é constante, o seu excesso, proveniente da absorção pela digestão dos alimentos, é retido no fígado e aí transformado em *glicogênio*, que é depositado, servindo como reserva alimentícia. Assim que, pela nutrição dos tecidos orgânicos, a glucose é retirada do sangue, o glicogênio é retransformado em glucose, que sendo lançada na circulação mantém constante o seu teor no sangue. O glicogênio é também formado e depositado, em menor escala, por outros órgãos e tecidos orgânicos, especialmente, pelos mus-

culos quando em repouso, servindo como energia acumulada.

A CELULOSE, ou matéria fibrosa, que forma a parede das células vegetais, não é digerível pela simples ação de enzimas. Entretanto, é ela atacada e parcialmente decomposta pela ação de bactérias especiais, presentes nos três primeiros compartimentos do estômago dos ruminantes, no coecum dos equinos e asininos, e em menor intensidade no intestino grosso dos outros animais. Na fermentação daí resultante, — decompondo a celulose em ácidos orgânicos, açúcares e pentosanas, — desenvolve-se elevada quantidade de calor e de gases (gás carbônico e metano). Os ácidos orgânicos e açúcares produzidos são aproveitados na nutrição. Os gases são expelidos e nenhum valor têm. Da mesma forma o calor originado decorre em pura perda, a menos que o animal dele precise para manter a temperatura do corpo.

A faculdade especial que têm os bovinos e ovinos de digerir a celulose e, portanto, de se alimentar em grande parte, se não exclusivamente, de alimentos volumosos, reside no fato da presença de grande número de bactérias no

Soro antiofídico

PINHEIROS

medicação de urgência

seu estomago. As bacterias, entretanto, não só digerem a celulose mas, também, atacam o amido e açúcares. Esta ação é prejudicial pois tais componentes podem ser digeridos com mais eficiência no intestino delgado onde a ação das bactérias é menos eficiente. Daí a quasi ausência de ptialina na saliva dos animais, principalmente herbívoros. Caso contrário muito açúcar seria formado no rumem dos animais, que por sua vez seria atacado pelas bactérias com evidente prejuizo de nutrientes.

As PROTEINAS são inicialmente atacadas no estomago pela *pepsina*, uma enzima do suco gástrico, que a desdobra em *proteoses* e *peptonas*. Estas, juntamente com proteínas ainda intactas, passam ao intestino delgado onde a *tripsina*, uma enzima do suco pancreático, desdobra-as em *amino-ácidos*. Ainda no intestino, outra enzima, a *eripsina*, também atua sobre as proteoses e peptonas transformando-as em amino-ácidos. Estes, sendo muito mais simples, são solúveis pelos sucos intestinais e facilmente absorvidos pelas células do intestino, passando, assim, à circulação sanguínea. Do sangue, cada parte do organismo, — músculos, órgãos internos, etc., — absorvem uma certa parte de amino-ácidos, para serem usados no crescimento ou reparação dos mesmos.

A MATÉRIA GRAXA ou GORDURAS dos alimentos passam quasi que sem nenhuma transformação até alcançarem o intestino delgado. Aí, por intermédio da bile secretada pelo fígado, elas são emulsionadas. Entra em ação, em seguida a *lipase*, componente do suco pancreático, desdobrando-as em ácidos graxos e glicerina. Os ácidos graxos, em presença de um meio alcalino, que é o do intestino, se saponificam, sendo, nesta forma e juntamente com a glicerina, absorvidos pelas vilosidades do intestino.

Tudo o que, passando o trato digestivo, não foi absorvido, se acumula na última porção do intestino, o reto, e é após regeitado sob a forma de fezes. Estas compõem-se, também da parte de nutrientes não assimilados e de produtos de excreção do organismo, tais como resíduos de bile e sucos digestivos, alguma matéria mineral, células mortas, mucus e bactérias. As fezes contém, igualmente, matéria estranha tal como terra e areia consumidos juntamente com os alimentos.

Esta sucinta explanação da maneira como os alimentos são transformados e absorvidos pelo

ROLHAS PARA LEITE



A maior fábrica de rolhas metálicas para frascos de leite e de outros tipos aprovados pelo Departamento de Fiscalização do Leite

do Rio de Janeiro e de S. Paulo. — Máquinas para arolhar frascos de leite, garrafas comuns, etc.

INDÚSTRIA PEDRO GIORGI LIMITADA

FÁBRICA DE ROLHAS METÁLICAS

R. Benjamin Constant, 77 — Tel. 2-3725

Telegr.: "GIORGI" —/— S. PAULO

organismo animal, serve para apreciarmos corretamente o valor relativo de cada alimento. Da mesma forma, explica-nos porque uma determinada espécie animal é capaz de aproveitar certo alimento enquanto que para outras ele não tem quasi valor. Assim, na alimentação dos bovinos não só pôde como deve entrar grande quantidade de alimentos volumosos, tais como o pasto verde, feno, silagem, cana etc., mas para os suínos tais alimentos são prejudiciais quando em quantidades relativamente elevadas.

Decorre, ainda, destas considerações, a importância que a digestibilidade dos alimentos representa para a nutrição animal, pois, somente a parte dos alimentos, capaz de ser atacada e dissolvida pelos diversos sucos digestivos entra na circulação sanguínea, transformando-se em energia, carne, leite etc.. O resto é excretado nas fezes, não tendo o mínimo aproveitamento.

Não basta, pois, dar alimentos aos animais, é preciso, antes de mais nada, saber que alimentos dar, escolhendo aqueles cuja digestibilidade é reconhecida como elevada e experimentalmente provada. Agindo desta maneira os criadores estarão não apenas proporcionando, aos animais, meios com o que viverem e produzirem satisfatoriamente, mas agindo economicamente desde que a economia da produção se alicerça no aumento da produção individual com o mínimo dispêndio proporcional de alimentos.

Inconvenientes e vantagens da cerca eletrizada

George W. Kabbe

É bem sabido que, nos últimos anos, alguns fazendeiros utilizam cercas eletrizadas para evitar que determinados animais saiam do perímetro que lhes foi destinado. A cerca eletrizada, como o nome indica, transmite um choque elétrico ao animal que a toca e acredita-se que um certo número de choques são suficientes para que ele "aprenda" a não se avizinhar muito da cerca, mesmo para apanhar o capim que cresce próximo dela.

No Estado de Wisconsin, onde a cerca eletrizada apareceu em primeiro lugar, diz-se que desde o ano de 1932 foram instaladas em cinco mil hectares. Eis aqui o que sobre

suas vantagens e desvantagens informam alguns fazendeiros:

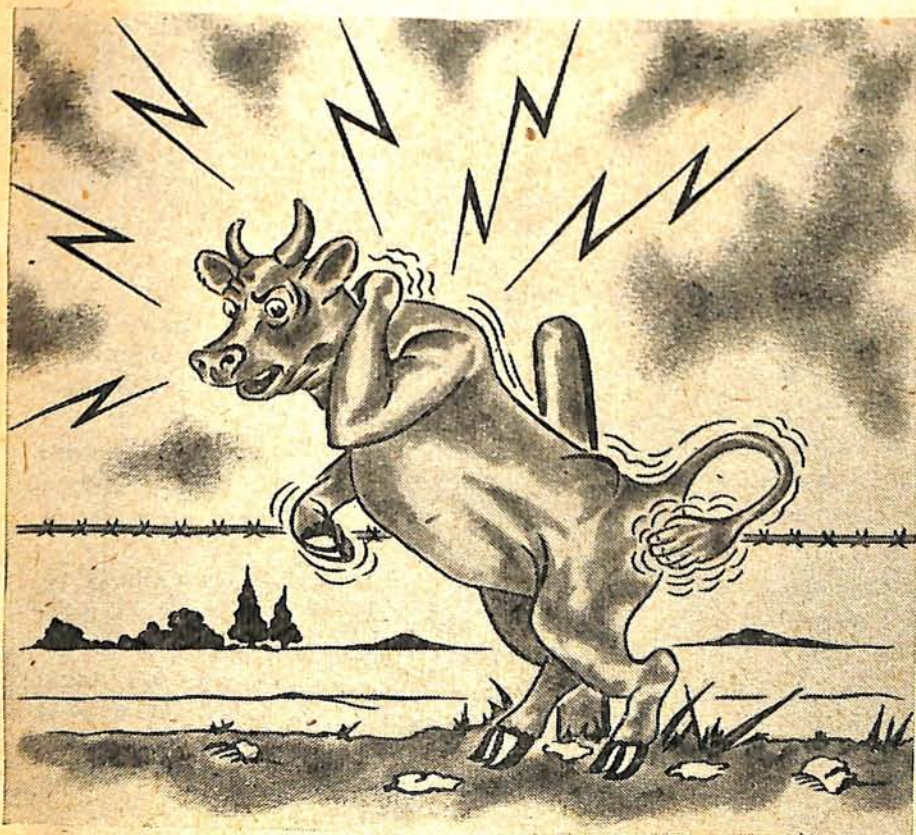
1) Basta rodear com um arame eletrizado uma pilha de feno para o gado não se avizinhar do mesmo. 2) Dá bom resultado para manter em determinado perímetro os suínos e o gado bovino e equino. 3) Evita os perigos dos ferimentos causados pelos arames farpados. 4) Desde sua instalação não foi necessário voltar a reparar a cerca do curral do touro reprodutor, como ocorre com o arame corrente. 5) "Para os animais rebeldes — diz um fazendeiro — a cerca eletrizada constitui o melhor remédio".

Porém, nem todas as pessoas que a usaram se mos-

tram tão entusiastas, pois as cercas eletrizadas também causaram alguns acidentes: Um cavalo morreu ao contato de uma cerca ligada diretamente com um circuito de 110 volts; a morte de um cão pelo choque de um arame em série com uma bomba de 7 1/2 wats; cinco vacas mortas em um circuito de 110 volts; um suíno de 400 quilos que morreu porque o terreno estava molhado — o que, como é natural, aumenta a intensidade da descarga.

Por outro lado, são muitos os fazendeiros que as utilizam vantajosamente. O que mais fala em seu favor parece ser o pequeno custo e a facilidade com que podem ser feitas temporariamente para a rotação dos campos de pastoreio ou seja para dividi-los em poteiros e usá-los alternativamente. Outros as usam para acostumar o gado bovino e cavalos a manter-se afastado dos arames farpados: — para evitar os ferimentos; para impedir que os suínos fucem a terra em baixo das cercas; para tirar dos suínos o vício de comer galinhas: — ligando o arame eletrizado com uma galinha morta; para evitar ou diminuir a erosão; para que os animais não saiam do perímetro saltando por cima da cerca; para evitar os reparos constantes das cercas do curral.

No que respeita os perigos que a cerca eletrizada oferece para a vida dos animais e ainda das pessoas informam-nos que o comissário do Trabalho do Estado de Oregon sancio-



nou a venda de uns aparelhos reguladores de corrente direta de 6 e 32 volts e reguladores de corrente alternada de 110 volts. Agora há no mercado três tipos de reguladores: dois deles são semelhantes e servem para corrente direta de 6 e 32 volts; o terceiro se utiliza em circuitos de corrente alternada de 110 volts.

Podem-se usar baterias de acumuladores ou pilhas secas para eletrizar as unidades de 6 volts. Afirma-se que com

quatro baterias de pilhas secas pode-se manter eletrizado durante dois meses uma unidade que apanhe uma cerca até 8 quilômetros.

Na Universidade de Wisconsin atualmente se estão efetuando investigações, sob a direção de F. W. Duffee, com o objetivo de chegar a poder construir uma cerca eletrizada verdadeiramente eficaz e de baixo preço, na qual a voltagem seja suficientemente elevada para que se possam

empregar arames lisos (em lugar de arame farpado), ainda que não tão elevada que chegue a constituir um perigo para os animais ou para o homem.

Não é provável, sem dúvida, que as cercas eletrizadas cheguem a substituir todas as outras cercas — as de uso corrente. Em tal caso, uma e outra ocuparão seus respectivos lugares na economia agropecuária.

A EXCURSÃO DO MINISTRO DA AGRICULTURA PELOS ESTADOS DO SUL

Como é do conhecimento de nossos leitores, o sr. Daniel de Carvalho, ministro da Agricultura, acompanhado de uma comitiva composta por técnicos de sua pasta, realizou, nos primeiros dias de fevereiro, uma excursão pelos Estados do sul, visitando S. Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Os objetivos dessa viagem, segundo declarações do próprio ministro, prendem-se à verificação dos trabalhos realizados pelo Ministério e pelos governos estaduais no sentido de desenvolver todos os setores relacionados com a agropecuária.

Em S. Paulo, a restauração dos cafezais e aproveitamento das terras consideradas cansadas para o plantio de novos cafezais, o desenvolvimento da cultura titrícola, o combate à peste suína no Vale do Paranapanema, e outros problemas ligados à pecuária, à piscicultura, à restauração dos solos, mecanização da lavoura foram pontos essenciais e determinantes da visita ministerial.

O sr. Daniel de Carvalho tendo chegado a S. Paulo, no dia 2 de fevereiro, aqui ficou até o dia 5, cumprindo integralmente o programa de visitas que se propuzera.

Dessa forma, no mesmo dia da chegada viajou para Campinas, onde visitou a Fazenda Experimental Santa Elisa, o Instituto Agrônomico, a Fazenda Mato Dentro e os órgãos do Estado subordinados ao Ministério da Agricultura.

Seguindo para S. Carlos, foi visitada a Fazenda Canxim, estação experimental do Ministério da Agricultura, onde o sr. Ministro da

Agricultura teve oportunidade de verificar o excelente trabalho de seleção que vem realizando o Diretor da mesma, Dr. Teixeira Vianna.

Chegando a Rio Claro, a convite da Família Paula Machado, o sr. Ministro da Agricultura e comitiva foram recebidos na Fazenda S. José e, daí, visitaram o Horto Florestal da Companhia Paulista.

Nesta Capital, foram motivo de visita, o Departamento da Produção Animal, o Instituto de Fermentação, a Sociedade Rural Brasileira, e departamentos do Ministério e da Secretaria da Agricultura. Depois da visita realizada aos Departamentos do Ministério da Agricultura, em Botucatu, neste Estado, o sr. Daniel de Carvalho embarcou para o Sul, prosseguindo em sua excursão de estudos das questões atinentes à pasta que dirige.

No Paraná e Santa Catarina o assunto principal foi o desenvolvimento da cultura do trigo, contando o órgão federal com a colaboração estreita do poder estadual para serem atingidos os fins colimados.

Também no Rio Grande do Sul o programa de visitas foi bem extenso sendo examinadas todas as questões que preocupam no momento o setor da agropecuária.

Fazemos votos ardentes que os melhores resultados apareçam dessa excursão ministerial porque se impõe o fomento da produção em todos os setores. As atividades do sr. Daniel de Carvalho constituem penhor de confiança de vez que o atual ministro não tem medido esforços para resolver satisfatoriamente as questões com que se defronta.

Novo diretor do Departamento Nacional da Produção Animal

Por ato do sr. Ministro da Agricultura foi recentemente nomeado o Dr. Henrique Blanc de Freitas para o cargo de diretor geral do Departamento Nacional da Produção Animal.

Com isto, o sr. Daniel de Carvalho demonstrou fielmente desejar imprimir novos rumos aos trabalhos da pasta que dirige, impulsionando vigorosamente os órgãos que a compõem através dos conhecimentos técnicos de homens capazes, por todos os títulos, de realizar obra meritória.

Quando vêm à baila os problemas da nossa pecuária, quando se examinam os grilhões que a manietam, levanta-se a voz uníssona e geral de que a mesma carece de técnica e de técnicos. Entretanto, jamais se procurou atingir o ponto nevrálgico da questão e essa terapêutica heróica prescrita para os enfermos albeios, ainda não fôra aplicada aos próprios doentes. Eis que o espírito esclarecido e compreensivo do atual Ministro da Agricultura, que já por diversas ocasiões fez sentir a necessidade de técnicos para o desenvolvimento de nossa produção, começou administrando remédios em sua própria casa. Isto porque si o Departamento em causa superintende todos os serviços ligados à indústria animal, parece-nos princípio comezinho de lógica que a chefia do mesmo só poderia caber a um profissional veterinário. O ato do Sr. Ministro da Agricultura dando a chefia de um importante Departamento de sua pasta a um técnico na matéria enche-nos de júbilo e reforça a nossa convicção de que a pecuária experimentará melhores dias para o futuro, porém de maiores encomios ainda se torna credor o sr. Daniel de Carvalho por ter feito recair a escolha na pessoa do Dr. Henrique Blanc de Freitas.

O novo diretor geral do D.N.P.A. deve, por justiça, ser apresentado aos nossos leitores por dois aspectos marcantes de sua personalidade: o homem e o profissional.

Probo, honesto e de caráter inflexível, o Dr. Blanc de Freitas deveria ser o paradigma dos nossos homens públicos si quizessemos emergir da crise que, assustadoramente, se implantou dentro de nossas fronteiras político-administrativas. Dando a todos os atos o toque de seu coração bem formado, modesta e lealmente sabe ser franco.

Diplomado em 1919 pela extinta Escola Superior de Agricultura e Veterinária, o novo diretor geral do D.N.P.A. obteve, durante o curso, prêmio de viagem à Europa, onde reali-

zou estagios de aperfeiçoamento na França e Itália e, de volta ao Brasil, em 1923, ingressou no então Serviço de Indústria Pastoral, exercendo suas atividades profissionais em muitos Estados da União.

Fazendo toda a carreira de Veterinário do Ministério da Agricultura, tendo desempenhado inúmeras comissões e serviços, em 1943 foi promovido, por merecimento, à classe M como Inspetor de Produtos de Origem Animal. Em 1946, quando se encontrava como Diretor da Divisão de Defesa Sanitária Animal, foi nomeado interventor na Comissão Executiva do Leite onde se conduziu com tanta proficiência e habilidade, de modo a fazer jús à gratidão da numerosa classe de produtores sem afetar em nada o interesse do público consumidor.

A volumosa e seleta bagagem científica do Dr. Blanc de Freitas, aliada aos profundos e extensos conhecimentos práticos que a sua vida profissional lhe ministrou não ficou presa em compartimento estanque. Dessa forma, chamado a reger a cadeira de Indústria e Inspeção dos Produtos de Origem Animal, da Escola Fluminense de Veterinária, o consagrado técnico teve oportunidade de transmitir aos profissionais desta atual geração, farto cabedal de ensinamentos hauridos no contáto diário com os problemas brasileiros da profissão.

Nós, que o tivemos pela frente em 1935, como examinador do concurso de ingresso ao quadro de inspetores de carnes do Ministério da Agricultura, nos abalancamos a estes comentários. É que no decorrer das provas de concurso, apreendemos os traços mais salientes da personalidade do Dr. Blanc de Freitas, através dos ensinamentos distilados de sua sólida argumentação como examinador e da sua compreensão, lhanza e cavalheirismo, mantidos, com evangélica paciência, mesmo diante das maiores heresias científicas praticadas pelos que acabavam de se levantar dos bancos acadêmicos para ingressar nas lides profissionais.

Louvando o critério que presidiu à escolha do novo diretor geral do D.N.P.A., temos certeza absoluta que novos rumos serão impressos aos trabalhos atinentes à nossa indústria animal, porque não faltam ao Dr. Blanc de Freitas virtudes morais e técnicas apuradas para guiar, com gallardia e patriotismo, os destinos do órgão que deve zelar pela pecuária nacional.

P. M.



Sua Carta Chegou

SR. OBSERVADOR CAMPEIRO — CURITIBA
— Est. do Paraná.

Recebemos sua carta e agradecemos, sensibilizados, as elogiosas referências que fez ao nosso empenho de oferecer uma revista útil e bem apresentada aos nossos leitores. Respondendo à sua crítica de "não publicarmos, com frequência, clichês de exemplares da raça "Caracú", informamos que a culpa, por esse lapso, não nos cabe de todo. É que os próprios criadores dessa raça não têm procurado abrigar sua produção nas páginas desta Revista que, diga-se de passagem, tem por norma acolher publicações (e respectivas ilustrações), de qualquer fonte, desde que, como é natural, o assunto seja criterioso, de interesse geral e traga contribuição efetiva para o melhoramento da produção pastoril. Nosso objetivo, no particular, é o de pugnar pelo aperfeiçoamento zootécnico do rebanho nacional, alijando nossos comentários de questões partidárias ou individuais, afastando-nos das discussões estereis para alcançarmos, tanto quanto possível, o que é prático, útil e benéfico.

Nem aos técnicos, colaboradores de nossa Revista, podemos responsabilizar pelo lapso que V. S. nos aponta. Isto porque só agora estão sendo colhidos dados concretos e seguros sobre a criação do Caracú, trabalho esse realizado por um grupo moço de veterinários dos órgãos oficiais. Todo o largo período dedicado à seleção do Caracú foi verdadeiro desperdício, considerando-se que a partir do momento que

essa raça preocupou os órgãos competentes até quasi nossos dias, ninguém cogitou de divulgar dados de rendimento de produção no sentido zootécnico extrito. Passou, assim, a fase empírica de seleção, em que não houve orientação nem planejamento. Sabemos que ha boas linhagens leiteiras da raça Caracú, porém só agora estão sendo feitos estudos e observações a respeito. Também sabemos que a Caracú oferece animais mais pesados que outras raças de corte, porém constitue incognita o caminho a seguir para se obter o novilho de frigorífico e outros dados inherentes a essa função zootécnica. Portanto, faltam dados, falta o interesse de técnicos e dos próprios criadores. Acreditamos, entretanto, que muito em breve surgirão trabalhos sólidos sobre a raça Caracú, em virtude da atenção que alguns técnicos oficiais estão votando ao assunto. Enquanto isso, Sr. Observador Campeiro, as nossas páginas continuam à disposição dos srs. Criadores dessa raça ou simples afeiçoados pela mesma, acolhendo, com simpatia e solicitude, publicações que venham orientar, esclarecer e indicar o caminho para o aperfeiçoamento zootécnico da pecuária nacional.

O Editor.

Podendo, leia

ARBORICULTURA FRUTÍFERA

Heitor Pinto Cesar

"Edições Melhoramentos" — São Paulo - 1947

De autoria do agrônomo Heitor Pinto Cesar, assistente da 12.ª cadeira e professor de Horticultura Prática da Escola Agrícola "Luiz de Queiroz", "Edições Melhoramentos" vêm de lançar o livro "Arboricultura Frutífera".

Destinado aos que se ocupam com o cultivo das frutas de mesa em nosso país, é este livro um utilíssimo manual com suas 215 páginas repletas de bons ensinamentos e 137 figuras elucidativas. Partindo da escolha do terreno para a instalação de um pomar, generalidades e particularidades das plantas frutíferas, descreve este livro aos interessados, todos os métodos e segredos para que o cultivo de tais arvores se torne entre nós o que é nos Estados Unidos e Argentina.

Venda de terras com falta de área

Hely Lopes Meirelles
ADVOGADO

Uma questão sobre a qual muitos lavradores nos tem consultado é a que diz respeito à compra e venda de terras com falta de área, pelo que julgamos oportuno tecer algumas considerações sobre os vários aspectos que o caso pôde apresentar.

Para a boa compreensão do assunto necessário se torna distinguir os dois tipos de aquisição imobiliária que o direito conhece.

A compra e venda pôde ser *de corpo certo* (*ad corpus*), ou *por medida* (*ad mensuram*). A primeira hipótese — de corpo certo — ocorre quando o comprador adquire, por um preço global, certo imóvel perfeitamente caracterizado e individuado por divisas conhecidas: o segundo caso — por medida — se dá quando o adquirente compra determinada área, sem características que a individuem, a não ser a exatidão de suas dimensões, constantes da escritura, e por um preço unitário calculado sobre a unidade de medida que se tomou para base do negócio (metro quadrado, área, alqueire, etc.).

De cada um destes tipos de compra e venda resultam consequências e responsabilidades diversas para os contratantes.

Na compra *de corpo certo*, como por exemplo, na aquisição de uma fazenda X, por um preço Y, o que o comprador tem em vista é o conjunto de benfeitorias, de culturas, de máquinas, enfim aquela organização bem sua conhecida, que constitui a propriedade agrícola objeto do negócio. Neste caso, como a área do imóvel é elemento secundário no contrato, a lei tolera, sem consequências para os contratantes, uma diferença de até um vigésimo (1/20) sobre a extensão declarada na escritura. Desde que a falta de área não exceda a permissão legal, nada pôde o comprador reclamar contra o vendedor.

Já na compra *por medida*, como no caso de uma aquisição de duzentos alqueires de terras, ao preço unitário de Cr\$ 3.000,00 o alqueire, leva-se em conta qualquer diferença de área

sobre a declarada na escritura, e isto porque as dimensões referidas no contrato presumem-se taxativas, uma vez que o comprador visou adquirir uma quantidade determinada de terras, e por ela pagou um preço calculado sobre tantas unidades da medida convencionada. Nesta hipótese, se posteriormente ao negócio o comprador comprovar falta de área, terá a triplíce possibilidade de pedir o complemento da área faltante, ou de pleitear o abatimento proporcional do preço, ou finalmente de rescindir a escritura de compra e venda.

A lei (Código Civil, art. 1.136) estabelece uma ordem nas soluções facultadas à parte lesada. O comprador deve, em primeiro lugar, pedir o complemento da área; se isso não for possível, em virtude de o vendedor não ter terras contíguas à vendida, deverá então reclamar o abatimento proporcional do preço, ou optar pela rescisão do contrato.

Caso o vendedor se recuse a compor amigavelmente a lesão ocasionada ao comprador, poderá este recorrer ao judiciário por meio da ação competente para a solução desejada.

A ação do comprador, contra o vendedor em falta, pôde ser exercitada pelo prazo de trinta anos, mas é de toda conveniência que se a exerça o quanto antes, tão logo seja verificada a falta de área no imóvel adquirido, afim de que a liquidação da mesma não se complique com as necessárias reposições de rendas que o comprador haja auferido nas terras, ou com os prejuízos decorrentes da rescisão do contrato (CARVALHO SANTOS, Cod. Civ. Int. com. ao art. 1.136 — Rev. Tribs. 129-614; 159-173).

Antes de finalizar queremos esclarecer que só o comprador tem ação para reparar a falta de área, nada podendo o vendedor reclamar se vendeu imóvel com extensão maior do que a declarada na escritura. A razão disto está em que o dono deve conhecer a sua propriedade em todas as suas minúcias e particularidades;

se o não conhece suportará os onus e as consequências de sua negligência.

C O N S U L T A S

DISPENSA DE SERVIÇO MILITAR DE TRABALHADORES AGRÍCOLAS

Dr. Arnaldo de Camargo - S. Paulo - Capital.

CONSULTA: Podem ser dispensados do serviço militar os trabalhadores agrícolas? Na hipótese afirmativa como deve ser pleiteada essa dispensa?

RESPOSTA: O serviço militar no Brasil está regulado pelo Decreto-Lei n. 9.500, de 23 de julho de 1946. Por esta lei todo cidadão brasileiro é obrigado a prestar serviço militar, no ano civil em que completar dezoito (18) anos de idade (art. 34), devendo, para esse fim, alistar-se perante a Circunscrição de Recrutamento do seu domicílio, nos primeiros seis meses do ano civil em que completar dezessete (17) anos de idade (arts. 21 e segs.). Vê-se pois, que pela lei vigente não ha mais *sorteio*, mas sim, *obrigatoriedade* para todos aqueles que estiverem em idade militar.

Dentre os que poderão ser dispensados da incorporação, a lei contempla os alistados em municípios de recrutamento que possuírem "pronunciada atividade agrícola" (art. 37, letra "d", combinado com o art. 55, letra "a").

Esta dispensa será concedida pelo Ministro da Guerra, depois de ouvidos os Estados Maiores das Forças Armadas, e mediante autorização do Presidente da República.

Trata-se, como se vê, de uma dispensa coletiva para evitar o desfalque de trabalhadores agrícolas de município que se caracterize por essa atividade. De notar é ainda que a dispensa fica condicionada à permanência dos dispensados no município beneficiado pela medida. Se o cidadão dispensado, mudar de município fica obrigado à incorporação.

A lei não esclarece o modo pelo qual deva ser pleiteada a dispensa, nem indica quem deva solicitá-la. Tratando-se, como se trata, de u'a medida de caráter geral, mais do interesse da coletividade que dos cidadãos abrangidos pela dispensa, entendemos que deva ser requerida pela Prefeitura do município a ser beneficiado. E' de toda conveniência que a petição seja fundamentada, de modo a permitir que as autoridades competentes verifiquem que a atividade do município requerente se enquadra na exigência do art. 37, letra "d", do decreto-lei em aprego, encaminhando-se a petição por intermédio da Circunscrição de Recrutamento a que pertencer o município pleiteante.

MORATÓRIA AOS PECUARISTAS

Victor Anastacio — Mato Grosso - Aquidauana

CONSULTA: Qual a lei em vigor sobre a moratória aos pecuaristas?

RESPOSTA: A moratória aos pecuaristas está regulada, presentemente, pela Lei n. 8, de 19 de dezembro de 1946, que revogou os dois decretos-leis que regiam a matéria (Dec.-Lei n. 9.686 de 20-8-46 e Dec.-Lei n. 9.762 de 6-9-46). Para maior esclarecimento do consultante vamos transcrever nesta Secção a lei atualmente em vigor, que está publicada no Diário Oficial da União, de 20 de dezembro do ano findo.

Lei n.º 8, de 19 de Dezembro de 1946

Suspende, até 30 de julho de 1947, o vencimento de quaisquer obrigações civis, comerciais e fiscais, a que estejam sujeitos os pecuaristas.

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil:

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:



ROLHAS METÁLICAS (CROWNCORK) S. A

FÁBRICA DE ROLHAS METÁLICAS PARA
VASILHAME DE LEITE, CERVEJAS E AGUAS MINERAIS

São Paulo

Rua Cachoeira n.º 1827

Fone: 9-4139

Art. 1.º — Fica suspenso, até 30 de Julho de 1947, o vencimento de quaisquer obrigações civis, comerciais e fiscaes, pagaveis em dinheiro ou mercadorias, a que estejam sujeitos os pecuaristas, assim considerados os que exercam efetivamente a profissão de pecuaristas.

Art. 2.º — Dentro de igual prazo, suspende-se em qualquer instancia, a exigibilidade das mencionadas obrigações, em prejuizo de curso dos juros que hajam sido convenencionados.

Art. 3.º — Ficam suspensos os efeitos dos protestos ou das penhoras, resultantes das obrigações atuidas nos artigos anteriores e que tenham sido processados a partir de 30 de agosto de 1945.

Art. 4.º — São extensivos aos avalistas, endossantes ou fiadores, ou quaisquer co-obrigados de responsabilidade de pecuaristas os beneficios desta Lei.

Art. 5.º — Enquanto gozarem dos favores desta moratória os devedores e seus co-obrigados não poderão alienar ou gravar quaisquer de seus bens, sem expresso consentimento dos credores.

Art. 6.º — Aos estabelecimentos bancários, ficará assegurada a faculdade de recorrer a Caixa de Mobilização Bancária, nos termos do Decreto-Lei n. 9.201, de 26 de abril de 1946, ficando desde já prorrogado até 31 de dezembro de 1948, o prazo de que trata o art. 3.º do Decreto-lei n. 8.493, de 28 de dezembro de 1945.

Art. 7.º — Os beneficios desta Lei não são extensivos:

- a) aos invernistas;
- b) aos industriais de carne, assim considerados os que exploram frigoríficos e xarqueadas, ainda que sob a fórmula de cooperativas.

Art. 8.º — Revogam-se os Decretos-leis n.ºs 9.686, de 30 de Agosto de 1946, e 9.762, de 6 de setembro do mesmo ano.

Art. 9.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 1946, 125.º da Independência e 58.º da República.

*Benedicto Costa Netto
Eurico G. Dutra
Corrêa e Castro.*

A Secção "Informações Jurídicas", a cargo do advogado Helly Lopes Meirelles, responderá por estas columnas e por carta, mediante remessa de 1 selo de Cr\$ 0,40, à todos aqueles que nos consultarem.

CONTRA O
"CURUQUERÊ"



do algodoeiro e de outras plantas, as moscas ou bichos das frutas, abelha "cachorro" ou "irapuá" dos pomares, etc.

**ARSENIATOS
"JÚPITER"**

DE ALUMINIO E DE CHUMBO

em pó 30-32 % de As_2O_5
em pasta . . . 15-16 % de As_2O_5

Para o preparo de calda
bordalesa

SULFATO DE COBRE "NEVAZUL"
(cristais bem miúdos)

Contra "oidios" ou "brancos",
"ácaros", etc.

**ENXOFRE DUPLO VENTILADO
"JÚPITER"**

Para pulverizações
PÓ BORDALES ALFA "JÚPITER"
(Fungicida enérgico com
16 % de cobre)

VERDE PARIS
(Verde de Schweinfurth) e outros
PRODUTOS QUÍMICOS AGRÍCOLAS
e INDUSTRIAIS

ADUBOS QUÍMICO-ORGÂNICOS
"POLYSÚ" e "JÚPITER"

FORMICIDA "JÚPITER"
O Carrasco da Saúva

PRODUTOS QUÍMICOS
"ELEKEIROZ" S/A

SÃO BENTO, 503 - CAIXA POSTAL 255
SÃO PAULO

RECEITUÁRIO PRÁTICO

“APRENDA E ENSINE”

Leitor Amigo. Encontrará você, aqui, uma série de pequenos ensinamentos práticos e que a todo momento necessitamos em nossas fazendas. Se você precisar de algum conselho para fazer isto ou aquilo, consulte-nos, que teremos o máximo prazer em atendê-lo. Se você tiver, também, alguma coisa para divulgar, envie-nos, que teremos o máximo prazer em publicá-la.

FABRICAÇÃO DE VINAGRE

AMAURY H. DA SILVEIRA

Há dois processos de fabricar vinagres:

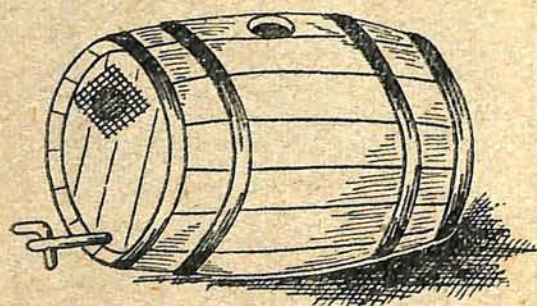
- 1 — processo lento ou do barril deitado;
- 2 — processo rápido ou do barril em pé.

Processo lento — Neste processo usa-se um barril deitado e o vinagre leva de 3 a 6 meses para poder ser usado.

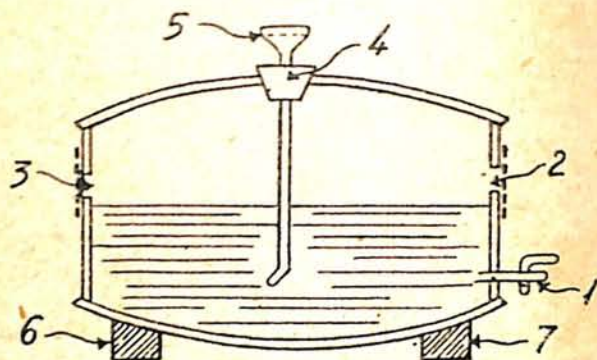
É um método próprio para ser empregado na fazenda e que dá vinagre: muito perfumado e limpo.

Os vinagres de suco de frutas e de mel são fabricados por este método.

Construção de Vinagreira — Qualquer barril ou pipa, que tenha sido usado para vinhos ou outra bebida, pôde ser transformado em vinagreira. Para isso, basta colocar uma torneira de madeira (1), fazer dois furos (2 e 3) de 5 cm. de diametro no fundo e na tampa, cobrindo com tela de arame; colocar no meio do barril um batoque (4) de madeira atravessado por um funil de vidro (5) e escorar o barril com calços (6 e 7) dos lados.



Barril deitado.



Corte do barril deitado.

Fabricação do vinagre — 1 — Lavar a vinagreira com um vinagre forte para tirar-lhe o gosto, embeber a madeira e acidulá-la.

2 — Fazer em uma vasilha à parte uma mistura de 1 parte de vinagre forte para 4 de um vinho qualquer ou de líquido alcoólico fraco (graduação inferior a 10° GL).

3 — Colocar a mistura acima na vinagreira até a metade do barril afim de oferecer a maior superfície possível de exposição ao ar;

4 — Verificar no fim de uma semana de absoluto repouso se houve formação de uma película vulgarmente chamada chapéu ou mãe do vinagre, composta quasi que completamente por bactérias acéticas, sendo indispensavel sua formação para se obter uma boa acetificação;

Deve-se ter grande cuidado em não revolve-la ou agita-la para evitar que se desagregue e afunde no líquido;

5 — Determinar, de tempo em tempo, o aumento da acidez do líquido, quer pelo gosto, quer pelo cheiro forte e penetrante ou ainda por outros meios mais exatos porém nem todos ao alcance do fazendeiro; (x).

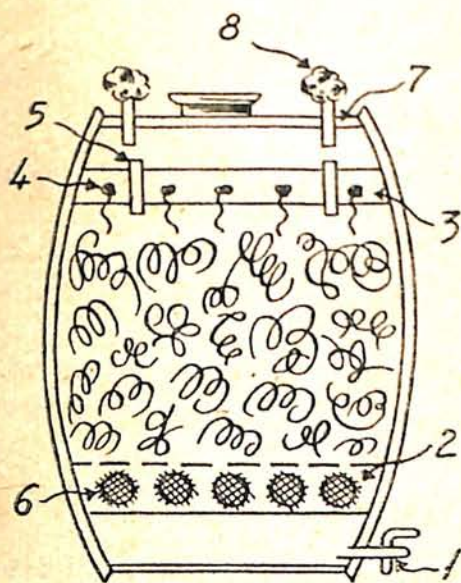
6 — Filtrar em flanela, no fim de 3 a 6 meses, o vinagre que já então deve ter atingido o máximo de acidez;

7 — Engarrafar e guardar ou então usar;

8 — Substituir o número de garrafas retiradas por igual número de garrafas com um líquido alcoólico fraco ou com um vinho qualquer, sem precisar juntar vinagre forte, de vez que este já se encontra no barril;

9 — Retirar toda a semana uma certa quantidade de vinagre e substituir por igual quantidade do líquido já citado acima.

Processo rápido. — No processo rápido usa-se o barril em pé e o vinagre leva, no máximo uma semana para ficar pronto.



É o método usado em escala comercial e que fornece vinagre inferior em aroma e gosto ao feito pelo processo anterior.

Por este processo geralmente se fabrica o vinagre de álcool, podendo também ser empregada a *água fraca*.

Construção da Vinagreira — Na construção desta vinagreira é necessário colocar uma *torneira de madeira* (1). Duas *tábuas perfuradas* (2 e 3), a tábua do fundo (2) é crivada de pequenos furos de 0,5 cm. de diâmetro, a tábua superior (3) além dos crivos que são vedados por *barbantes* (4) com um nó na parte de cima, tem 2 furos maiores (por onde passam tubos de vidro (5); orifício de 3 cm. de

diâmetro cobertos por *telas de arame* (6); uma tampa (7) com 2 *tubos de vidro* (8) tapados com algodão e finalmente encher o espaço entre as duas tábuas com fitas de carvalho, palha de milho ou bagaço de cana bem seco.

Fabricação de vinagre — 1 — Ferver as fitas de carvalho, a palha de milho ou o bagaço de cana em vinagre forte;

2 — Despejar na parte superior um vinho (R) ou líquido alcoólico fraco (até 10° GL) sem deixar vasar pelos tubos de vidro (5);

O líquido vai caindo gota a gota através do barbante, sobre as fitas de madeira, recebendo em sentido contrário uma corrente de ar contínua;

3 — Retirar o vinagre fraco pela torneira (2) e colocar novamente na vinagreira e assim proceder 2 ou 3 vezes por dia até completa acetificação (que leva de 5 a 7 dias);

4 — Filtrar em flanela ou em feltro;

5 — Engarrafar e guardar ou usar imediatamente;

6 — Substituir o número de garrafas retiradas por igual número com o líquido alcoólico fraco;

(x) Existe no comércio um pesa vinagre que pôde dar uma orientação mais segura de que aquela verificada apenas pela prática.

(Y) Aqui não se necessita mistura com vinagre forte porquanto as fitas de madeira já foram fervidas em vinagre e portanto o meio já está bastante azedo.

Fazenda RETIRO FELIZ

CRIAÇÃO DE ANIMAIS PURO SANGUE
DA RAÇA

NELORE

VENDA DE REPRODUTORES

Para informações, na própria fazenda em
ENGENHEIRO HERMILLO (E. F. Sorocabana) com o Sr. RUFINO SOARES ou
com o proprietário Dr. OCTAVIO DA
ROCHA MIRANDA à

P R A Ç A F L O R I A N O, 31
2.º Andar  RIO DE JANEIRO



MOURÕES Serrados para CERCAS

DE EUCALIPTO, Wolmanizados (imunizados) contra

PODRIDÃO, CUPIM E INSETOS

Por tratamento moderno em Auto-Clave.

INCOMBUSTIVEIS - LONGA DURAÇÃO.

PLENA SATISFAÇÃO EM TODO SENTIDO.

Deposito permanente para pronta entrega.

Peça prospelo com preços

PRESERVAÇÃO DE MADEIRAS L^{DA}

RUA QUINTINO BOCAIUVA, 176

2-4522

Prema

SÃO PAULO

Fórmulas uteis — Daremos outras fórmulas muito aplicadas nos tratamentos das diferentes pestes ou pragas dos vegetais.

Solução ácida de sulfato de ferro:

Sulfato de ferro 30 quilos

Acido sulfúrico 1 litro.

Água 100 litros

A preparação se efetua dissolvendo o sulfato de ferro nos 100 litros de água, agitando até total dissolução. Depois verte-se o ácido sulfúrico com cuidado e agitando o líquido constantemente. É preciso não esquecer dos efeitos cáusticos do ácido sobre a pele do operador, lavando imediatamente com grande quantidade de água, a superfície em que por ventura tenha caído, antes que provoque queimaduras.

Utilizam-se às vezes soluções de formol e de bicloreto de mercúrio que se preparam por simples dissolução segundo estas fórmulas:

Formalina comercial (a 40%) 1 litro

Água 100 litros

Bicloreto de mercúrio 100 grs.

Água 100 litros

Estas duas soluções são tóxicas e devem ser guardadas com precauções. Empregam-se espe-

cialmente para a desinfecção de sementes antes da semeadura.

Misturas oleosas — Os métodos modernos de ataque às enfermidades das plantações incorporaram em grande escala o uso de substâncias oleosas. Os mais utilizados são os azeites pulverizáveis que atuam como inseticidas, especialmente contra as cochonilhas e os ácaros, que são mortos por asfixia, destruindo também seus ovos, fato que os torna duplamente eficazes.

Substituem assim as emulsões do kerosene e a massa oleosa que se aplicam ainda com grandes resultados, porém que em muitos casos são menos indicados e ademais exigem uma preparação mais complicada. Para o uso dos azeites é necessário cuidar das características especiais dos mesmos. Um azeite não é igual a outro, nem em qualquer caso é aplicável o mesmo regime ou o mesmo tipo. No inverno podem usar-se azeites mais pesados e menos voláteis, cuja ação pode prolongar-se apesar dos dias chuvosos, sem danificar a planta. Em climas secos ou em plantas de folhas caducas aconselham-se os tipos mais voláteis e leves.

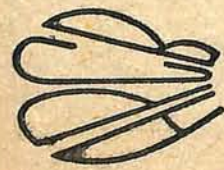
No comércio são encontrados estes diversos tipos de azeites. São preparados de azeites com substâncias emulsionantes que permitem sua suspensão homogênea na água e sua correta pulverização.

Uma vez aplicada sobre a planta a emulsão se decompõe e o azeite ao ficar livre atua sobre os parasitas e sobre os ovos, provocando sua destruição.

Os azeites de boa qualidade, para que não ajam negativamente sobre as plantas, não devem conter resíduos sulfonados, os quais atuam como tóxicos. Sua volatilidade é importante e estará de acordo, como dissemos, com a zona, o clima, a época em que se aplicam.

Podem ser preparados na própria casa do fruticultor, partindo de um azeite de qualidade indicada ao qual é preciso agregar a substância emulsionante. Os azeites mais usados são os minerais leves, em geral os de pescado e entre os vegetais os de girasol ou algodão. Pode também utilizar-se o azeite de amendoim porém cortado com azeite mineral n.º 1 ou com o de pescado, na proporção de 50%.

Uma das fórmulas caseiras que se pode utilizar para preparar um azeite emulsionável é a seguinte, na qual o veículo emulsionante que se usa é o caseinato de cálcio preparado pela ação da cal sobre a caseína, ambos produtos baratos e de fácil aquisição:



Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B.

• (16-12 a 15-1-947) •

LACTAÇÕES TERMINADAS

Cle.	Nome da vaca	N.º SCL	Dias	Produções (ks.)		Raça	PROPRIETARIO
				Leite	M. G.		
					o/o M. G. <td></td> <td></td>		
Vacac submetidas a três ordenhas. Divisão A.							
—	Verónica	400	300	3.423,0	108,0	3,15	Hol. p b n r — Carlos Alberto W. Auerbach.
Vacac submetidas a três e duas ordenhas. Divisão B.							
3. ^a	Amazonas ...	435	213	2.459,0	103,3	4,20	Hol. p b 7/8 — Joaquim Barros Alcântara.
Vacac submetidas a duas ordenhas. Divisão B.							
7. ^a	Rebeca	384	365	5.065,0	201,1	3,97	Hol. p b 7/8 — João Moraes Barros.
7. ^a	Moderna	387	365	4.711,0	209,5	4,44	Hol. p b 7/8 — João Moraes Barros.
3. ^a	Faceira	383	365	3.996,0	170,5	4,26	Hol. p b 7/8 — João Moraes Barros.
1. ^a	Araras	409	300	2.992,0	101,7	3,39	Hol. p b PCOC — João Moraes Barros.

RESULTADOS DE CONTROLE

C R I A D O R	N.º SCL	Nome da vaca	Cle.	Cont.	Prod. de leite (ks.)	Prod. de M. G. (ks.)	Perc. de M. G.	Dias de lactação	R A Ç A
Colégio Adventista Brasileiro, Santo Amaro. Controle em 7/1/947. Regime de semi-estabulação, com três e duas ordenhas.	46	Belinha	2. ^a	8. ^o	14,850	0,568	3,82	226	Hol. p b PCOC
	48	Aliança	2. ^a	9. ^o	4,370	0,184	4,21	265	Hol. p b PCOC
	49	Valisa	7. ^a	8. ^o	17,090	0,613	3,58	230	Hol. p b 7/8
	100	Favorita	2. ^a	9. ^o	3,330	0,129	3,90	272	Hol. p b PCOC
	120	Falua	3. ^a	8. ^o	12,420	0,410	3,30	243	Hol. p b PCOC
	139	Professora	5. ^a	8. ^o	10,140	0,316	3,11	224	Hol. p b 7/8

140	Rainha	4. ^a	8. ^o	6,900	0,268	3,90	235	Hol. p b PCOD
141	Traituba	5. ^a	8. ^o	10,580	0,443	4,18	234	Hol. p b 7/7
142	Angai	5. ^a	7. ^o	12,930	0,441	3,41	218	Hol. p b PCOD
225	Bonéca	5. ^a	6. ^o	15,970	0,502	3,13	178	Hol. p b PCOC
226	Carícia	5. ^a	5. ^o	15,600	0,570	3,65	127	Hol. p b PCOC
227	Pérola	7. ^a	4. ^o	17,570	0,641	3,64	114	Hol. p b PCOC
460	Platéia S.	1. ^a	8. ^o	12,290	0,471	3,82	236	Hol. p b PCOC
461	Marréca	3. ^a	7. ^o	9,000	0,411	4,56	238	Hol. p b PCOC
477	Paulista	3. ^a	7. ^o	18,190	0,581	3,19	208	Hol. p b PCOC
478	Farroupilha S. ..	1. ^a	7. ^o	12,850	0,461	3,58	213	Hol. p b PCOC

56	Alfenas	3. ^o	9,980	0,378	3,78	99	Hol. p b
57	Calçadinha	7. ^a	7,490	0,270	3,60	197	Hol. p b PCOD
64	Alzira	3. ^a	10,400	0,376	3,61	81	Hol. p b PCOC
68	Barbacena	2. ^o	8,680	0,395	4,55	48	Hol. p b
69	Baleia	2. ^o	13,960	0,527	3,77	61	Hol. p b
70	Nebolina	7. ^a	10,880	0,551	5,06	112	Hol. p b 7/8
74	Tosca	4. ^a	10,210	0,434	4,25	189	Hol. p b 3/4
75	Urânia	4. ^a	11,020	0,437	3,96	270	Hol. p b 7/8
121	Campineira	6. ^a	8,060	0,370	4,59	254	Hol. p b 3/4
207	Beleza	5. ^a	7,990	0,344	4,30	246	Hol. p b n r
208	Inglesinha	3. ^a	8,840	0,360	4,18	227	Hol. p b PCOD
234	Barroza	2. ^a	13,080	0,590	4,51	97	Hol. p b 7/8
235	Liberdade	4. ^o	12,800	0,549	4,29	97	Hol. p b n r
254	Borboleta	1. ^o	16,300	0,655	4,01	—	Hol. p b n r
289	Xumbada	3. ^o	12,070	0,492	4,07	99	Hol. p b n r
316	Cambuquira	7. ^a	14,270	0,469	3,28	76	Hol. p b PCOD
317	Conquista	4. ^o	13,280	0,526	3,96	109	Hol. p b n r
318	Saira	1. ^o	19,250	0,633	3,28	10	Hol. p b n r
320	Brasileira	3. ^a	10,690	0,375	3,51	31	Hol. p b PCOD
341	Aurora	5. ^a	7,200	0,268	3,71	32	Hol. p b 7/8
369	Baia	2. ^o	9,400	0,358	3,80	62	Hol. p b n r
371	Araponga	4. ^a	14,030	0,492	3,50	27	Hol. p b PCOC
395	Miragem	4. ^a	11,510	0,538	4,67	296	Hol. p b PCOD
396	Cascata	1. ^a	8,390	0,416	4,95	290	Hol. p b 7/8
397	Brandina	1. ^a	9,610	0,446	4,64	283	Hol. p b 7/8
399	Belinha	1. ^a	8,590	0,327	3,80	282	Hol. p b PCOC
428	Amapola	4. ^a	11,300	0,508	4,49	266	Hol. p b 7/8
429	Balinha	1. ^a	8,680	0,329	3,79	275	Hol. p b 7/8

Joaquim Barros Alcântara, Fazenda S. Pedro, Caçapava. Controle em 13/1/947. Regime de campo com ração suplementar, duas ordenhas.

CRIADOR	N. SOL	Nome da vaca	Cle.	Cont.	Prod. de leite (ks.)	Prod. de M. G. (ks.)	Pero. de M. G.	Dias de lactação	R A Q A
Carlos Alberto W. Auerbach. Fzda. Bela Vista, Mogi das Cruzes. Con- trole em 11/1/947. Regime de semi- estabulação, com três ordenhas.	430	Cabrita	1. ^a	9. ^o	7,730	0,347	4,48	263	Hol. p b PCOD
	431	Bacana	1. ^a	9. ^o	9,000	0,366	4,06	258	Hol. p b
	434	Aliada	9. ^o	9. ^o	6,210	0,379	6,10	264	Hol. p b 7/8
	436	Araruta	4. ^a	9. ^o	8,460	0,439	5,18	264	Hol. p b 7/8
	463	Bonita del Plata	1. ^a	8. ^o	6,200	0,345	5,56	228	Hol. p b PCOD
	490	Bonita Helena	6. ^o	6. ^o	7,440	0,320	4,30	166	Hol. p b
	491	Boêmia	6. ^o	6. ^o	7,980	0,365	4,56	160	Hol. p b
	492	Caviuna	1. ^a	6. ^o	6,920	0,282	4,07	166	Hol. p b PCOD
	493	Barquinha	6. ^o	6. ^o	10,280	0,347	3,37	157	Hol. p b
	494	Áustria	6. ^o	6. ^o	10,870	0,452	4,15	160	Hol. v b
	519	Batalha	1. ^o	1. ^o	9,320	0,299	3,20	17	Hol. p b
	520	Bolívia	1. ^o	1. ^o	12,160	0,452	3,17	2	Hol. p b
Carlos Alberto W. Auerbach. Fzda. Bela Vista, Mogi das Cruzes. Con- trole em 11/1/947. Regime de semi- estabulação, com três ordenhas.	59	Bena	2. ^a	3. ^o	10,830	0,398	3,67	280	Hol. p b PCOC
	72	Anilla	2. ^a	2. ^o	10,890	0,421	3,86	69	Hol. p b PCOD
	73	Alba	3. ^a	2. ^o	14,670	0,585	3,98	68	Hol. p b
	79	Delta	6. ^a	2. ^o	13,910	0,557	4,00	62	Hol. p b 3/4
	143	Hansa	2. ^a	7. ^o	11,500	0,376	3,27	227	Hol. p b 3/4
	206	Buena Pinta	2. ^a	4. ^o	14,110	0,436	3,08	131	Hol. p b PCOC
	231	Barreira	6. ^a	4. ^o	16,090	0,605	3,75	144	Hol. p b 3/4
	464	Sabina	1. ^a	7. ^o	12,700	0,443	3,49	219	Hol. p b PCOD
	465	Sala Prilly	1. ^a	7. ^o	12,230	0,470	3,84	218	Hol. p b PCOD
	466	Yantje	2. ^a	7. ^o	16,740	0,633	3,78	217	Hol. p b PCOC
	467	Pantalla	1. ^a	7. ^o	12,600	0,498	3,95	216	Hol. p b PCOD
	468	Canilla	2. ^a	7. ^o	14,880	0,565	3,79	217	Hol. p b PCOD
	495	Arcadia	1. ^a	6. ^o	10,740	0,424	3,94	214	Hol. p b PCOD
	496	Quaresma	1. ^a	6. ^o	12,000	0,496	4,13	193	Hol. p b n r
	497	Vera	3. ^a	5. ^o	18,700	0,907	4,85	153	Hol. v b n r

OBSERVAÇÕES: — Cle. = classe; Hol. = holandesa; p b = preta e branca; v b = vermelha e branca; n r = não registrada; PCOC = pura por cruz de origem conhecida; PCOD = pura por cruz de origem desconhecida; Hols. - Frie. = Holstein Friesian. CLASSES — 1.^a) novilhas até 3 anos; 2.^a) fêmeas de 3 a 4 anos; 3.^a) fêmeas de 4 a 5 anos; 4.^a) fêmeas de 5 a 6 anos; 5.^a) fêmeas de 6 a 7 anos; 6.^a) fêmeas de 7 a 8 anos; e, 7.^a) fêmeas de mais de 8 anos.

São Paulo, 16 de Janeiro de 1947.

(a.) FIDELIS ALVES NETTO.



*A Sra.
faça
assim:*

COSTELETAS DE PORCO COM FEIJÃO BRANCO

Deixa-se de molho 1 chicara de feijão branco, durante uma noite. Na manhã seguinte, põem-se a ferver, num litro de água, uma cebola, sal e pimenta. Quando o feijão estiver tenro, frita-se em manteiga bem quente com um pouco de caldo, e, depois de quente, juntam-se 4 colheres, das de sopa, de Karo, Rótulo Azul. Unta-se uma fôrma Pyrex com manteiga e põem-se dentro camadas alternadas de feijão branco e cebola picada. Em cima, colocam-se 6 costeletas de porco bem temperadas e passadas em 2 colheres, das de sopa, de Maizena Duryea. Despeja-se por cima 1 cálice de vinho. Leva-se a fôrma ao forno moderado, durante uma hora, e viram-se as costeletas quando estiverem douradas de um lado. Servem-se na própria fôrma.

PIMENTÃO RECHEADO DE LEGUMES

Seis pimentões verdes; Três colheres das de sopa, de cebola cortada; Três colheres das de sopa, de azeite; Uma lata de milho; Uma chicara de tomates cortados; Uma chicara de cenouras cortadas; Uma pitada de sal e outra de pimenta.

Cortar as pontas dos pimentões e remover-lhes as sementes. Aferventá-los em água com sal, durante cinco minutos. Dourar a cebola no azeite, acrescentar os legumes, juntando o sal e a pimenta. Recheiar os pimentões com a mistura e cobri-los com pó de rosca. Levar ao forno para tostar, durante trinta minutos.

PÃO DE AVEIA

Três chicaras de aveia; Meia chicara de açúcar mascavo; Duas colheres das de chá, de

Notas

Estabelecimentos que contribuem para manutenção da secção "O Leite e seus Derivados", em nossas páginas:

A. J. Byington

Alves, Azevedo & Cia.

Gonçalves Salles & Cia.

Usina Dominio

Usina União de Laticínios

Fábrica Produtos Alimentícios "Vigor" S. A.

Cooperativa Central de Laticínios

Laticínios "Léco".

sal; Uma colher das de chá, de fermento "Royal"; Uma chicara de água fervendo; Uma chicara de leite; Uma "tablete" de fermento "Fleischman"; Meia chicara de água morna; Cinco chicaras de farinha de trigo.

Misturar a aveia, o açúcar, o sal e o fermento. Juntar a água fervendo e mexer bem. Cobrir a mistura, deixando-a descansar durante uma hora. Juntar o leite, o fermento "Fleischman" dissolvido na água morna e a farinha de trigo. Cobrir e deixar crescer até que a massa dobre de volume. Bater a massa, deixando-a crescer durante quinze minutos. Fazer os pães, pondo-os em formas untadas de manteiga. Deixar a massa crescer nas formas, até que dobre de volume. Levar a forno quente, durante quinze minutos. Em seguida, reduzir a temperatura do forno e deixar assar, então em forno moderado, durante mais 40 minutos.

Manteiga VIADUTO

A MANTEIGA DE PUREZA ABSOLUTA. — QUALIDADE E SABOR INEGUALAVEIS. — FABRICADA COM TODOS OS REQUISITOS TÉCNICOS EM FÁBRICAS MODELARES.

Prefiram em sua mesa a melhor manteiga

Fabricantes: Alves, Azevedo & Cia.

RUA AURORA, 60 — SÃO PAULO

Fábricas em:

São Simão, Casa Branca, Rio Preto, Santa Barbara do Monte Verde e Tratuba.

MANTEIGA VIADUTO — sempre a melhor

Cotações dos Produtos Lácteos

Movimento de Janeiro
de 1947

LEITE (Litro)

1.º — DE CONSUMO EM S. PAULO E SANTOS:

Preço para o consumo em S. Paulo e Santos, aos produtores de acordo com de- liberações — mínimo	Cr\$ 1,60	2,50
Da usina para o varejista		4,00 a 5,80
Preço de venda a domicílio: tipo A (de granja) de		3,80
" B		2,80
" C		

2.º — DE CONSUMO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (De acordo ofício n.º 1467, de 9-8-46).

Preço a ser pago pelas usinas, coope- rativas ou não aos produtores	Cr\$ 1,60	Preço de venda pelos postos à domici- lio, ½ litro CEL	Cr\$ 1,60
Preço do entreposto para a usina	2,10	Preço das leiterias para os ambulan- tes, litro	2,50
Preço do Entreposto para as leiterias, entregue no Entreposto	2,25	Preço dos ambulantes à domicílio, litro ..	2,80
Preço do Entreposto para os "carros tanques"	2,30	Idem, idem ½ litro	1,50
Preço dos carros tanques, litro	2,50	Preço das leiterias, no balcão, litro .	2,50
Preço dos carros tanques, ½ litro	1,30	Idem, idem, ½ litro	1,30
Preço de venda nos postos, a granel, litro	2,50	Idem, idem, ¼ litro	0,70
Idem, idem, ½ litro	1,30	Preço das leiterias para os cafés, li- tro inclusive carreto	2,60
Preço de venda pelos postos à domici- lio, litro CEL	3,00	Preço das leiterias e cafés, servido nas mesas	3,00
		Idem, idem ½ litro	1,60
		Idem, idem ¼ litro	0,80

3.º — DE CONSUMO EM CIDADES NO INTERIOR DO ESTADO DE S. PAULO.

Preço para os produtores — mínimo	Cr\$ 1,20
Preços de venda a varejo, em cidades onde existem usinas, até	1,50
Idem em Rio Preto e Sorocaba	1,60
Idem em Marília, Campinas e Piracicaba	1,90
Idem, em cidades onde não existem usinas, de	1,00 a 1,30 (*)

DESTINADO AO FABRICO DE DERIVADOS — Est. de São Paulo

Leite integral, entregue na fábrica ou usina — mínimo — Interior	Cr\$ 1,00
Leite integral, entregue na fábrica ou usina — mínimo — Capital	1,10
Leite integral posto na fábrica pago pela forma de gord. butirométrica	0,50 a 0,60
Em creme, entregue na fábrica, ficando o produtor com o leite desnatado ..	0,50 a 0,55
Em creme, na fazenda	
Gordura butirométrica, na fábrica, ficando o produtor com o leite desnatado, por quilo	Cr\$ 13,00 a 16,00
Gordura butirométrica, na fazenda, transporte por conta da fábrica, ficando o produtor com o leite desnatado	12,00 a 13,00

M A N T E I G A (KS.)	São Paulo			Rio de Janeiro		
	Fabricante e Importador	Atacadista	Varejista	Produtores aos atacadistas	Atacadista aos varejistas	Varejistas aos consumid.
	Cr\$	Cr\$	Cr\$		Cr\$	Nacional ou estrangeira
Emp. e Rotul. auto- máticamente ou em latas de peso infe- rior a 4 ks.	16 à 19,00		22 à 24,00	Cr\$ 17,00	18 à 19,00	Cr\$ 20,00
Extra	14 à 19,00					
De 1.a						
2.a (sem sal)	12 à 13,00					
2.a (com sal)						
Estrangeira	16,00	18,00				

(*) Atinge às vezes Cr\$ 1,80 e mais.

Nota — Manteiga e queijo argentino. Não tem havido entrada. Há escassês na Argentina.

Q U E I J O Kg. — produtos de 1.a qualidade (Atacado)	A t a c a d o	
	São Paulo	Rio de Janeiro
Prato	Cr\$ 12,00 a 14,00	14,00 a 16,00
Parmesão Nacional	14,00 a 15,00	
Parmesão Argentino	18,00 a 19,00	
Minas	10,00 a 12,00	10,00 a 12,00
M. Curado	12,50 a 13,00	12,50 a 13,00
Tipo Reino — enlatado, ex. de 12 fôrmas	400,00 a 450,00	
embrulhado papel celofane, idem		
Clab (fundido) ex. c/ 48 pacotes de ¼ kg., c/ pacote (Marca "Borboleta") ex. c/ 4 blocos de 2½ kgs. ...	5,00-5,30 48,00	5,00-5,30 48,00
L E I T E C O N D E N S A D O		
Caixa de 48 latas de 400 grs., líquido		170,00
LEITE EM PO' — (a granel) Kg.		
Magro		
Gordo		
L A C T O S E "Boeke" — kg.		
Em saca de 20 kgs.		
Em lata de 10 kgs.		
Em lata de ½ kg.		
C A S E I N A — kg.		
De 1.a qualidade	5,50	6,00-7,00
Argentina	8,00	7,00-8,00

★ Ofertas e Procuras ★

B O V I N O S

GADO HOLANDES — Vendem-se 2 touros e 5 bezerros puros de pedigree e algumas vacas e bezerras mestiças. Granja Vianna, Km. 23 da Estrada de Cotia. — Caixa Postal, 3520 - Tel. 2-7101 - S. Paulo.

REPRODUTORES HOLANDESES — Ven- de-se um lote de 20 novilhas e vacas ho- landesas e 3 touros, um puro sangue. Fa- zenda Lagôa Alta, Caixa Postal, 11, Ara- ras, C. P. — Estado de S. Paulo.

B O D E S E C A B R A S

BODES ANGLO-NUBIANOS — Puros San- gue. Filhos de reprodutores emprestados do Governo. Sem registro. Filhos de ca- bras puras de produção mínima de 2 li- tros de leite. Cartas a esta redação.

G A D O G I R

GARROTE GIR — Compra-se um puro, de 2 a 3 anos de idade, ofertas para J. Lu- pion Filho. Caixa Postal, 18. Itapetininga, E.F.S. — São Paulo.

L A C T I C I N I O S

MANTEIGA — Vendemos qualquer quan- tidade. Fábrica de Manteiga "Iris", Jabo- ticabal, Araraquara e Catanduva.

P O T R O S C R I O L O S - A R G E N T I N O S

Estão à venda dois potros puro sangue, de pedigree, importados, de 3 anos de idade, um de pêlo lubuno e outro bragado. In- formações: Fazenda São Luiz, Pôrto Ama- zonas - E. do Paraná, ou em Curitiba, Rua Mons. Celso, 234, Est. Paraná.

Revista dos Criadores

Volumes encadernados. Temos à venda edições de 1944 e 39 a Cr\$ 90,00. Pedidos à redação.

Preço para publicidade: Altura, 2 cms.: 1 vez, Cr\$ 40,00; 6 vezes, Cr\$ 230,00 e 12 vezes, Cr\$ 460,00.

A ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS
Rua Senador Feijó, 30 — São Paulo

Junto Cr\$ 100,00 para inscrição do meu nome como sócio CONTRIBUINTE, dessa ASSOCIAÇÃO, a começar dêste mês: Data

Nome do criador

Nome da Fazenda

Cidade

E. F.

REUNINDO quasi três mil sócios, a Associação de Criadores vale como força somada de todos eles. E quando se empenha em benefício de um, é como se todos se empenhassem juntos, ajudando. * 80% dos sócios que iniciaram a Associação ainda nela permanecem, após 19 anos! * Temos 300 sócios há mais de 11 anos! * E 500 há mais de 6 anos! * O número de sócios aumenta dia a dia! * Inscrever-se na Associação dos Criadores é fortalece-la e fortalece-se! Porisso, em nome de todos os nossos companheiros, fazemos a Você este convite amigo: *seja UM dos nossos e teremos TRÊS MIL por você.* Preencha e nos envie a proposta acima, acompanhada da sua primeira anuidade.

Envie o cupom ACIMA para obter a matrícula na Associação

Envie o cupom ABAIXO para obter sua assinatura da revista

* A *Revista dos Criadores* é um resumo do mundo pastoril, e correlato, nacional e estrangeiro. * Esse mundo (no qual giram seus negócios), fica assim, todo mês, ao seu alcance — em suas mãos. * E quanto vale isso para um homem de iniciativa, para uma organização progressista! * Com apenas quarenta cruzeiros anuais, o sr. receberá, antes de qualquer outra, esta revista completa dos assuntos que lhe interessam. * Subscreva hoje mesmo a *Revista dos Criadores* e essa cooperação será em seu próprio benefício. * (Os sócios da A.P.C.B. recebem a revista gratuitamente).

A ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS
Rua Senador Feijó, 30 — São Paulo

Junto Cr\$ 40,00 para assinatura da “Revista dos Criadores”, a começar dêste mês: Data

Nome do criador

Nome da Fazenda

Cidade

E. F.

Estado

Para sua segurança, e nossa também, faça a remessa em carta com Valor declarado, Vale Postal ou Cheque.

Qual a parte mais importante do seu cavalo?



Num cavalo de lida, o mais importante é o lombo. Quantas vezes não se larga um animal, por dias e meses, por estar pisado!

Tendo na fazenda a Pasta Caloá isso não se dá mais. Em caso de PISADURA ou qualquer outro ferimento superficial, basta aplicar uma vez por dia a Pasta Caloá e obterá cura fácil, rápida e econômica.

A Pasta Caloá é o mais poderoso protetor do umbigo dos bezerros recém-nascidos e abrevia o tratamento da UMBIGUEIRA dos touros. Peça Pasta Caloá em pote ou lata, usando o recorte abaixo.



Pote de 300 gr., Cr\$ 18,00



Lata de 500 gr., Cr\$ 20,00

A A.P.C.B. — Rua Senador Feijó, 30 — S. Paulo:

Para remessa imediata de latas
potes de Pasta

Caloá, estou enviando a importância de Cr\$00.

Meu nome completo
(escrito bem claro)

Endereço
(Fazenda, Cidade, Rua, Número, Estado)

Dinol - além de pião é dotôr!



DA gôsto ver como sara uma criação atacada de diarréia e tratada com Dinol. Na fazenda, o Anti-Disentérico Dinol vale o mesmo que um pião, visto que facilita o trabalho de todos, curando logo e salvando tempo para outros serviços. Se aplica tanto em leitão como em galinha, tanto em bezerro como em gado grande. Fácil de dar por boca, nunca faz mal, sai barato e, além de curar, desinfeta as fezes, evitando novos contágios. Porisso, o patrão enche o peito e garante: "Dinol, além de pião é dotôr". Peça-nos amostra gratuita ou encomende quantos vidros precise à farmácia mais próxima.

- ★ O Anti-Disentérico Dinol é dado por boca, em qualquer estado, idade ou espécie de animal - não tem contra-indicações; pode ser guardado muito tempo, nunca se estraga.
- ★ Os maiores criadores do Brasil afirmam as vantagens do Dinol.
- ★ Prefira o Concentrado para um litro, que sai ainda mais barato.
- ★ Preencha o cupon abaixo e nos envie. Receberá uma amostra grátis. Não deixe faltar Dinol na fazenda.

LABORATÓRIO
ULTRASAN LTDA.



Por Cristiano Viana, 397
São Paulo

Fabricante do famoso
> pó de Cargentel

PRODUTOS DE PRATA
QUE VALEREM OURE!



GRÁTIS

Cupon

Peço mandar uma amostra gratuita do Anti-Disentérico Dinol

Para: _____
(nome bem claro)

Endereço: _____
(Fazenda, cidade, rua, número, Estado)